

ANA LÍDIA FERREIRA

**ESPAÇO E LUGAR: UMA ANÁLISE FENOMENOLÓGICA DA PERCEPÇÃO
DOS MORADORES DE JANAURI FRENTE À DINÂMICA DO TURISMO.**

Dissertação apresentada a Universidade Federal do Amazonas, como pré-requisitos para a obtenção do título de Mestre em Geografia (área de concentração: Território e Cultura na Amazônia).

Orientadora: Prof^a. Dr^a Amélia Regina Batista Nogueira.

MANAUS

2013

Dedico a minha mãe, pelo apoio e incentivo ao longo da minha vida. Ao Tiago meu filho, presença constante na construção desse trabalho. Meu irmão João (Nene), por todo apoio e colaboração.

AGRADECIMENTOS

A Deus pelo dom da vida, a meu guia espiritual, meu anjo da guarda pela força e iluminação nas horas difíceis.

A meus pais, Seu João e dona Alcina, pelo apoio incondicional. Minha mãe presença constante, fonte de inspiração nessa caminhada que sem a qual não teria conseguido.

A Tiago, meu filho amado, pelos afagos e carinhos nas horas de cansaço, por viver intensamente esse processo comigo. Por ter me concedido o maior título que uma mulher pode ter: SER MÃE.

A meus Irmãos, Mane, Nene (parceiro constante em meu trabalho de campo), Adilson (in memória), minhas irmãs Caca e Penpenha, pelo apoio, incentivo. Por tudo.

Aos meus sobrinhos, pelo carinho, incentivo, em todos os momentos.

Aos meus amigos, Daniel Sales, David Franklin, Exodo, Cleuldes, as amigas, Danuzia, Katiana, Nonata, Cimone, Glaucia, Joanne Cavalcante, Larissa, por ser meu porto seguro.

A Thais Luise (TATA), pelo companheirismo, pelos momentos de alegrias e de dor que partilharmos. Por ser esse presente lindo de Deus em minha vida.

A Elisandro Sampaio, pela ajuda constante nessa caminhada, colaborador na construção desse trabalho, mas principalmente por ser um desses presentes lindos que a vida nos proporcionam. Anjo meu sem palavras para agradecê-lo.

A Rosilene minha querida (Nena), por ser minha fonte de inspiração.

Aos moradores de Januari, Edson Paulo, dona Georgina, Seu Demetrio, seu Givaldo, seu Jorge, seu Nelson, seu Luis, seu Raul, dona Alcineide, dona Marta, dona Julia, Karina, Rodrigo.

A minha orientadora Amélia Regina, pelas orientações, carinho e atenção, por ter me ensinado que a razão e sensibilidade precisam caminhar juntas.

A Universidade Federal do Amazonas- UFAM, ao programa de Pós-Graduação em Geografia.

A CAPES pelo apoio financeiro para construção dessa pesquisa.

A todos que contribuíram direto ou indiretamente na construção dessa pesquisa.
MUITO, MUITO, MUITO OBRIGADA.

Epígrafe

“Mais importante que saber é nunca perder a capacidade de sempre mais querer aprender, mais que do que poder necessitamos de sabedoria...” Leonardo Boff

Resumo

A geografia humanista de bases fenomenológica existencial alicerça o aporte teórico adotado por nós na construção desse trabalho. Compreender a percepção dos moradores de Januari frente à dinâmica do turismo, assim como conhecer a paisagem do lugar, e compreender como os moradores o percebe e o representa, constitui os objetivos da pesquisa. Este trabalho tem como importância o pensar o lugar para além das perspectivas dos elementos físicos, que o constitui, mas pensá-lo em sua complexidade, onde os elementos físicos e humanos são tecidos juntos na constituição do mesmo, o que encaminha para valorização de um modo de vida e de uma cultura. Este trabalho buscou estudar Januari como o lugar onde homens e mulheres estabeleceram a base do seu ser, a partir das experiências, constituindo assim o mundo vivido dos mesmos. Além de refletir o lugar a partir da relação existencial de seus moradores, este trabalho tem em sua importância, promover uma reflexão a cerca do turismo que não tivesse apenas no viés economicista dessa atividade. Este foi compreendido por nós como fenômeno das experiências humanas. Januari, lugar por nós estudado, pertence ao município de Iranduba, estado do Amazonas, aproximadamente 25 km de Manaus, Januari tem como base de sua economia o turismo e o artesanato. A abordagem teórico-metodológica foi a fenomenológica. Sendo esta uma pesquisa qualitativa, adotou-se como procedimentos metodológicos a história oral de vida dos habitantes e a elaboração de Mapas Mentais. Este trabalho possibilitou conhecer um lugar que não se constitui apenas de ricas belezas naturais, mas principalmente de homens e mulheres que construíram, reconstruíram, se reconhecem, se orientam e identificam enquanto “gente do lugar”. Por meio das suas experiências, representa o lugar onde eles alicerçaram suas vidas, um lugar por eles vivido, um lugar de existência humana, chamado por todos de Januari.

PALAVRAS CHAVES: Geografia Humanista, Lugar, Januari, Paisagem, Percepção, Turismo.

Summary

The geography humanistic existential phenomenological bases underpinning the theoretical construction adopted by us in this work. Understanding the perception of residents Janauari front dynamics of tourism, as well as knowing the landscape of the place, and understand how residents perceive and represents, constitutes the research objectives. This work is important to think about the place beyond the perspectives of the physical elements, that is, but think of it in its complexity, where the physical and human elements are woven together in the same formation, which leads to the recovery of a way of life and a culture. We aimed to study Janauari as the place where men and women laid the foundation of his being, from experience, constituting the world lived the same. Besides reflecting the place from the existential relationship of its residents, this work has its importance, promote reflection about tourism who had not only viéis economic this activity. This was understood by us as a phenomenon of human experience. Janauari, instead we have studied, belongs to the municipality of Iranduba, Amazonas state, about 25 km from Manaus, Janauari has based its economy tourism and crafts. The theoretical and methodological approach was phenomenological. Since this is a qualitative research was adopted as the methodological procedures oral history of life of the inhabitants and the development of Mind Maps. This study has helped understand a place that is not only rich in natural beauty, but mostly of men and women who built, rebuilt, recognize, identify and orient themselves as "people of the place." Through their experiences, represents the place where they underpinned their lives, they lived in a place, a place of human existence, called by all of Janauari.

KEYWORDS: Humanistic Geography, Place, Janauari, Landscape, Perception, tourism.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – artesanato boneca	39
Figura 2- carrancas.....	39
Figura 3- processo de confecções das flechas.....	40
Figura 4- mapa de localização de Iranduba.....	47
Figura 5- mapas dos hotéis de selva de Iranbuba.....	50
Figura 6- mapa de Januari	52
Fugura 7- mapa mental de Januari.....	53
Figura 8- lago de vitorias Regias.....	54
Figura 9- fauna de Januari- pássaros aquáticos.....	54
Figura 10- fauna de Januari- jacaré.....	55
Figura 11: mata de Terra Firme.....	55
Figura 12- mata de igapó	56
Figura 13- Mata várzea.....	56
Figura 14- Palmeira de Jauari.....	58
Figura15- primeira escola de Januari.....	59
Figura16- escola e januari.....	60
Figura 17- posto médico.....	60
Figura 18- campo de futebol.....	61
Figura 19- área de lazer.....	61
Figura 20- igrejas de Januari.....	62
Figura 21- Festa do artesanato.....	63
Figura 22- morador pescando.....	67

Figura 23- morador fazendo refeições.....	68
Figura 24- crianças nadando no lago.....	77
Figura 25- mapa mental de dona Georgina.....	86
Figura 26- Vila do Peruano.....	87
Figura 27- Vila de São Pedro.....	87
Figura 28- mapa mental de seu Demétrio.....	88
Figura 29- Mapa mental de seu Nelson.....	89
Figura 30- mapa mental de seu Edson Paulo.....	91
Figura 31- mapa mental de seu Mario Jorge.....	92
Figura 32- cabaças bordadas.....	99
Figura 33- Sementes Tendo.....	100
Figura 34- Seu Jorge e o filho confeccionando artesanato.....	101
Figura 35- Seu Demetrio confeccionando artesanato.....	101

LISTA DE SIGLAS

AMAZONASTUR: EMPRESA ESTADUAL DE TURISMO

APA: AREA DE PROTEÇÃO AMBIENTAL

ASFAST-JAN: ASSOCIAÇÃO DA FEIRA DE ARTESANATO DE JANAUARI

ASPROARTS-JAN: ASSOCIAÇÃO DOS PRODUTORES DE ARTESANATO DE JANANAUARI

EMBRATUR: EMPRESA BRASILEIRA DE TURISMO

IBAMA: INSTITUTO DE MEIO AMBIENTE E RECURSOS NATURAIS RENOVAVEIS

IBGE: INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA

INPE: INSTITUTO NACIONAL DE PESQUISAS ESPACIAIS

MTUR: MINISTERIO DO TURISMO

OMT: ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE TURISMO

ONU: ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS

PDRM: PLANO DIRETOR DA REGIÃO METROPOLITANO DE MANAUS

PROECOTUR: ECOTURISMO NA AMAZONIA LEGAL

RDS: RESERVA DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

UCS: UNIDADES DE CONSERVAÇÃO AMBIENTAL

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
1 TURISMO E MUNDO VIVIDO: UMA ABORDAGEM NA PESPECTIVA DA GEGRAFI HUMANISTA.....	15
1.1 Geografia Humanista e sua Abordagem Teórica.....	19
1.2 Turismo Fenômeno Humano.....	24
1.2.1 Turismo Fenômeno Cultural.....	27
1.2.2 Turismo e suas Definições.....	29
1.2.3 Turismo e suas Abordagens.....	30
1.2.4 Segmentação Turística, o Turismo em Janauari.....	31
1.3 O Mundo Experienciado em Janauari.....	34
2 JANAUARI: A PAISAGEM DO LUGAR.....	45
2.1 Janauari: A História do Lugar.....	46
2.2 A Paisagem na Dinâmica do Lugar.....	64
3 O RESSIGNIFICADO DO LUGAR: TURISMO EM JANAUARI NA PERCEPÇÃO DOS MORADORES.....	70
3.1 Janauari um Lugar de Existência: A Percepção de seus Moradores.....	73
3.2 Ressignificação do Lugar Através dos Mapas Mentais dos Moradores de Janauari.....	81
3.3 Mapa Mental de Janauari.....	84
3.4 O Lugar na Dinâmica Turística.....	93
3.5 Artesanato e sua Prática Local.....	98
CONSIDERAÇÕES E PREPOSIÇÕES.....	104
REFERENCIAL.....	110

INTRODUÇÃO

O conhecimento geográfico sempre esteve presente na condição de existência de cada homem, como bem nos indica o geógrafo francês Eric Dardel (2012), ele nos diz que o homem e a terra estão interligados, o que confere ao homem um conhecimento a cerca do mundo. Este direcionamento que dado por Eric Dardel, encaminhos para o pensamento do também Frances, o filósofo Merleau-Ponty, quando este nos diz: “o mundo não é aquilo que penso, mas aquilo que vivo”. Podemos por meio destes teóricos pensarmos que conhecimento geográfico dar-se a partir das experiências que o homem tem com mundo, a partir dos seus “lugares vividos”, como nos abrilhanta (Nogueira 2001).

É na perspectiva desse conhecimento geográfico que, alicerçamos esse trabalho, intitulado por nós como: Espaço e lugar: Uma análise fenomenológica da percepção dos moradores de Janauari frente à dinâmica do turismo.

O contato com a comunidade de Janauari dar-se no período de graduação quando me foi atribuído o trabalho de elaboração de um diagnóstico e um prognóstico a cerca de Janauari. Dado o pouco tempo não foi possível alcançar todos os anseios que surgiram no decorrer do trabalho, tal limitação ocasionou algumas inquietações que, por consecutivo, nos permitiu a elaboração desta pesquisa.

Este trabalho teve como objetivo buscar compreender a percepção dos moradores de Janauari diante a dinâmica do turismo; bem como conhecer acerca da paisagem de Janauari, esta entendida por nós em sua complexidade; conhecer a dinamicidade do turismo presente no lugar; compreender se o artesanato é resultado da relação do homem com lugar ou se esta prática foi trazida pelo turismo, e ainda compreender como os moradores percebem e representam o Janauari por meio dos Mapas Mentais.

Janauari pertence ao município de Iranduba, Estado do Amazonas, situa-se a 25 km da capital Manaus. A Empresa de Turismo do Amazonas- Amazonastur, aponta

Januari como parte constituinte do Polo de Ecoturismo do Estado do Amazonas, este é parte dos roteiros turísticos desde 1970, como aponta os próprios moradores.

Buscamos compreender o lugar Januari a partir da sua complexidade, que transcendesse a perspectiva de localização geometrizada, das mensurações, mais um lugar de existência humana, a partir do vivido e experienciado pelos seus moradores, o que encaminha para um reconhecimento e uma valorização da cultura local.

Além da valorização do modo de vida de Januari consequentemente da vida amazônica, este trabalho justifica-se ainda, pela importância de promover uma reflexão acerca do turismo que supere a perspectiva economicista que atribuída como forma de identificação essa atividade que é antes de tudo uma atividade das experiências humanas, como bem advoga (Panosso).

Dado os objetivos do trabalho o método por nós adotado é o fenomenológico, pois pautamos nossa discussão na geografia humanista a partir das categorias de Lugar, Percepção, Paisagem e turismo enquanto fenômeno das experiências humanas. Esta é uma pesquisa qualitativa, haja vista trabalhos a percepção dos moradores acerca do lugar e do fenômeno turístico presente em Januari, a partir do vivido e experienciado pelos moradores, e como bem orienta Dartigues (2008), não existe uma geometria da vivência. Este trabalho é inexato por essência.

O primeiro momento deste trabalho constitui-se de um levantamento bibliográfico, onde buscamos os aportes teóricos para embasarmos as discussões teóricas, bem como o entendimento a cerca das categorias abordadas por nós, a saber; lugar, percepção, paisagem, turismo.

O segundo momento caracteriza como sendo nossa pesquisa de campo, onde por meio da oralidade dos moradores participante da pesquisa, buscaram-se as memórias do lugar, que nos possibilitou encontrar esse espaço vivido por esses moradores. Trabalhamos com 12 moradores com faixa etária de 30 a 80 anos, e que residissem a pelo menos 20 anos em Januari, e que este estivessem ou estiveram envolvidos com o turismo e com o artesanato.

Adotamos como procedimento metodológico a história oral de vida, e os Mapas Mentais para compreendermos como percebem e representam o lugar por eles vivido,

pois estas imagens dar-se a partir das experiências estabelecidas do homem para com o lugar, como nos explica (Nogueira 2001). Estes momentos citados nos encaminharam para que estruturássemos esse trabalho em três capítulos.

No primeiro capítulo, abordamos de forma breve, o caminhar da geografia, consecutivamente adentramos na perspectiva acometida por nós a Geografia Humanista, que nos possibilitou refletirmos sobre o turismo no espaço geográfico a partir das relações e das experiências humanas presente nos lugares onde ocorre o turismo, e de forma mais específica no lugar por nós estudado, Janauari. Ao promover esta reflexão da Geografia Humanista e do turismo, por meio do mundo vivido de Janauari, nos permitiu compreender o turismo como fenômeno das experiências humanas, como propõe (Panosso 2010).

O segundo capítulo alicerça-se na discussão da categoria paisagem, esta compreendida por nós em sua complexidade. Por meio da oralidade, buscamos nas memórias dos moradores a história do lugar. Como se relacionam e interpretam, os signos geográficos. A paisagem foi compreendida por nós como a associação dos elementos físicos e culturais. Apresentamos também a localização por meio da cartografia oficial, e por meio do mapa mental dos participantes da pesquisa.

No terceiro é último capítulo, explicitamos a relação existencial dos moradores Janauari para com o lugar, compreendendo como esses moradores percebem e representam os signos e símbolos geográficos que constrói para eles, esse lugar vivido, bem como a relação de afetividade e pertencimento, e ainda como os mesmos percebem o turismo e como vivenciam com este fenômeno existente em Janauari.

Nossas considerações e proposições pautam nos aportes por nós adotados e sempre correlacionando com da realidade de Janauari. Buscamos dar um olhar de forma mais geral a Janauari a partir do morador local, e que nos permite dizer que alcançamos nossos objetivos. Objetivos alcançados tornaram-se necessário enquanto pesquisadora fazer as proposições. Estas alicerçaram nos pressuposto de pensar o ecoturismo de base comunitária para Janauari, buscando por meio da geografia humanista a possibilidade de se pensar o turismo em perspectiva mais humanizada, onde seja o homem e de forma mais específica o morador de Janauari, o centro dessa atividade, onde prevaleça a valorização do modo de vida e da cultura local.

1. TURISMO E MUNDO VIVIDO: UMA ABORDAGEM NA PERSPECTIVA DA GEOGRAFIA HUMANÍSTA

Neste momento procuraremos evidenciar os aportes teóricos que alicerçaram esta pesquisa, evidenciando as perspectivas a qual abordaremos e, de forma breve, ratificar o caminhar da Geografia enquanto conhecimento e sua solidificação como ciência, no entanto, não temos a pretensão de fazermos uma discussão epistemológica da Geografia.

Para olhar esse caminhar da Geografia é preciso refletir a partir do que Diniz (2009) ressalta sobre a geografia. Este afirma que a mesma se solidifica enquanto ciência no século XIX, mas que esta era parte do pensamento dos povos da antiguidade. Pensar o espaço e as relações que o homem estabelecia com a natureza não era algo exclusivo da Geografia enquanto ciência, os povos antigos da qual podemos destacar: gregos, egípcios, romanos, dominavam, controlavam, reproduziam cultura em seu espaço, portanto, faziam Geografia.

Percebe-se que o conhecimento geográfico sempre esteve presente na vida do homem, seu conhecimento acerca do lugar, sua maneira de se relacionar e de dominar o mundo a qual se vive.

Diniz (2009) elucida que a relação homem/natureza, representações cartográficas, os relatos de viagens e as descrições regionais, conhecimentos que acompanham a humanidade desde as civilizações antigas, dessa maneira a geografia configura-se também como um conhecimento que está intimamente ligado à condição humana. A geografia científica tem seu primeiro trabalho logo após a revolução científica, com base na cartografia, na matemática, procura estudar as formas e como se ocorre à distribuição dos homens, mercadorias, na superfície terrestre e ainda estudando também as diferenças regionais. Neste contexto a mesma assume característica individual que a diferencia das demais áreas do conhecimento.

Percebemos então uma Geografia descritiva da terra, e o domínio humano acerca da mesma que encaminha para uma ciência preocupada em quantificar a natureza como forma de dominá-la. Diniz (2009) salienta que, estes trabalhos antecedem à consolidação da revolução científica ocasionada pela racionalização, o conhecimento por meio de uma metodologia científica de observação, dedução e experimentação, sendo as bases das ciências naturais. Racionalidade que alcançou os dias atuais, sendo utilizado pelas diferentes áreas do conhecimento. Esta racionalidade alcança a Geografia ainda que tardiamente no início do século XIX.

Podemos pensar nesta perspectiva da Geografia enquanto ciência a partir do que coloca Dardel (2010, p.01), “a geografia enquanto ciência é fruto característico do espírito ocidental do século XIX”. Ao término da idade média e do humanismo o mundo estava envolto aos problemas econômicos, psicológicos, e sociais, tais fatos desperta neste homem o desejo de domínio e poder sobre o mundo a qual vivia, este homem passa a entender que é necessário estudar o espaço como uma forma de dominar o universo, e que para tal era necessário, medir, calcular, analisar o espaço sendo estas as bases que alicerçaram a geografia científica.

Percebemos que tais fatos direcionam a Geografia para uma cientificidade, preocupada em entender o universo apenas na sua extensão. O geógrafo Eric Dardel (2010), diz que mesmo antes dessa exatidão científica da Geografia, o conhecimento geográfico sempre acompanhou o homem, o desejo que este possui de conhecer outros lugares de alcançar o desconhecido sempre estiveram presente na história humana.

No entanto conseguir a cientificidade da Geografia não foi algo muito fácil, dado as dificuldades de se estabelecer bases matemáticas para um conhecimento que se alicerça em bases humanas o que dificulta ou inviabiliza a quantificação, Diniz (2009, p.22) afirma que:

“A demora em estabelecimento de bases científicas para investigação de temas geográficos pode estar relacionado a dificuldade de se aplicar ao modelo de ciência físico-matemática, consolidada por Isaac Newton, ao estudo de fenômenos sociais e de muitos fenômenos de natureza que envolve relações variados” (Diniz 2009, p.22).

Percebe-se que era necessária uma abordagem que incluísse a natureza e o homem, sendo este o caminho para complementar a ciência geográfica.

As bases da ciência geográfica se dão a partir dos trabalhos de Humboldt e Ritter como elucidada Diniz (2009). O autor explica que Humboldt busca em suas descrições naturalistas, o rigor científico característico do iluminismo, enquanto que Ritter busca o racionalismo e o romantismo, destacando assim a importância de ver a natureza como um todo, incluindo o homem e a relação que o mesmo estabelece com o meio. Sendo estes os fundadores da geografia científica.

Inúmeras foram as definições para a Geografia e por muito tempo vigorou o pensamento da geografia como ciência empenhada para estudar as diferenças regionais. Outras definições irão surgir a partir de uma análise da influência do homem e o meio. Segundo Christofolletti (1985 p.12), a Geografia era definida como “estudo dos grupos humanos na relação com o meio geográfico” como se o homem não fosse parte desse meio geográfico.

O geógrafo francês CLAVAL (1978) salienta que a geografia se estrutura a partir de explicações lógicas a cerca do mundo, o geógrafo era incapaz de orientar o homem, definir projetos ou tentar planejar de alguma forma o futuro, para que isto acontecesse seria necessário chegar até a sociedade ao homem, estes geógrafos não percebiam que o ambiente era um meio da ação humana.

Percebemos a dicotomia existente na Geografia, onde visualizamos a Geografia física se afirmando enquanto ciência, pelo seu rigor metodológico que lhe confere tal status, e a Geografia humana na busca de sua consolidação. Christofolletti (1985) ressalta que tal dicotomia unia-se ao debate de como conceituar a Geografia: como uma ou várias ciências e que tais debates vem sendo reaberto sem chegar à conclusão definitiva. Tais discussões nos possibilitam entender que a Geografia vem ao longo do tempo sofrendo alterações mesmo depois de ter se firmado enquanto ciência.

Nota-se que esta situação pode ser atribuída às novas perspectivas do século XX, influenciado pelo período pós-segunda guerra. Abre novos debates sobre os aspectos filosóficos e metodológicos, tenta superar as dicotomias, e buscavam acrescentar à Geografia maiores rigores científicos.

Tornando-se evidente que a Geografia ao longo da história busca sua construção e afirmação enquanto ciência, procurando dotar-se dos rigores metodológicos fundamentais para tal consolidação. Em meio a essa busca a Geografia deixa à parte um componente essencial na sua construção: o homem e sua subjetividade. Esta discussão fica à parte, pela sua inexatidão, que não pode ser mensurado, transformada em dados estatísticos.

Apoiamo-nos em Dartigues (2008), quando diz que matemática não alcança, o “vivido, pelo homem”, não existindo assim uma geometria humana da vivência. O autor elucida que:

“A mais perfeita geometria e seu mais perfeito domínio prático não podem de modo algum ajudar o cientista que quer descrever a natureza e exprimir em conceitos geometria exata mesmo que exprime de maneira tão simples, tão compreensível, tão inteiramente apropriado, através de palavras como denteado, entalhado, lenticular, umbeliforme etc.; esses exemplos simples são inexatos *por essência e não por acaso; por essa razão* igualmente eles não são matemáticos” (Dartigues 2008 p. 36).

A Geografia conseguiu sua consolidação enquanto ciência ainda que o homem tenha sido tratado apenas como mero espectador ou como apenas mais um elemento diante dos fenômenos espaciais, onde tenha sido negada essa relação do homem-mundo mesmo antes da ciência. Entretanto, surgem reações à Nova Geografia de abordagem positivista, dentre esta reações podemos salientar a da Geografia Humanista.

Como já elucidamos ao fazer esse percurso geográfico não temos a intenção de discutirmos as obras dos teóricos da Geografia, tal percurso dar-se com intuito de alcançar assim o que de fato se torna pertinente para este trabalho que é a discussão da Geografia Humanista.

De início evidenciamos que a Geografia mesmo antes de se apropriar dos rigores metodológicos para se afirma enquanto ciência já era parte dos saberes de povos antigos. Desta forma, a Geografia estava no mundo mesmo antes de se torna ciência, o conhecimento geográfico era parte dos saberes humanos. A Geografia Humanista busca a valorização desses saberes humanos, a partir das experiências que cada ser humano estabelece com seu lugar.

1.1– Geografia Humanista e sua Abordagem Teórica.

Propomo-nos a fazer uma breve discussão da abordagem teórica da Geografia humanista para que fique claro como a mesma é pertinente para a discussão teórica e metodológica deste trabalho. Procuraremos evidenciar o homem e o lugar não na perspectiva de localização geográfica, mas da relação estabelecida a partir do que é vivido e experienciado. A geografia humanista segundo Holzer, nos permite:

“(...) manter vivo o culturalismo e antropocentrismo em meio a um cenário fortemente quantitativo, (...); respeitando a diversidade de temas e interesses como ‘modus vivendi’, o que manteve aberta para temas novos como da percepção ambiental; a ênfase na interdisciplinaridade.” (Holzer, 1992, p.46).

Por meio das palavras de Holzer, que a geografia humanista busca conhecer o modo de vida a cultura, como o homem percebe-se enquanto ser no mundo.

Claval (2007) diz que dado o fato da Geografia humana surgir como uma ramificação das ciências naturais surgindo assim uma resistência por parte dos geógrafos em considerar esta dimensão humana dentro da Geografia, detiveram-se muito mais a diversidade natural da paisagem, que na originalidade humana.

Entretanto essa perspectiva de desconsiderar a dimensão humana deixa a Geografia com certa incompletude, afinal como poderia a Geografia pensar a Terra e não pensar a dimensão humana? Como poderia esquecer que homem tem a terra como seu ambiente onde o mesmo, constrói, destrói, se relaciona, com os outros, altera a paisagens, deixa impressa nela suas marcas, dar significando por meio dos valores que lhe atribui, constrói seus lugares por meio da afeição.

Em resposta a essa perspectiva nasce a Geografia Humanista que segundo Claval (2007), começa a ser esboçada no início de 1950 na Grã- Bretanha, no trabalho de William Kirp, em estudo do comportamento. Em meados de 1960 surgem os primeiros trabalhos a partir dos pressupostos da Geografia Humanista, no entanto a mesma ganha impulso uma década depois, entre as obras mais significativas podemos destacar o Topofilia, que estuda os valores, a percepção, atitudes, obra publicada pelo geógrafo Yi-

Fu-Tuan. Tuan destaca que o questionamento humano, quanto à sua existência contribui significativamente para uma maior reflexão acerca da Geografia Humanista. O homem questionava as razões de estar na Terra, desejava dar sentido à sua existência e o mundo por ele vivido. Esse pensamento passa ser o ponto de partida dos trabalhos de muitos geógrafos, principalmente, os geógrafos humanistas que trabalham com a perspectiva existencial.

Percebe-se que o homem passa a ser o centro de tal discussão, não a partir apenas da sua relação com a natureza ou pelas classes sociais, mas o homem que vive e experimenta o seu mundo, não é a Terra o objetivo dessa abordagem teórica, mas sim a relação que o homem estabelece com a natureza e como esse percebe seu mundo.

É nesta busca por compreender a Geografia Humanista que Tuan (1985) salienta que a mesma, assume característica decorrente do humanismo provenientes do movimento Renascentista, com uma visão ampla do que é a pessoa humana, e do que ela pode fazer, luta por uma visão mais abrangente. Tenta entender os fenômenos geográficos que revelam a qualidade da conscientização humana.

Esta abordagem geográfica tem em suas bases filosóficas, a fenomenologia, por buscar conhecer o homem e seu meio a partir do que é vivido e experienciado, preocupa-se em entender como o homem percebe e representa o mundo, considerando que este ocorre a partir da subjetividade, do conhecimento, a partir das experiências de cada ser humano.

Isso pode ser constatado a partir do que é colocado por Buttimer (1985 p.185) considera que “a fenomenologia desafia cada indivíduo a examinar sua própria experiência, a torna-se sujeito mais que objeto de pesquisa, procurar denominadores na experiência dos outros”.

Percebemos que a geografia com base na fenomenologia busca estudar o homem e o mundo onde se vive, sem fragmentações, desafiando as primícias das ciências positivas como bem ressaltam Nogueira (2008) ao citar Buttimer, (1976, p.1986):

A fenomenologia foi considerada e criticada como teoria do sujeito. O que seus críticos não sabiam é que não se tratava da substituição do objeto pelo sujeito, mas pensar o sujeito enquanto “ser-no-mundo”. Sendo este mundo,

o “mundo da vida” “não o meio, um mero mundo de fatos e negócio (...) mas um mundo de valores, de bens, um mundo prático” (Nogueira 2008, p. 215)

Em esclarecimento, a importância da fenomenologia como aporte para a Geografia Humanista confirma-se no que diz Christofoleti (1985) ao citar Entrikin, (1976) diz-nos que: “A fenomenologia não é nem uma ciência de objetos, nem uma ciência do sujeito: ela é uma ciência da experiência” (p.22).

A Geografia Humanista permite estudarmos o homem como um “ser-no-mundo”, a analisar suas experiências que ocorreu no tempo e no espaço geográfico, conduz a pensarmos neste homem como o sujeito principal de uma pesquisa, superando a ideia de ser este apenas o elemento que compõem o espaço geográfico. Podemos embasar-nos em Nogueira (2001), para ela:

“A perspectiva fenomenológica da geografia deixa de priorizar a descrição do mundo físico e humano, para descrever o mundo vivido, em que estes elementos são percebidos e interpretados pelos diversos sujeitos que os experienciam... Além de fazer uma minuciosa descrição dos fenômenos pesquisado, a fenomenologia busca estudar o mundo vivido valorizando todas as experiência concretas do homem com este mundo”. (Nogueira 2001: p.22 23).

Ao fazermos esta breve explanação não temos o intuito de levantar uma discussão acerca desta corrente filosófica, mas compreendê-la como base da perspectiva geográfica que iremos abordar; a Geografia Humanista, ressaltando sua importância para estudarmos o Lugar chamado Januari.

Queremos pensar a Geografia que nos fala o geógrafo Eric Dardel (2011) quando nos fala não ser a geografia a descrição da Terra, mas um conhecimento que busca entender e decifrar seus signos e símbolos, que possibilita uma experiência de grande profundidade, onde o homem deixa no espaço as marcas, e consegue vislumbrar suas experiências sejam elas coletivas ou individuais.

A Geografia Humanista compreendida por YI-FU-TUAN (1985), como sendo a reflexão do homem e suas interpretações e experiências bem como as ambiguidades, ambivalência e complexidade, entendendo assim os símbolos e as aspirações, desta forma entender o mundo a partir da relação homem natureza.

A Geografia Humanista possibilita-nos alcançar as emoções humanas estabelecidas pelas relações que o ser humano estabelece com o lugar ao qual esse habita, Tuan (1985 p.159,160) ressalta a importância da Geografia Humanista, segundo ele:

“A contribuição da Geografia Humanística para a ciência está na revelação de matérias dos quais o cientista, confinado em sua própria estrutura conceitual, não pode estar consciente. O material inclui a natureza e a gama de experiência e pensamento humano, qualidade e intensidade de uma emoção, ambivalência e ambigüidades dos valores e atitudes, a natureza e poder simbólico e as características dos eventos, das intenções e das inspirações humanas”. (1985 p. 159-160).

Com estas elucidações podemos perceber que a Geografia Humanista não está presa aos rigores metodológicos da ciência quantitativa, mas conduz ao um estudo qualitativo que oportuniza estudar o homem e sua subjetividade, dada a partir das suas categorias de análise.

O espaço e o lugar são as categorias de análise importantes para a abordagem da Geográfica, onde o espaço dar-se a partir de uma complexidade, que ocorre por meio da percepção dos sentidos humanos, que possibilita um reconhecimento espacial e temporal. O lugar é evidenciado a partir de como o homem se ambienta e como mesmo se reconhece, e neste momento estabelece uma relação de afetividade.

A Geografia Humanista de bases fenomenológica concebe o espaço e o lugar não pela representação geométrica, mas a partir da experiência vivida, que se transforma em conhecimento que não pode ser mensurado, a Geografia Humanística valoriza a experiência de um grupo ou indivíduo.

O lugar se concretiza a partir das relações estabelecidas que estejam estreitamente ligados com o tempo, passado, presente e futuro, onde se encontra e se reconhece e isso acontece a partir dos significados que são atribuídos a ele.

O lugar que refletiremos será o mesmo lugar que propõe Tuan (1983), este ressalta que o lugar, antes de ser lugar, era um espaço, à medida que o homem vai atribuído valores, símbolos a partir do que vive e experiência, este espaço transforma-se em lugar, é onde o homem se reconhece, orienta-se.

É nessa perspectiva da Geografia Humanista que procuraremos compreender Januari. Sua espacialidade, suas especificidades a partir do que é vivido e experienciado e como é percebido por seus moradores, compreendendo qual a relação de afetividade que estes moradores possuem com o Januari, tornando-o um lugar de existência humana. Sendo assim, torna-se implícito que buscaremos compreendê-lo para além da localização geográfica, como um lugar que traz os símbolos que nos propicia entendermos o lugar Amazônico a partir das experiências humanas dos que aqui habitam.

O mundo experienciado se dá a partir da percepção no trabalho “Topofilia” do autor YI-FU-TUAN (1980), o mundo dar-se a partir dos nossos sentidos, faz o seguinte esclarecimento:

[...] Percepção e tanto a resposta aos estímulos externos, como atividade proposital, na qual certos fenômenos são claramente registrados, enquanto outros retrocedem para a sombra ou são bloqueados. Muitos do que percebemos tem valor para nós, para a sobrevivência biológica, e para propiciar algumas satisfações que estão enraizadas na cultura. (TUAN 1980 p. 4).

É a partir da percepção dos moradores de Januari que procuraremos compreender o lugar que é objeto de nossa pesquisa e suas implicações turísticas. O turismo entendido por nós não apenas como uma atividade de essência econômica, mas como um fenômeno de experiências humanas.

Buscaremos compreender a necessidade de se pensar o homem por meio da Geografia, por meio das relações de diálogo com outras ciências, conhecimentos e saberes. É preciso pensar a Geografia, o homem e o ambiente o que para, SUERTEGARY, (2004) é algo difícil e com muitos conflitos, já que o mesmo dar-se a partir de um processo de socialização da natureza, onde as alterações acontecem também na natureza humana. Tal pensamento nos remete a uma análise do desenvolvimento da prática turística.

O turismo e a Geografia caminham juntos, Gonçalves (2008) enfatiza que a Geografia interessa-se pela atividade turística devido à especialidade da mesma, e o turismo se beneficia devido à capacidade de análise espacial da Geografia. Podemos

pensar no que argumenta Castro (2006) quando esta ressalta que o turismo acontece sob os pilares da territorialidade, espaço, lugar, paisagem, categorias estas próprias da Geografia, destacando assim a dimensão espacial dessa atividade.

1.2. Turismo Fenômeno Humano

O turismo será compreendido por nós como um fenômeno que ultrapassa a condição de uma atividade econômica. Pretendemos compreender como um fenômeno da experiência humana, em que ser humano é o centro da discussão. Para tal nos respaldaremos na perspectiva fenomenológica, que Panosso (2005) apresenta como sendo de grande importância para se pensar o Turismo.

Procuraremos conhecer acerca das terminologias que são estudadas no turismo, sua estruturação, bem como entender as formas de abordagem deste fenômeno, mas principalmente queremos evidenciá-lo como fenômeno das experiências humanas. Esta condição nos é permitida pela perspectiva fenomenológica, já que a mesma busca compreender o que é percebido por aqueles que vivem determinados fenômeno.

Podemos ainda fortalecer este pensamento a partir do que propõe Bicudo citado por Panosso (2010 p. 114): “A investigação fenomenológica trabalha sempre com o qualitativo, com o que faz sentido para o sujeito, com o fenômeno posto em suspensão, com que é percebido e manifestado pelo sujeito”.

Ao usar o método fenomenológico na reflexão acerca do turismo, o pesquisador dá um caráter diferente ao seu estudo, pois este terá a possibilidade de trazer para o centro de sua discussão o homem e tudo o que ele viveu e experienciou, conhecimento este que não é possível mensurar. Esta pesquisa tem como centro o homem de Januári, suas experiências e conhecimento adquirido ao longo da vida.

Quando ouvimos falar em turismo, de imediato nos remetemos a uma atividade econômica de alta rentabilidade, social e contemporânea. Essas perspectivas podem ser atribuídas pelas formas como são direcionados os estudos acerca de turismo, sempre

voltados para a mensuração deste fenômeno e evidenciando sempre os dados estatísticos.

Não podemos negar a perspectiva econômica do turismo e sua dimensão, evidenciado no que destaca Rodrigues (2001 p.17), “o turismo posiciona com um papel significativo na economia mundial, este é responsável pela geração de riqueza que equivale a 6% do PIB global, ficando atrás da indústria de armamento e de petróleo”. No entanto não podemos esquecer que esta é apenas uma de suas faces.

Desta forma percebe-se que o turismo necessita ser abordado como um fenômeno humano e complexo de inúmeras faces, o que dificulta sua compreensão. O turismo é tido como uma área do conhecimento não possui status de ciência, por não ter um objeto e um método de abordagem definido, o mesmo necessita de outras áreas em sua construção como a Economia, Antropologia, Administração, Sociologia, Geografia entre outras, o que muitas vezes leva a fragmentação do conhecimento acerca deste fenômeno.

Panosso (2005) destaca, as inúmeras interrogações sobre o turismo como, por exemplo, o que é o turismo? Quais são suas bases de estudos? Entre tantas outras acabaram conduzindo para uma reflexão filosófica sobre este fenômeno e que na ausência dessa reflexão demonstrou a carência de um conhecimento acerca do turismo. Advoga ainda que a falta dessa reflexão filosófica dar-se pela maneira como muitos filósofos percebem o turismo como sendo um por menor de pouco significado e sendo “insignificante” este seria uma pseudofilosofia, no entanto, esquecem que de uma maneira ou outra este fenômeno influencia a vida de todo ser humano.

Jovicic citado por Panosso (2005 p. 93) acredita que a teoria do turismo perpassara pelas bases filosóficas fenomenológicas, acredita que esta seria “a mais apurada e objetiva explanação do turismo como fenômeno espacial, a mais precisa e clara das definições do objeto de pesquisa em turismo”.

Ao evidenciarmos essa discussão não temos a pretensão de propor uma epistemologia fenomenológica para o turismo, mas o propósito de destacar a importância da fenomenologia, já que a mesma tem como proposição o estudo da relação homem-mundo o que emana a necessidade de tê-la como aporte teórico na discussão deste trabalho, haja vista que buscamos compreender a percepção dos

moradores de Janauari frente à dinâmica do turismo, bem como a relação que os mesmo estabeleceram com esse lugar.

Procuraremos compreender o turismo como uma atividade econômica social, bem como suas terminologias e estruturação, mas principalmente como fenômeno humano. O turismo em sua essência fundamenta-se no desejo que o homem tem de viver novas experiências fora do seu local habitual de residência, sendo este o fator que possibilita a estruturação da prática desta atividade, entretanto, os estudos feitos acerca desta atividade humana buscam sempre analisar os serviços de agenciamento, hotelaria, marketing entre outros como esclarece Panosso (2005), estes definidos por ele como um *fato turístico*.

Desta forma pensaremos o turismo como propõe Panosso (2005), “turismo e o fenômeno da experiência” (p.30), não apenas para o turista, mas para todos os que estão envolvidos. Ao turismo não deve está atribuído apenas o simples ato de viajar, a viagem em si é o segundo momento deste fenômeno. O ser humano despertar-se para este fenômeno por meio de um desejo de descanso, e enriquecimento cultural, influenciado por alguma coisa ou alguém. Torna-se assim necessário se planejar para alcançar esse desejo. Podemos caracterizar esse desejo como primeiro momento. O segundo é o ir ao encontro deste desejo: a viagem e o experienciar. O terceiro momento é o que resulta dos dois primeiros a experiência seja ela boa ou ruim, para o turista, empreendedores e demais participante deste fenômeno. A maneira de viver e os desejos que o turismo envolve se diferenciam de acordo com a posição de cada participante, mas ainda assim o resultado final é a experiência adquirida com este fenômeno humano.

Existe um turista antes, durante e depois da viagem. Quanto às comunidades receptoras pode se pergunta: como os moradores percebem? Como compreendem esse fenômeno quando o mesmo ocorre em seu lugar? Qual a relação que o mesmo estabelece com esse visitante? O que se aprende com essa experiência? Quais as sensações que se têm quando se participa de formar significativa deste fenômeno?

Ao entendermos a importância de pensarmos o turismo em uma perspectiva fenomenológica que traz o homem e suas experiências para o centro de discussão, torna-se necessário entendermos também como este fenômeno humano surgiu e como o mesmo tem sido abordado.

1.2.1 Turismo: Fenômeno Histórico e Cultural

O turismo como conhecemos tem seus primórdios na idade moderna com a revolução industrial, assumindo maiores proporção se solidificando na idade contemporânea. No entanto, o hábito de viajar acompanha o homem ao longo de sua história de acordo com as condições históricas de cada época, para tal afirmação partimos da discussão de Panosso (2010) que aponta que o primeiro guia que se tem notícia é de um período conhecido como Pax Romana aproximadamente 30 a.c a 200 d.c, esse guia foi encontrado na idade moderna e renomeado de Descrição da Grécia.

Silva (2007) afirma ainda que a Grécia portava-se de uma organização espacial específica para o turismo, assim como na antiga Roma, segundo ele os romanos foram os primeiros a propiciar infraestrutura necessária como estrada que facilitava o acesso e permitia assim que as pessoas viajassem por prazer. Elucida ainda que o primeiro momento do turismo, época dos grandes impérios como o dos fenícios, gregos, e romanos as pessoas também tinham o hábito de viajar.

Percebe-se uma lacuna entre a construção desse guia e o reencontro do mesmo já na idade moderna, o que nos possibilita pensar que esta atividade teve um começo e fim, não alcançando o momento em que vivemos, mas como já evidenciamos, as condições históricas são fatores determinantes para definir como ocorre esse fenômeno humano.

O turismo, como conhecemos hoje, se origina por volta do século XVII com os *Grand tour* e os *petit tour* ficando em desuso por volta dos fins do século XVIII, tais mudanças podem ser atribuídas às mudanças de valores humanos, mas afinal o que era os *Grand tour* e os *petit tour*?

Grand tour e *Petit tour*, eram viagens empreendidas pelos filhos dos nobres e pessoas com certo poder aquisitivo; entre eles pode se evidenciar os ingleses, franceses e austríacos, as viagens tinham por objetivo maior um enriquecimento cultural, viver novas experiências, contava com a ajuda de uma pessoa que era responsável de

apresentar aos modos de vida do lugar visitado. Podemos compará-los aos guias de turismo de hoje.

O *Gran tour* era viagens com percursos mais longas e *Petit tour* viagens de percurso menores, duravam em tempo estimado de três meses a um ano, não se sabe ao certo detalhes acerca dos roteiros, no entanto a Itália era sempre muito visitado pelo fato ser o berço do Renascimento. Nota-se que neste momento a atividade já demonstrava o desejo da experiência do apreender a partir do que se vive e experimenta.

Cabe-nos questionar quais fatores levaram ao crescimento desse turismo moderno, Panosso (2005) atribui ao deslocamento das pessoas do campo para cidade bem como o fortalecimento que estas tiveram com o desenvolvimento do comércio e da indústria, que provocaram uma necessidade de descanso, de fuga. No século XX com a garantia das leis trabalhista e redução da jornada de trabalho, o desenvolvimento tecnológico, contribuíram de forma significativa para crescimento do turismo.

No sentido etimológico o termo turismo como hoje é conhecido surge na região que hoje é a Inglaterra a mesma era realizada pelos nobres, entretanto o *tour* que na etimologia significa volta, e de origem francesa, ocasionada pelo fato de que essa região era de domínio francês.

A origem do termo pode parecer simples, no entanto este fenômeno humano é detentor de um alto grau de complexidade, como destaca (Silva 2001):

“O turismo envolve e implica uma organização espacial e arranjos que facilitem sua realização, fato que permeia toda sua história. Independente do momento histórico analisado, a organização espacial é uma condição necessária para sua ocorrência, e se manifesta na forma de uma infraestrutura específica”. (Silva 2001 p. 255).

Ao fazermos esta breve explanação de como turismo é presente na história humana, procuraremos agora compreender como este é definido pelos autores que estudam este fenômeno e pela Organização Mundial do Turismo- OMT

1.2.2 Turismo e Suas Definições

A Organização Mundial do turismo- OMT sendo o principal órgão de Turismo junto à Organização das Nações Unidas – ONU, compreende que o turismo é “as atividades de pessoas em viagens e sua permanência nos lugares fora de sua residência habitual por não mais de um ano consecutivo por lazer, negócio e outros propósitos, não relacionados ao exercício de uma atividade remunerada no lugar visitado” (OMT **apud** Panosso 2010 p. 30).

Ignarra (2003) compreende o turismo como sendo um serviço conjugado por um planejamento, promoção e execução aliados aos serviços receptivos de uma determinada viagem que atenda um indivíduo ou grupo, fora de sua residência oficial.

Outra definição trata o turismo como o deslocamento de uma pessoa ou grupo, do seu local de residência em período inferior a três meses e superior a 24 horas, motivada pelo desejo de descanso, lazer e saúde, que não desenvolva nenhuma atividade remunerada. (SANCHO 2001 citado por DIAS 2003).

Constata-se que o turismo possui várias definições e que divergem em algumas colocações, no entanto são sempre direcionadas para as questões econômica, ligados ao objetivo da viagem, e relacionado ao tempo. Ainda que este assuma esta característica economicista o mesmo tem se tornado fator de inclusão social, e de valorização da cultural local, e este é um dos objetivos do Plano Nacional de Turismo (2007- 2010).

Surge à necessidade de compreender o fenômeno turístico e a melhor de forma estudá-lo, passou a ser abordado por inúmeros estudiosos, primeiramente em uma perspectiva econômica e social fragmentando, não conseguindo alcançar sua multidimensões como demonstra Panosso (2005).

1.2.3. Turismo e suas Abordagens

Os estudos que abordam o turismo possuem três fases, como apresenta Panosso (2005): a primeira abordagem é identificada como pré-paradigmática dado ao fato de ter sido constituído uma escola em volta desse pensamento, a análise necessitava de um aprofundamento que permitisse uma comprovação, sua importância dar-se ao fato de ter possibilitado uma análise teórica sobre o turismo, permitindo o avanço no estudo do mesmo. Entre a primeira e a segunda fase existe um processo de transição onde alguns autores como Raymundo Cuervo, Salah-Eldin Abdel Wahab entre outros fizeram a proposta de se pensar o Turismo tomando como base a Teoria Geral de Sistema.

O segundo momento demonstrado por Panosso (2005), o estudo do turismo é identificado como O Paradigma- Sistema de turismo, possibilitando uma visão sistêmica de grande difusão e abrangência no estudo dessa área. Entre os autores dessa fase, temos, o brasileiro Mario Carlos Beni, Roberto Bullón entre outros. Na transição para a terceira fase encontra-se um grupo de estudiosos, ainda que fundamentados na Teoria Geral dos Sistemas, que caminham para outra direção buscando outros elementos que melhor explique o Turismo. A terceira fase é conhecida como “Nova Abordagem”, buscando fazer uma análise de forma inovadora e diversificada procurando superar a perspectiva do Paradigma-Sistema de turismo. De forma que faz uma reformulação da Teoria que a antecede, e a outra maneira e fazer uma discussão acerca desse fenômeno onde o homem passa ser o centro deste estudo.

Para Panosso (2005), esta abordagem ainda são muito limitada, pensam o turismo de forma muito fragmentada, acredita ser a fenomenologia a melhor abordagem para se pensar o turismo, pois esta analisa os fenômenos em si, tal qual este se apresenta. E é nesta perspectiva que caminhamos também nós.

Dada a importância de evidenciarmos as formas de abordagem acerca do Turismo, torna-se relevante compreendermos como se estrutura no espaço, como acontece e ainda o que propicia tal organização

1.2.4 Segmentação Turística: o Turismo em Janauari

Dada à necessidade de entendermos como ocorre o turismo em Janauari, tornou-se necessário elucidarmos a estruturação do turismo no espaço geográfico e, por conseguinte compreendermos qual a segmentação que prevalece neste lugar.

Segmentação turística é entendida como uma maneira de organizar o turismo para um melhor planejamento. Os segmentos são estabelecidos pelos elementos de identidade e de oferta e também pelas características da demanda. (Brasil 2005).

Entende-se como oferta o que é constituído por inúmeros elementos como recursos naturais e culturais os tangíveis e intangíveis sendo estes a matéria-prima para o turismo, agregada, isso é, necessário que exista uma infraestrutura básica como, vias de acesso, saneamento básico, meios de comunicação e infraestrutura de apoio turístico, hospedagem, alimentação, transportes entre outros que estão envolvidos na prática da atividade turística e que propicia novas experiências para aqueles que participam da atividade. Podemos pensar como oferta as belezas naturais e culturais que constituem Janauari, bem como a infraestrutura de acesso, transporte, alimentação que são disponibilizados para as pessoas que desejam conhecer este lugar.

Compreende-se como demanda as pessoas ou grupo de pessoas com possibilidades reais ou potenciais, para se deslocar do lugar onde vive, sendo detentora de disponibilidade de tempo, recursos financeiros e desejo de vivenciar novas experiências, e que se identifica com a oferta que determinado lugar oferece, nessa perspectiva podemos pensar, por exemplo, nos turistas que tem as possibilidades e desejam um contato com a natureza e que vão à localidade de Janauari. A demanda e oferta possuem maiores desdobramentos os quais não serão elucidados, dado ao fato que não temos o propósito de fazer uma discussão acerca deste subsistema que constitui o Sistema Turístico.

Além de oferta e demanda na determinação da segmentação do turismo, outro elemento importante são os operadores que fazem o elo entre a oferta e a demanda. Compõe este grupo os operadores de turismo, agências, transportadoras, órgãos

públicos e privados que organizam, planejam e promovem a prática do turismo (BRASIL 2005).

Estes operadores são bem visíveis em Januari, quanto aos órgãos públicos e privados que atuam no planejamento, monitoramento e na divulgação do turismo de Januari é algo muito escassos.

Agrega-se também a essa estrutura o espaço geográfico, que nos remete ao lugar Januari onde ocorrem as relações de demanda e oferta e onde se situa a população residente que se envolve nessa atividade. Os moradores que se dedicam ao turismo estão em sua maioria envolvidos na prática do artesanato. Outra parte embora menor destes trabalhadores encontra-se junto aos operadores mais especificamente, no setor alimentício. A população é considerada um fator determinante para a coesão, ou desagregação no planejamento do turismo. Esta estrutura, bem como suas inter-relações envolvidas, constituem o mercado turístico. (BRASIL, 2005).

Como já ratificamos as condições geográficas é tido como um fator determinante na segmentação do turismo. Podemos pensar que as particularidades existentes em determinadas regiões levam as pessoas interessadas em experimentar tais singularidades. Essas condições possibilitam identificar as segmentações de Turismo de aventura, Cultura, Ecoturismo, Náutico, Sol e Praia.

Podemos evidenciar que dadas a condições de belezas naturais da Amazônia, esta passa a ser de grande interesse para aqueles que almejam uma experiência com a floresta equatorial, bem como o desejo de conhecer o Rio Amazonas e seus afluentes, o modo de vida do homem amazônico. Torna-se explícito que segmentação turística do Estado do Amazonas é determinada pela oferta de uma natureza rica em belezas naturais acrescentado a isso a vida do homem que habita este lugar. Esta segmentação é definida pelos órgãos que desenvolve o turismo no Amazonas a Empresa Estadual de Turismo - AMAZONASTUR como “Destino Verde”, ou seja, turismo ligado às belezas naturais do lugar.

A partir das leituras sobre segmentação, percebemos que, quando se fala em turismo de natureza, este é de imediato ligado à segmentação ecoturismo. No entanto, não necessariamente o que está ligado a turismo na natureza pode ser definido como ecoturismo, Sanders (2004) evidenciar que existe uma enorme dificuldade de se definir o “Turismo de Natureza” e “Ecoturismo”, para ele o turismo de natureza e abrangente

onde este engloba o turismo de aventura, pesca, náutico, em que a pessoa buscar interagir com os elementos da natureza.

Quanto à definição sobre o ecoturismo não é algo simples para a Sociedade Internacional de Ecoturismo, conforme Nelson (2004 p.46) é definido como: “a viagem responsável a áreas naturais, visando á preservação do meio ambiente e promover o bem-estar da população”.

A EMBRATUR (1994), junto com o Ministério de Meio Ambiente publicou Diretrizes para Políticas Nacional Ecoturismo, e renomeado o como turismo “Ecológico” que passou a ser entendido como:

“Um segmento da atividade turística, que utiliza de forma sustentável, o patrimônio natural e cultural, incentivando sua conservação e busca a formação de uma consciência ambientalista por meio da interpretação ambiente, promovendo o bem estar das populações envolvidas”.

Com estas definições cabe ratificar o que Honey (1999), citado por Nelson (2004), ressalta, segundo ele é preciso que este segmento tenha os sete elementos que é considerado ecoturismo, caso isso não ocorra na ausência de um único elemento não podemos considera como ecoturismo. Estes elementos envolvem: viagem a lugares naturais, protegidos ou não por lei, minimizar os impactos, construção de uma consciência ambientalista, promover benefícios econômicos diretos para conservação, fornecer benefícios financeiros e poder de decisão para os moradores locais, respeito à cultura local, apoio aos direitos humanos e processo democrático.

É de relevância pensar no que Nelson (2004) esclarece acerca do ecoturismo, a autora destaca que a definição de ecoturismo no Brasil alcança os pilares da sustentabilidade, no entanto, este não assume grandes proporções, ainda que muitos de forma oportunista definam seus produtos como ecoturismo, os mesmo ocorrem sem um compromisso ético, o termo ecoturismo tem sido muito utilizado para promover produtos.

Tornou-se necessário compreendermos esta estruturação e conceituação para que quando retomarmos esta discussão no III capítulo, no tópico “O lugar na dinâmica

turística”, estarmos constituído de elementos que nos possibilitará uma discussão aprofundada sobre como ocorre o turismo em Janauari.

Ainda que tenhamos recorrido a Teoria do Sistema Turístico para compreendermos parte da estruturação de atividade turística destacamos, que está pesquisa firma-se na perspectiva fenomenológica, pois esta possibilita compreender melhor a experiência das pessoas envolvidas no turismo.

Buscaremos compreender o turismo não apenas em uma perspectiva sistêmica, mas de um fenômeno complexo que envolve relações subjetivas e intersubjetiva faremos a partir da fenomenologia, nos lembrar do que advoga Barreto (2000 p.137) “um estudo das razões essenciais e do significado transcendente do turismo para os seres humanos em função do seu mundo interior e não apenas perspectiva da sociedade de consumo”.

Corroborar que a fenomenologia norteia de forma diferente os estudos relativos ao turismo, tendo em vista que a mesma busca o homem para o centro da discussão, permite compreender o vivido e experienciado por aqueles que estão envolvidos neste fenômeno, o que se torna significativo para nós, dado ao fato de querermos compreender a experiência vivida pelos moradores de Janauari neste espaço que não é apenas o geometrizado, mas o que é representado pela relação de existência que estes estabeleceram com o mesmo.

1.3. O Mundo Experienciado em Janauari.

A geografia humanista trata de inúmeros conceitos, dentre estes adentraremos no conceito de mundo vivido ou experienciado que tem como base a fenomenologia, a partir do mundo vivido, onde os seres humanos estão juntos e envolvidos, onde ocorre à vida diária em que cada momento está repleto de significados, mesmo estando ligada ao indivíduo este não se apresenta de imediato. Para o autor a fenomenologia é o método mais propício para entendê-lo, justificado pelo fato de que este possibilita entender o experienciado.

Propomo-nos a pensar esse mundo experienciado ou vivido de Januari, almejando assimilá-lo na perspectiva fenomenológica a partir como é definido por Merleau Ponty (2011 p.01) “ser o relato do espaço, do tempo e do mundo vivido” o que em muito se aproxima das “preocupações da geografia, pois ela é a ciência que objetivo fazer o relato do espaço e do mundo vivido” como destaca Nogueira (2001).

E este mundo se dá a partir de como percebemos e aprendemos com ele é, para Merleau Ponty (2004).

“O mundo da percepção, isto é, o mundo que nos é revelado por nossos sentimentos e pela experiência de vida, parece-nos à primeira vista o que melhor conhecemos, já que não são necessários instrumentos nem cálculos para ter acesso a ele é, aparentemente, basta-nos abrir os olhos e nos deixamos viver para nele penetrar. Contudo, isso não passa de uma falsa aparência. Eu gostaria de mostrar que esse mundo é em grande medida ignorado por nós enquanto permanecemos numa postura prática ou utilitária, que foram necessário muito tempo, esforços e cultura para desnudá-lo e que um dos méritos da arte e do pensamento moderno (os últimos 60 ou setenta anos) é o de fazer-nos redescobrir esse mundo em que vivemos, mas que somos sempre tentados a esquecer”. (MERLEAU-PONTY, 2004, p. 02).

Pensar o mundo experienciado em Januari é ter como propósito conhecer a relação que esses moradores têm com esse lugar, quais os elementos que constituem esse espaço, que traz inúmeros símbolos e significado o que constrói esse espaço de existência humana a partir do olhar dos moradores. Muitos nasceram, cresceram, aprenderam a conhecer e se relaciona com a natureza, constituíram família, estabeleceram uma relação de pertencimento, como podemos evidenciar na fala de dona Georgina (moradora artesã de Januari): “nasci aqui tive meus filhos, depois morei durante um tempo no Tarumã, plantando roça, mas depois voltei e não pretendo sair, me sinto bem aqui e gosto de morar aqui”.

Mesmo tendo saído de Januari em busca de trabalho e de melhorias econômicas, não foi o suficiente para manter esta moradora longe do lugar que nasceu e com quem estabeleceu uma relação de existência o que conduz ao pensamento de Buttemer (1985 p.172) ao destacar “O mundo não é mero mundo de fatos e negócios... mas um mundo de valores, de bens práticos”. O mundo experienciado que trás consigo a relação do tempo e do espaço e toda sua carga intersubjetiva onde está se estabelece pelas relações homem para com os homens e com a natureza que conduz à aprendizagem, por exemplo, de como se pesca, como se planta a roça, como fazer a

farinha, o artesanato, o que os possibilita se encontrar, e a reconhecer-se enquanto pessoas do Lugar.

O homem com sua experiência remetem-nos aos lugares e acabam por se fundirem, ressalta Dardel (2009 p. 1,2); “amor ou a busca por novos ambientes, uma relação concreta que liga o homem a terra, uma geograficidade do homem com o modo de sua existência e de seu destino”. É nesta perspectiva geográfica da relação existencial que o homem tem com a terra que buscaremos conhecer Janauari.

E quando nos referimos a geográficos não estamos fazendo referência apenas ao espaço geográfico geometrizado, mas também ao espaço qualitativo que se dá a partir da experiência humana com a terra, embasados nas palavras de Dardel (2009 p.06), “entre o homem e a terra permanece e continua uma espécie de cumplicidade do ser”.

Janauari não é apenas um espaço geográfico geometrizado, mas uma realidade geográfica principalmente para aqueles que constituíram uma relação de existência, pessoas que como D. Georgina (moradora e artesã de Janauari) que, nasceu, cresceu e constitui família, é o lugar de sua infância, da infância dos seus filhos. Percebemos também esta realidade na fala de seu Edson Paulo (morador e artesão de Janauari) quando, o mesmo relata que:

“quando fui para outros lugares do Brasil para vender artesanato percebi o quanto Janauari significa para mim, por isso que saio para vender o artesanato lá no Centro de Atendimento ao Turista- CAT, para resolver problemas de ordem geral, mas sempre no fim da tarde quero pegar minha rabeta (canoa com motor de polpa) e voltar para casa”. Edson Paulo Em 20.07.2012

Esta experiência de seu Paulo nos remete ao que Dardel (2012) expressa que, na Terra está impressa a experiência que o ser humano vive, as relações afetivas de rejeição ou de amor ao rio, à floresta, ainda que muitas vezes não percebamos, esta relação se expressa em algumas de nossas colocações verbais que o remete a esta ligação, “vias dolorosas”, “coração de pedra” e tantas outras formas de expressar esta relação.

Esta relação do homem com o lugar a qual vive dar-se a partir de suas experiências, de sua vivência e a cerca dessa relação, Dardel (2009 p.13) nos elucida

ser: “espaço onde se desenvolve a existência porque ela é a essência, extensão, porque ela procura um horizonte, direções, existência...”. Dessa forma é possível compreender que esse espaço geográfico alcança as mais variadas experiências humanas.

Esta relação de afetividade esse modo de ser nos remete a fala de seu Nelson (morador e pescador de Januari), quando ele diz: “moça sei fazer estes artesanato todos, mas gosto mesmo é de pescar, gostava de quando levava os turistas para pescar e ensinava para eles como se pesca.” Percebemos a ligação que este morador tem com o lago, com o que ele aprendeu com seu pai que também era pescador, isto também é bem característico quando seu Raul (morador- proprietário do restaurante Rainha da Selva em Januari) quando questionado sobre qual sua profissão, nos diz: “sou pescador, sou o melhor pescador de Januari”, mesmo sendo ele proprietário de um dos restaurantes do lugar.

Percebemos dessa forma que ainda que estes homens estejam envolto de outras experiências, não se desvincula de suas raízes, mantém sua ligação com a natureza, permanece com eles o conhecimento adquirido com o tempo, o que possibilita viver novas experiências.

Além dessas relações de experiências individuais dos moradores de Januari, notamos também a experiência da coletividade e da partilha das relações de parentesco, da cumplicidade de seus moradores, o que nos conduz ao que é colocado por Claval (2001 p. 113), “implica igualmente que os parceiros sintam-se pertencentes a um mesmo conjunto pelo qual cada um sinta responsável e solidário.” Este mundo experienciado de Januari dar-se na partilha de conhecimentos na congregação de seus moradores em prol um do outro.

Remete-nos a fala de seu Luis, (morador-primeiros artesãos de Januari), ele nos diz: “Eu sempre morei aqui, conheço isso tudo aqui, quando as pessoas da Vila do Peruano vieram morar aqui eu ajudei, falei para eles, onde deviam pescar, plantar e como fazer artesanato”. Este morador nos relata que aprendeu o artesanato com seu Raimundo mais conhecido como “orelinha”, sendo este o primeiro a confeccionar o artesanato de Januari e vender para turistas, em seguida ele ensinou os outros moradores.

Notamos que Januari, constrói-se a partir dessas experiências, dessas ligações, desses elos de companheirismo, de dividir o que se aprendeu com outro, pelos laços de famílias. Em Januari percebemos a presença do sobrenome Coelho que identifica a árvore genealógica da primeira família a viver neste lugar.

Constata-se pela fala dos moradores que a comunidade era agrícola, onde plantavam as roças de mandioca, faziam farinha, pescavam, e produziam carvão, sendo estes os elos de aproximação de seus moradores, onde acontecia o *Ajuri* este é termo para definir trabalhos realizados em conjunto, seu significado, “é a união de forças” onde um grupo de pessoa se une em prol de algo. Esta é uma prática muito comum nos lugares da Amazônia, e em Januari isto acontecia com muita frequência, na hora de colher uma roça de mandioca, fazer a farinha, derrubar um roçado, de se construir novas trilhas aquáticas que facilitasse o acesso à comunidade, hoje esta união está ligada muito mais a atividade do artesanato.

A prática do artesanato se fortaleceu a partir da troca de experiência de um morador para com outro, nos leva a falar de seu Givaldo (morador e artesão de Januari) que afirma; “quem não sabia aprendia com quem sabia, nunca fizemos cursos, juntávamos as sementes e íamos construindo, alguns moradores construíram as bonecas, os arcos e as flechas as carrancas” criação desses artesãos, estas peças são característica de Januari.



Figura: bonecas
Fonte: Ana Lúcia
Data: 09. 02. 2011



Figura: Carrancas
Fonte: Ana Lúcia
Data: 09. 02. 2011



Figura: Flechas em processo de confecção

Fonte: Ana Lúcia

Data: 09.02.2011

Neste mundo experienciado dos moradores de Januari constata-se a presença da prática do turismo. O aparecimento deste fenômeno encaminhou os moradores para prática do artesanato, notamos isso na fala de alguns moradores, e na vida diária dos mesmos.

Das inúmeras importâncias de se compreender o mundo experienciado, podemos ressaltar o significado desse entendimento para prática do turismo, dado está constatação, torna-se relevante entender o mundo vivido dos envolvidos no turismo, principalmente das comunidades receptoras.

Os estudos direcionados ao turismo pouco se preocupam em entender a relação do visitante com o lugar, bem como a percepção do visitado, buscar este conhecimento propicia entender as perspectiva, as experiências do turista e dos moradores de comunidade receptora. Sendo significativo compreender a relação que as pessoas estabelecem com o espaço geográfico, como estes estão imersos em seus mundos. É necessário entender a relação complexa onde estão às intenções; as experiências

humanas; e isso nos leva a um reconhecimento e valorização do modo de vida de uma comunidade.

Ao pesquisarmos acerca do mundo vivido em Janauari fomos conduzidos a perceber a prática do fenômeno turístico que acontece nesta localidade, e como este se faz presente na realidade dos moradores de Janauari, com isso o homem estará no centro da discussão. Sabemos que o turismo assume inúmeras perspectivas, dentre esta nos direcionaremos para relação deste fenômeno na realidade e na experiência dos moradores de Janauari.

Percebemos que o fenômeno turístico em Janauari alterou o modo de vida da comunidade. De origem agrícola, e de pescadores, descobrem o turismo como outra perspectiva econômica, no entanto é importante ressaltar que o potencial turístico de Janauari é percebido em um primeiro momento pelas empresas Fontur e Selvatur na década dos anos 70. A exploração da atividade por essas empresas corroboraram para o envolvimento dos moradores com o turismo, e por sugestão das empresas, os moradores descobriram que confeccionar artesanato e vender para os turistas que visitavam o lugar era uma possibilidade mais rentável e menos desgastante.

E isso é perceptível na fala de seu Demetrio Coelho (artesão e morador de Janauari), este nos relata:

“Meu pai era agricultor, um dia minha mãe junto os outros moradores começaram a confeccionar artesanato com as sementes e com que tinha na natureza, espinho do Porco-Espinho, escama de Pirarucu, em uma semana ela ganhou o que meu pai leva um mês para ganhar, e ai meu pai logo se interessou para fazer artesanato e todo mundo em casa se envolveu”. Demetrio Coelho, em 28.08.2012.

Podemos notar nos relato dos moradores as transformações que Janauari sofreu com a prática do turismo e do artesanato, quando D. Georgina (moradora e artesã de Janauari) nos fala;

“As casas também mudaram, antes era de palhas simples, agora nossas casas são de madeiras cobertas de alumínio, passamos a ter mais condição, antes éramos mais próximos, a gente era mais amigo, agente se ajuda, mas não é como antes, mas mesmo assim gosto do turismo, de encontrar as pessoas ver a alegria que elas tem no olhar, a forma como nos tratam, gosto muito do meu trabalho, de fazer meus artesanatos, gosto de Janauari não tem nada que eu não goste aqui”. D. Georgina em 13.09.2012.

Torna-se perceptível, que as transformações não são apenas econômicas, mas de relações humanas.

Está discussão, também observamos pelos relatos seu Givaldo (morado-artesão de Januari):

“Antes do turismo era muito difícil, trabalhávamos muito, e o retorno era pouco, às vezes arriscávamos nossa vida em canoas pequena para ir até à Ilha Mancharia para plantar. Lá a terra é de várzea e é melhor. Moça, quando o turismo começou era muito bom, ajudou a gente se estruturar, mas agora caiu muito. Pode conversar com os outros e a senhora vai ouvir, até no material que usamos para fazer mudou, antes usamos a semente do “Tento”, com as coisas que achávamos na natureza, agora não querem mais, tem que ser com sementes de açaí que agente já compra pronta, lembro que antes era uma luta só para furarmos a sementes do açaí, vivíamos estudando a melhor forma para fura o caroço”. Seu Givaldo, em 23.07.2012

Notamos que para seu Givaldo (morado-artesão de Januari), como para os outros moradores de Januari o Turismo foi uma alternativa de trabalho e renda, e que teve um início promissor, no entanto hoje encontram dificuldades, não é mais tão rentável.

Estas mesmas colocações feitas por seu Givaldo, também está presente na conversa de seu Jorge Coelho, (morado-artesão de Januari), que diz que antes seu pai trabalhava nas olarias de Cacao Pireira para garantir o sustento da família, que era muito sacrificante e que pouco lhes rendia, e com o turismo e o artesanato eles passaram há ter melhores condições financeiras, mas agora segundo ele, coisas estão ficando muito difícil, pois os artesanatos são pouco valorizados, sendo entregues para alguns distribuidores por baixo custo e quando esse produto chega às mãos do turista o valor é quatro vezes mais do que ele vendeu para o distribuidor. Seu Jorge nos diz que seus filhos vão deixar a prática do artesanato e procurar emprego em Manaus, o que o deixa triste, não gostaria que isso acontecesse dada suas origens com o Januari, fala que sua família sempre viveu aqui e destaca que a escola de Januari carrega o nome de seu avô: “Jovino Coelho”.

Ao buscarmos conhecer esse mundo experienciado de Januari, procuramos entendê-lo como um mundo repleto de significado e símbolos que de imediato não o percebemos. Para alcançarmos este mundo experienciado é necessário embeber-nos dos

relatos de seus moradores, pois estes relatos expressam a geograficidade de cada morador de Janauari.

É perceber que o conhecimento que os moradores, a relação que estes estabeleceram com o lugar, procede das relações de partilhas de um homem para com outro, e isso encontramos nos relatos do seu Nelson (morador-pescador de Janauari), que aprendeu com seu pai a pescar, que permite a ele um conhecimento do lago, do seu Raul que reconhecesse enquanto pescador, sendo detentor das melhores técnicas de pescaria que o possibilita ser “melhor pescador” e conhecedor do lago.

Esse mundo que se transformou a partir das novas experiências e aqui fazemos referência ao turismo, mas que continua sendo o lugar da infância da dona Georgina (moradora-artesã de Janauari), do seu Paulo (morador-artesão de Janauari) e de outros moradores, que mantém uma relação afetiva repleta de subjetividade, muitas vezes levando a uma fusão destes moradores com o Janauari.

É este mundo que queremos conhecer, compreendendo seus signos e seus símbolos, que foi sendo construído ao longo do tempo e no espaço geográfico, mundo que não é apenas o dos negócios, mas também das relações onde se divide o que se sabe e aqui mais especificamente o conhecimento, onde se busca melhorias para uma coletividade.

Este conhecimento possibilitará alcançar elementos que permitirá a prática de um turismo que tenham o homem de Janauari como centro desta atividade, e superar as expectativas de um espaço puramente econômico. É ultrapassar a expectativa da neutralidade de espaço onde muito se oportuniza para explorar suas riquezas naturais sendo de suma importância, compreender a experiências, os valores a relação de existência que esses moradores têm com seu lugar, bem como identificar as expectativas desses moradores. Trazer para a prática do turismo o conhecimento que cada morador adquiriu ao longo de sua existência nesse lugar, valorizando e reconhecendo este modo de vida como elemento significativo para o êxito do turismo.

Sendo o mundo vivido de Janauari fator importante para a prática do turismo e de grande relevância para este trabalho, buscaremos conhecer a história do lugar, a

partir de seus moradores e de documentos que nos permitam conhecer a história de Januári e como este vem se estruturando ao longo do tempo.

2. JANAUARI: PAISAGEM DO LUGAR.

Buscaremos compreender a paisagem de Janauari para além dos elementos físicos, onde de imediato alcançamos com o olhar, mas conhecê-la a partir de sua complexidade.

Ao propormo-nos pensar a paisagem nessa perspectiva, nos reportarmos que elucidada Holzer (1999), quando argumenta que o significado da palavra paisagem é de origem alemã “*landschaft*” que se refere à associação entre o sítio e o seu habitante, o que implica ser a paisagem está associação do físico e do cultural. O autor enfatiza ainda que a paisagem trabalhada pela geografia científica e acadêmica adotou um conceito renascentista de um “espaço que se alcança com um golpe de vista”, deixando de lado o significado de uma área física e culturalmente reconhecível (Holzer 1999 p.153).

Para Holzer (1999), o significado medieval da origem da palavra é retomado pela geografia no final do século XIX pelo geógrafo norte- Americano Sauer sendo este o maior difusor deste conceito. Para Sauer a paisagem é a “união das qualidades físicas significativa para o homem, e das formas como esta área é utilizada” (Sauer apud Holzer 1999 p. 154)

A partir do esclarecimento do autor, podemos pensar, por exemplo, o valor e o significado do lago, furos e igarapés de Janauari na percepção o seu Nelson (morador e pescador de Janauari), um significado que pode não ser para outros moradores, ele aprendeu a pescar com o pai e sente prazer em pescar e ensinar os outros a pescarem ainda que seja por diversão. Esta percepção do ambiente parte de um indivíduo e constitui o todo da paisagem de Janauari.

Queremos pensar a paisagem em sua complexidade, possibilitar uma reflexão e discussão do modo de vida como algo essencial desta categoria geográfica. E nessa perspectiva que buscaremos compreender a paisagem de Janauari, os elementos físicos que tem um significado e um valor no modo de vida do morador local.

2.1 Janauari: A História do Lugar

Janauari, lugar por nós estudado pertence aos limites territoriais de Iranduba município do Amazonas, desta maneira buscaremos então compreender Iranduba espaço a qual o lugar Janauari esta inserido.

O município de Iranduba pertence à região Metropolitana de Manaus conhecida como Grande Manaus foi instituída pela lei complementar Estadual de número 52 de 30 de maio de 2007, e microrregião do centro Amazonense.

Quanto à autonomia política de Iranduba a geógrafa CONCEIÇÃO (2009) elucida que a mesma acontece da seguinte maneira; em 1963 o governador do Estado Anfremon D'Amazonas Monteiro, cria o por meio da lei 09.04 1963, no entanto, o mesmo é extinto, em 24 de julho de 1964, e somente em 1981 é criado pelo governador José Lindoso através de uma emenda nº 12 constitucional.

Segundo Conceição (2009), a efetivação da vida política do município de Iranduba- Am ocorre no ano de 1982 com as primeiras eleições municipais para escolher os representantes do poder executivo e legislativo, haja vista que em 1980 Iranduba era um Distrito do Município de Manaus.

Conceição (2009) esclarece que Iranduba, enquanto distrito de Manaus, tinha na agricultura o meio de sobrevivência das suas famílias, e que estas famílias por estarem localadas em uma área de várzea do Rio Solimões, sofriam muito com o período das enchentes, tendo suas atividades econômicas e sociais paralisadas diante deste fenômeno natural da Amazônia. Estas informações estão presentes na fala de Sr. Raul (morador proprietário do Restaurante Rainha da Selva); “Morei muito tempo no Iranduba no lado do Solimões, trabalhei muito com verdura, Juta e pescava também, só depois que casei e que vim para Janauari”. Desta forma podemos perceber as informações que a autora explana acerca de Iranduba na fala do morador de Janauari que vivenciou esta realidade, e que se faz presente em sua memória.

Para resolver esta situação o Prefeito de Manaus Jorge Teixeira de Oliveira em 1976 doa uma área em terra firme para que seja instalada a vila de Iranduba, onde hoje é sede do município de Iranduba.

Iranduba segundo o censo 2010 do Instituto Brasileiro de geografia e Estatísticas – IBGE (2010) tem, como índice populacional, um total de 40.781 habitantes sendo que 28.979 estão na área Urbana o que representa um percentual de 71% da população, e 11.802 habitantes percentual de 29% estão na zona rural.

O Município também possui uma área de 2.215 Km², limita-se se com os municípios de Careiro, Manaquiri, Manacapuru, Manaus, margeado a esquerda pelo Rio Solimões e a direita do Rio Negro o Município é um divisor de águas. A distância de Iranduba e a capital Manaus e de 37 km via fluvial, 13 km via terrestre.

Localização do Município de Iranduba.



Figura: Mapa localização do município de Iranduba.

Fonte: Glauber Carvalho.

Organização: Ana Lúcia Ferreira

O município de Iranduba, segundo o IBGE (2011), representa apenas 0,36% do PIB do Estado, apresenta-se da seguinte maneira; 23% agropecuária, 13% indústria, 58,50% serviços e outros 5,10% impostos

Podemos perceber que os serviços representam um pouco mais da riqueza do município de Iranduba. Este é detentor de duas forças econômicas; Pólo oleiro, Turismo de natureza (Pólo de ecoturismo). Ainda com todo o impacto sócio ambiental causado

pelo Pólo Oleiro, este é apontado pelo Plano Diretor da Região Metropolitana de Manaus – (PDRMM 2010), como sendo esta à única forma de viabilidade econômica para o município de Iranduba.

Ainda que Iranduba seja o maior produtor oleiro do Estado do Amazonas as informações apontadas pelo IBGE- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas, indicam que os serviços (onde está incluso o turismo) é a maior representatividade econômica do município de Iranduba. E nos leva a crer que as informações acerca da arrecadação municipal são desconsideradas pelo plano diretor da Região Metropolitana, ou ainda que este tenha o objetivo de enquadrar o município dentro de um modelo de desenvolvimento pautado na indústria.

Ao apresentar o a atividade oleira como a única e a mais viável atividade econômica além de ir de encontro às informações do IBGE, desconsiderasse o grande nível de degradação ambiental ocasionado pela atividade. Conceição (2009), destacar que:

“Este é um município com sérios problemas ambientais em virtude de vários fatores, entre eles o fato, de, em seu território estar instalado a maioria das indústrias de cerâmicas do Pólo Oleiro de Iranduba e Manacapuru com alta capacidade de degradação ambiental, visto que degrada solo, floresta, e ar”.
Conceição (2009 p.77)

Outros dados demonstram a degradação ambiental ocasionada pela atividade oleiro em Iranduba, dados do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais / monitoramento do desmatamento de satélite por meio do INPE/ PRODES, demonstra que o desmatamento no município de Iranduba no ano de 2000 era equivalente 336,2 km², e que em 2009 atingiu 465 km², esclarece que 2011 o desmatamento compromete 20,87% da área total do município de Iranduba. Este desmatamento dar-se pela quantidade de lenha utilizada para a produção de tijolos e telhas.

Por meio destas informações notamos que atividade oleiro presente no município de Iranduba tem representado um grande desequilíbrio ambiental para o mesmo. Ao apontar a atividade oleira como a única e a mais viável atividade econômica para Iranduba, e antes de tudo demonstra desconhecimento sobre a realidade deste município, e o que de fato o constitui.

Irاندuba possui característica única dentre os 62 municípios do Estado do Amazonas; o fato de estar na confluência dos dois maiores rios da bacia amazônica, Rio Negro e Rio Solimões; Irاندuba possui três tipos de ecossistemas: várzea, terra firme e igapó, o município possui inúmeros sítios arqueológicos, estes chamam a datar 7.700 antes do momento atual, o que para CONCEIÇÃO (2009) tais condições permitem a Irاندuba ser detentor de um grande número de atrativo turístico.

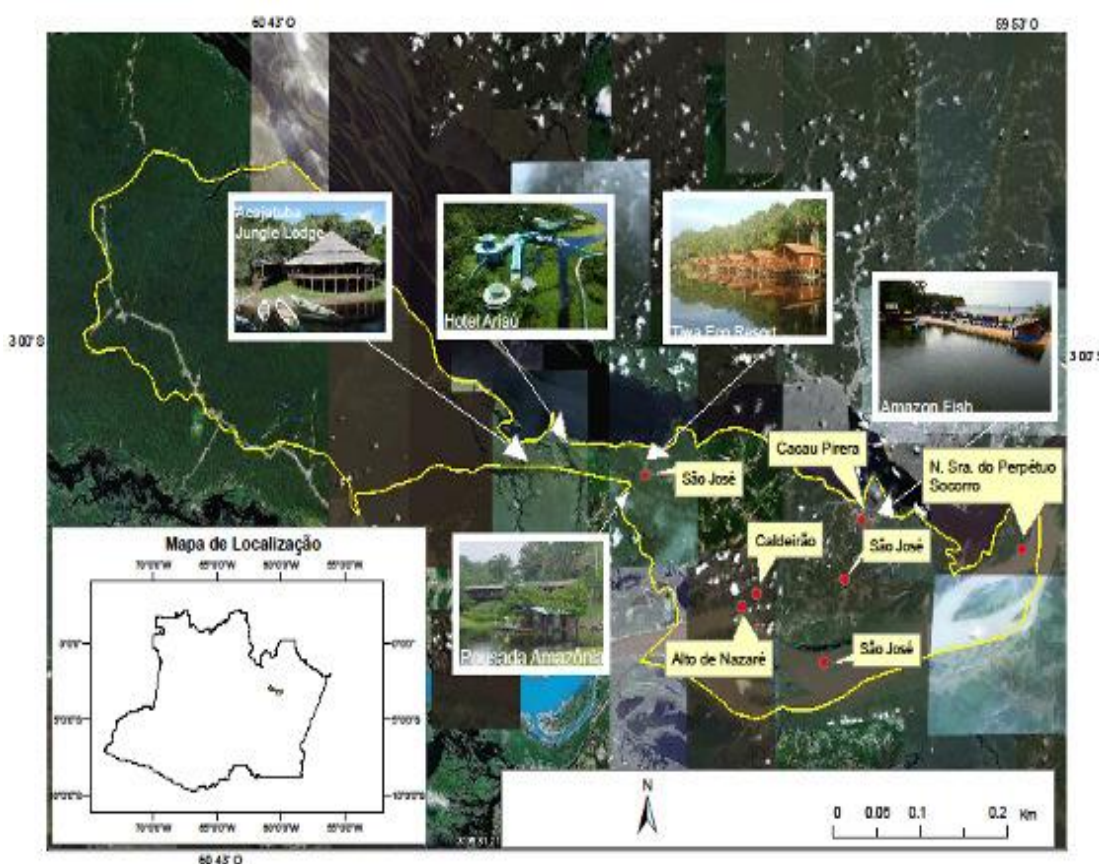
O município de Irاندuba possui paisagens singulares, e ao mencionarmos paisagem pensamos em sua complexidade, compreendendo-a na perspectiva dos seus elementos físicos e da cultura, do modo de vida, de suas representações e significados que os elementos físicos possuem no mundo vivido do homem que habita em determinado lugar. Supera a perspectiva naturalista, concepção adotada por muitas disciplinas do meio acadêmico bem como para o senso comum acredita que a mesma pode ser alcançando com simples olhar. Em Irاندuba, assim como no Estado do Amazonas, esta perspectiva reducionista da paisagem é muito evidenciada para promover o desenvolvimento do turismo como uma de suas atividades econômicas.

Irاندuba e outros 13 municípios do Amazonas como: Autazes, Barcelos, Careiro, Careiro da Várzea, Itacoatiara, Manacapuru, Manaus, Novo Airão, Presidente Figueiredo, Rio Preto da Eva, Santa Izabel do rio Negro, São Gabriel da Cachoeira e Silves, constituem o Pólo de Ecoturismo do Amazonas, como pode se verificar no Plano de desenvolvimento Incentivo do Turismo na Amazônia (2009), e justificado pelo que apresenta a Empresa Amazonense de Turismo- Amazonastur, quando indica que 55,98% dos turistas que visitam a Estado buscam o turismo de natureza, e de lazer sendo estes de origem estrangeira.

Este Polo de Ecoturismo é fomentado pelo Programa para o Desenvolvimento do Ecoturismo na Amazônia Legal- PROECOTUR, criado com o intuito de permitir aos Estados da Região Amazônica desenvolver o ecoturismo de forma responsável, e eficiente em suas áreas naturais. O Programa Proecotur, é desenvolvido pela secretaria de extrativismo e desenvolvimento pelo Ministério de Meio Ambiente, em parceria com os nove Estados da Amazônia Legal, Ministério do Turismo- Mtur e Instituto de Meio Ambiente e Recurso Naturais Renováveis- IBAMA. O Proecotur tem em seus princípios buscar promover o desenvolvimento sustentável dos Estados da região Amazônica, por meio da diversidade natural, bem como dos saberes e conhecimentos

tradicionais dos que aqui habitam, sendo considerados estes fatores de grande relevância para o desenvolvimento da região.

O município de Iranduba constitui parte do Polo de Ecoturismo do Estado do Amazonas. Possui dentro do seu território os maiores hotéis de selva do Estado, podemos destacar os seguintes empreendimentos: Ariaú Tower, Pousada Amazônia, Acajatuba, Tiwa Amazon Eco Resort, Amazon Fish, Pousada Ecológica, Hotel de Selva Lago Salvador, Tariri Amazon Lodge e outros, a maioria destes hotéis concentra-se nas comunidades da Região do Rio Negro. Para melhor exemplificar podemos visualizar mapa.



Mapa/localização das comunidades e Hotéis de Selva cidade Iranduba/AM.

Fonte: Criação Layout/Argemiro Neto/IBGE-2011.

Os hotéis de selva, a proximidade com Manaus principal portal de entrada do Estado do Amazonas, por apresentar uma diversidade de atrativos naturais, ser um corredor ecológico, por possuir Unidades de Conservação-UCs, sendo, Área de Proteção Ambiental – (APA da Margem Direita Paduari- Solimões), Área de Proteção Ambiental- (APA Encontro das Águas), Reserva de Desenvolvimento Sustentável – (RDS Rio Negro), e o Parque Ecológico do Lago Januári, criada pela Secretária de

Desenvolvimento Sustentável da Amazonas- SDS, são fatores que permitem ao Município de Iranduba fazer parte do Polo de Ecoturismo do Estado do Amazonas.

No entanto, torna-se significativo compreendermos que os critérios que definem o Polo de Ecoturismo do Estado do Amazonas, não são os mesmo que definem o segmento de ecoturismo, assim como não atende as definições do próprio Proecotur. Quanto á definição de segmento de ecoturismo este já foi exposto no primeiro capítulo deste trabalho.

A proximidade com Manaus, o número de hotéis de selva, belezas naturais e quantidade de Unidades de Conservação- UC's, não são critérios suficientes para definirmos Iranduba como Polo de Ecoturismo de base comunitária, pois este precisa ser sustentável para ser Ecoturismo, obedecendo ao equilíbrio Ambiental, social, econômico, e que, se tenha presente a Educação Ambiental. Para melhor compreender a realidade do lugar, procuraremos conhecer Januari, para a além suas características físicas, de dados e documentos oficiais, mas de conhecê-lo na perspectiva dos que o vivem, seus moradores.

O lago de Januari pertencente ao município de Iranduba, e segundo a Lei municipal número 129/ 2006 constitui-se das comunidades de Vila Brasil, São Pedro, Peruano, Fast, Vila Nova, Nacional e a comunidade flutuante de Janauarilândia. Localiza-se a margem direita do Rio Negro, possui uma área total de 9mil hectares, faz parte da Área de Proteção Ambiental- APA Encontro das águas constituída pela lei municipal número 041/2000. Vejamos a localização de Januari. Ver mapa-03

Vejamos o mapa de localização do Januari:

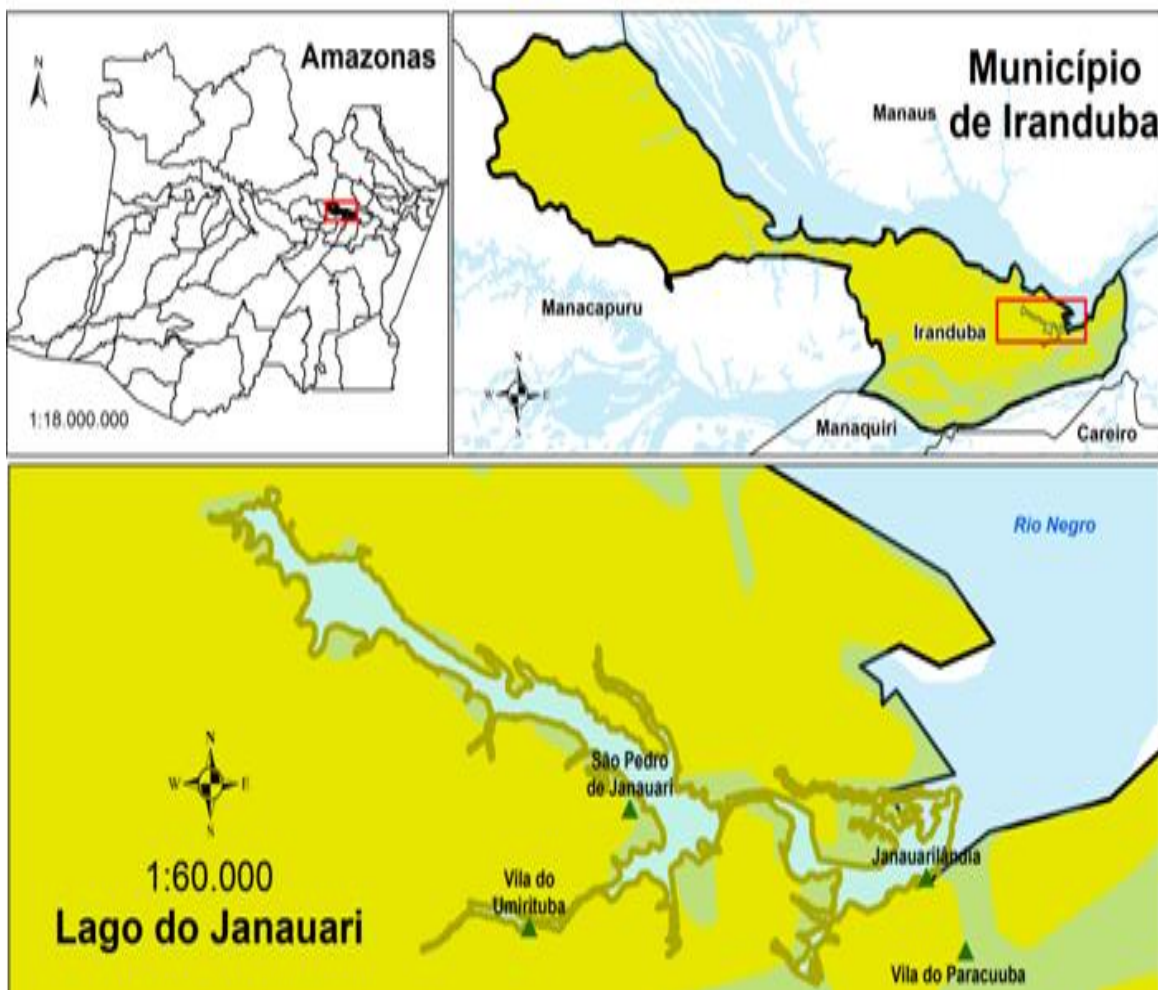


Figura: mapa de localização de Janauari

Fonte: Glauber Carvalho

Organização: Ana Lídia Ferreira

Podemos observar localização de Janauari também por meio do Mapa Mental do Seu Demetrio (morador e artesão de Janaurai), a localização de Janauari. As experiências vividas neste lugar permitem a esse morador um conhecimento que o possibilita a fazer sua localização. Ao observamos notamos que em muito se aproxima do mapa cartográfico, no entanto, este possui maiores riquezas de detalhes. O morador apresenta todos os elementos exposto no mapa oficial, e acresce informações de localização das comunidades, os furos e igarapés, onde se localiza os restaurantes, a ligação que se tem com o rio Solimões.

Mapa Mental -02

Fonte: Demétrio Coelho.

Data: 11. 10. 2012

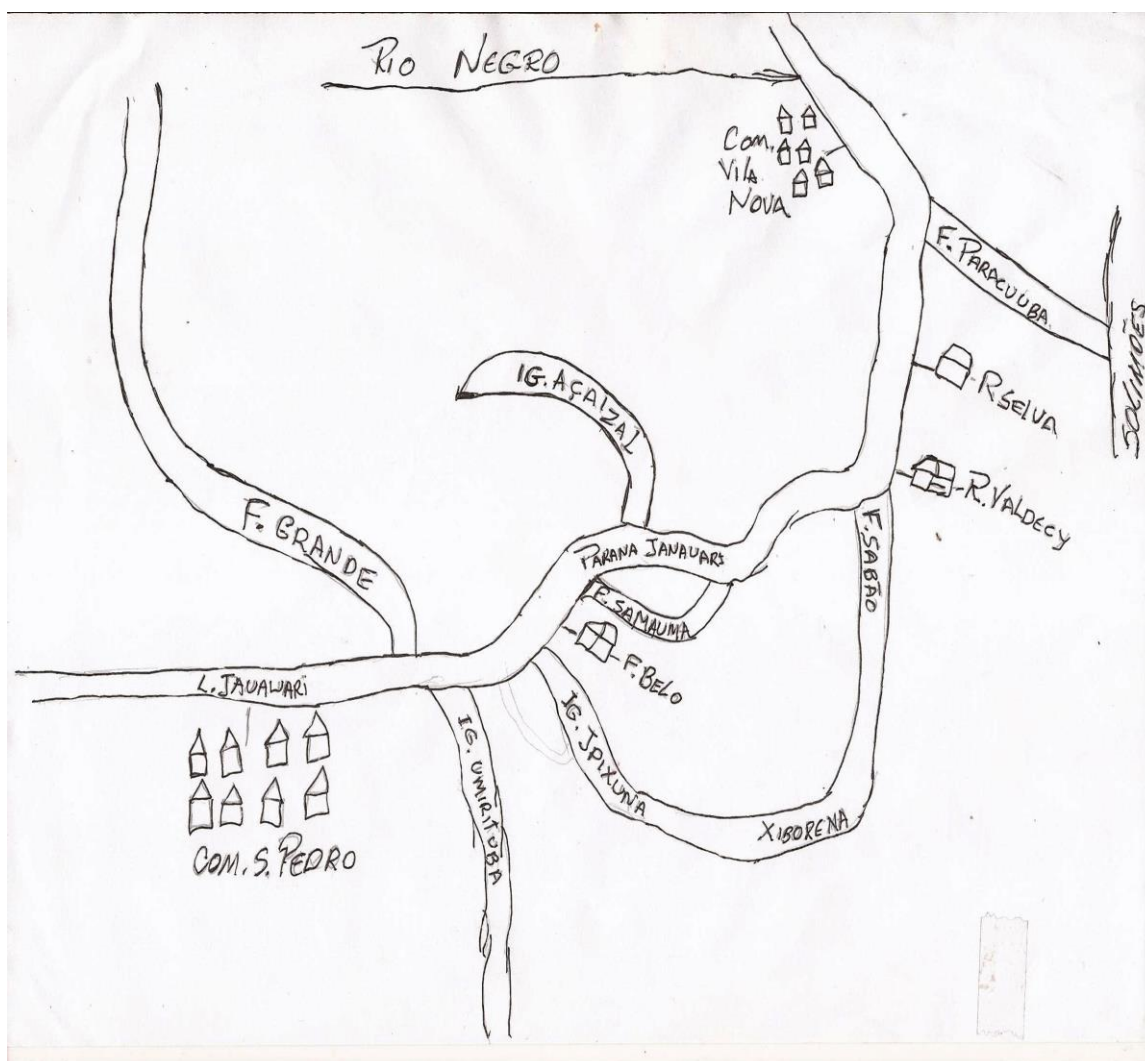


Figura: Mapa de Mental de Januári

Fonte: Demétrio Coelho

Organização: Ana Lúcia Ferreira

Na perspectiva dos elementos físicos que compõem a paisagem de Januári estas possuem características de uma floresta equatorial a qual pertence. Quanto sua flora identifica-se Capinarana arbustivas e herbáceas, podemos encontrar Vitórias- Régias, Samaúma, Seringueiras entre outras, além da rica flora, Januári possui um fauna diversificado com pássaros, jacarés, preguiças, macacos entre outros animais.



Figura: Lago de Vitórias- Régias que compõem a flora de Januari-
Comunidade de Januarilândia.

Fonte: Ana Lúcia Ferreira

Organização: Ana Lúcia Ferreira

O lago de Vitória-Regias é uma singularidade de Januari, haja vista que essa planta, não existe em áreas onde a água é muito ácida, como é caso das águas do Rio Regro, no entanto o fato de que em Januari existem também as águas do Rio Solimões possibilita a este terem em seu espaço essa espécie de vegetal.



Figura: patos aquáticos - fauna de Januari-
Comunidade de Januarilândia.

Fonte: Ana Lúcia Ferreira

Organização: Ana Lúcia Ferreira



Figura: Jacaré - compõem a fauna de Janauari-
Comunidade de Janauarilândia.

Fonte: Ana Lúcia Ferreira

Organização: Ana Lúcia Ferreira

Janauari está em uma planície sedimentar onde encontramos; Terra firme, Igapó e várzea. Branco (1997), explica que a Terra Firme são lugares onde as águas dos rios nos períodos de enchente não inundam, estes solos são menos enriquecidos, haja vista que não recebem os sedimentos que são trazidos pelos rios no período de enchentes são nesses lugares que se encontram as madeiras de leis. As matas de igapós são terras baixa próximas aos rios, que durante o período de enchentes, este processo de alagação pode dessa floresta pode ser permanente ou não, dependendo da cheia e da vazante do período. A várzea que se situa entre Terra Firme e o Igapó possuem solos férteis devidos os sedimentos que são trazidos pelos rios no período de cheia, este é espaço onde o homem Amazônida costuma desenvolver alguns plantios agrícolas.

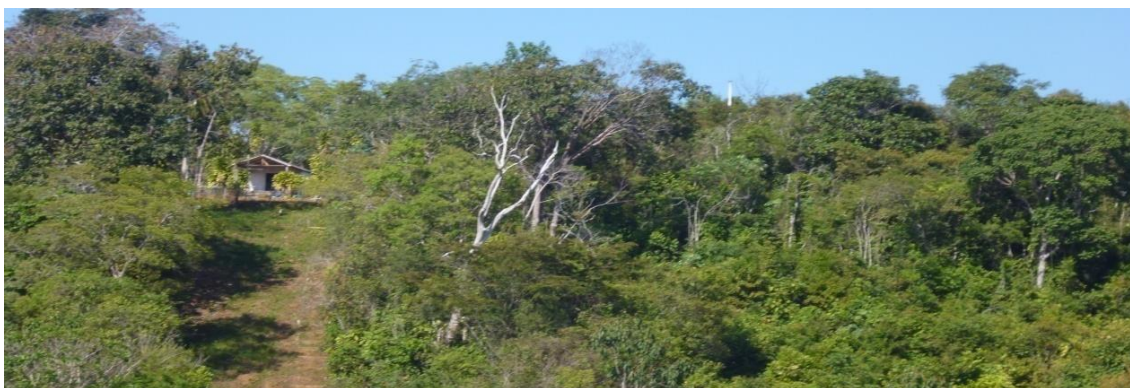


Figura: Mata de Terra Firme, comunidade de vila Brasil- Janauari

Fonte: Ana Lúcia Ferreira

Organização: Ana Lúcia Ferreira



Figura: Mata de igapó, enchente e vazante Igapó do Ipixuna- Januári

Fonte: Ana Lúcia Ferreira

Organização: Ana Lúcia Ferreira



Figura: Mata de várzea, enchente e vazante- Vila de São Pedro de Januári

Fonte : Ana Lúcia Ferreira

Organização: Ana Lúcia Ferreira.

São esses elementos da paisagem de Januári que se constituem os atrativos naturais para a prática da atividade turística, sendo esta atividade a base econômica deste lugar.

A ocupação em Januári tem início com a família Coelho, seu Belarmino Coelho (morador proprietário do restaurante Ipixuna) nos relata que:

“Meu avô João Coelho¹, que dava nome Avenida em Manaus que hoje e conhecida como Constantino Nery, era dono dessas terras, eu sei por que meu pai fala. Meu pai que era descendente de portugueses veio pra cá e casou com minha mãe que era cabloca assim como nós, foi assim que começou esse lugar” Seu Belarmino, em 20.08.2012

Torna-se pertinente evidenciar ainda o relato do seu Paulo Edson (morador-artesão de Janauari), quando na busca para compreender a história e costumes de Janauari salienta que: “esta era uma vila de pescadores, comunidade de ribeirinhos, com pouquíssimas casas, esta era a base da economia, até o final dos anos 60”.

Essa afirmação aparece nos relatos de D. Jorgina (moradora- artesã de Janauari) ao relatar que antes eles viviam de plantar verduras, fazer carvão, da pesca, e da criação de alguns animais, tudo era vendido em Manaus, “era assim que a gente sobrevivia” afirma D. Georgina (moradora-artesã de Janauari). Estas histórias estão presentes nas narrativas de muitos moradores quando relatam suas experiências de vidas.

Janauari pertencia aos limites territoriais do município de Careiro da Várzea, sendo anexado ao município de Iranduba em 1982. Confirmado pelo morador e artesão da Janauari, senhor Paulo Edson quando afirma “só em 1982 com a primeira eleição no município de Iranduba que este passa a pertencer ao município”.

Ao buscarmos conhecer a origem do nome de Janauari os moradores que conversamos, atribuem o nome do lugar a uma Palmeira existente no lago, esta palmeira conhecida como Jauari da família das arecáceas, nome científico *astrocaryun*, seus frutos servem de alimentos para os peixes.

Seu Demétrio (morador – artesão de Janauari) nos explica; “Devido ter muita mata de Jauari é que fez surgir o nome de Janauari”, Dona Jorgina também da mesma explicação “meu pai fala que devido o ter muito Jauari nessa berada toda, e que deram o nome de Janauari devido à palmeira”.

¹Joao Antonio Luiz Coelho era formado em engenharia civil estou concluído na França, no entanto foi na vida política sua atuação. Ao concluir os estudos regressa a Belém- Pa aos 23 anos, inicia a vida política em 1891 como deputado em 1909 tornasse governado do Estado, e em 30 de novembro de 1910 a intendência de Manaus homenageia o então governador atribuindo seu nome a Av. Constantino Nery,e apenas 1930 sob um novo projeto de lei e que avenida volta a se chamar Constantino Nery . Morreu em 1926, deixando uma viúva de segunda núpcias e três filhos.



Figura: imagem da figura Jauari (*astrocaryun*)- Vila de São Pedro Januari

Fonte: Ana Lúcia Ferreira

Organização: Ana Lúcia Ferreira

Outra explicação para o nome de Januari é apresentado no relato do seu Nelson (morador-pescador de Januari) ao contar que surgiu do nome de um Bicho chamado Janai que existia no lugar, segundo ele ao se fazer as refeições durante o dia não podia fazer a mistura das carnes branca e vermelha, caso isso acontecesse o bicho atacava. Ele explica:

“O Janai é um tipo de quati que atacava em bando, a pessoa ficava meio que adormecido, era preciso soltar os cachorros, atirar para espantar o bicho, ele devorava a pessoa, agora não existe mais porque está muito povoado, e não é lenda não, é história verdadeira”.

Seu Nelson, em 25.07.2012

Por meio do relato de seu Nelson (morador-pescador de Januari) reportamos ao que nos elucida Marques(2012), que a relação dos que habitam a Amazônia com a natureza provoca uma integração funcional, e que esta possibilita o compreender a aprender a realidade imensa que o cerca.

Januari possui serviços básicos de saúde, educação, transporte, estes serviços concentram-se na comunidade de São Pedro e atende os moradores que residem nesta comunidade e das comunidades adjacentes, além desses serviços os moradores possuem um espaço de lazer e recreação.

A escola chegou à comunidade a pedido do professor Pedro Ribeiro, que passou a residir em Januári, com o exercício da profissão, a escola foi construída no governo do Plínio Coelho, Paulo (morador e artesão de Januári) destaca que:

“Pedro Ribeiro Nery, não era um professor e sim um Educador, ele ensina as coisas para gente de acordo com a nossa realidade, a escola era para nós aquele lugar que todo mundo queria estar, hoje a gente não vê mais isso. A nossa escola foi à primeira escola do município de Iranduba”. Seu Paulo, em 20.07.2012



Figura: antigo grupo escolar- comum. De São Pedro- Januári

Fonte: Ana Lúcia Ferreira

Organização: Ana Lúcia Ferreira

Inaugurada em agosto de 1969, como grupo escolar Jovino Coelho, hoje a escola transferida para parte mais alta da comunidade de São Pedro, e de Grupo passou a titulação de escola. Escola municipal Jovino Coelho, para alguns participantes da pesquisa motivo de orgulho como relata seu Jorge (morador e artesão de Januári) “a escola tem como patrono meu avô”, para seu Givaldo (morador e artesão de Januári) esta representa melhoria e desenvolvimento “agora tudo é mais fácil, a escola é na porta de casa, os professores estão sempre aqui só não estuda quem não quer”



Figura: Escola municipal Jovino Coelho
Fonte: Ana Lúcia Ferreira
Organização: Ana Lúcia Ferreira

A escola atende as crianças, jovens e os adultos das comunidades de Januari e as localidades e outras comunidades do entorno. Além da escola, o posto médico está localizado na comunidade de São Pedro.



Figura: Posto médico Vila de São Pedro- Januari
fonte: Ana Lúcia Ferreira
organização: Ana Lúcia Ferreira

A situação de atendimento de saúde preocupa seu Givaldo (morador e artesão de Januari) este relata que: “falta em nossa comunidade o posto de saúde adequado, o

posto que funciona aqui é em uma casa alugada, não sei como vai ser quando o dono pedir a casa de volta”.

No Centro da comunidade está localizado o campo de futebol, onde além da prática desportiva acontecem os eventos de Januári. Ao lado do campo de futebol localiza-se uma área de lazer infantil, para atender as crianças do lugar.



Figura: campo de futebol
Fonte: Ana Lúdia Ferreira
Organização: Ana Lúdia Ferreira



Figura: área de lazer- comunidade de São Pedro de Januári
Fonte: Ana Lúdia Ferreira
Organização: Ana Lúdia Ferreira

Em Januári a religiosidade dos moradores alicerça-se na fé cristão, tendo a igreja católica como a do Padroeiro São Pedro, e ainda a igreja do Divino Espírito Santo que fica em uma área particular pertencente a D. Marta (moradora e parteira de Januári), outra é a igreja protestante Assembleia de Deus.



Figura: igrejas, São Pedro, Dino Espírito Santo, Assembléia de Deus Vila de São Pedro - Januári
Fonte: Ana Lúcia Ferreira
Organização: Ana Lúcia Ferreira

Os moradores de Januári são também muito festivos, celebram a festa do padroeiro de São Pedro que acontece sempre no dia 29 de junho de cada ano, com procissão fluvial, missa, e arraial, e ainda a festa do Divino Espírito Santo, organizada por D. Marta (moradora e parteira de Januári) e sua família. Participam dessas celebrações os moradores que professam a fé católica. Outro momento festivo de Januári é a festa do artesanato, organizados em conjunto com as ASPROARTS- Jan

Associação produtores de artesanato de Januari, em parceria com ASFAS- Associação da Feira de Artesanato e com a Associação Comunitária.



Figura: IX imagem o palco da IX festa do artesanato Vila de São Pedro - Januari.

Fonte: Ana Lúcia Ferreira

Organização: Ana Lúcia Ferreira

No ano de 2012 Januari comemorou IX Festival cultural do artesanato, a festa tem em seus objetivos promover e divulgar o trabalho dos artesãos, o lugar e angariar recursos para a associação de artesãos.

Notamos que a comunidade de São Pedro apresenta-se como um centro com características mais urbanas, sendo referência para as comunidades do entorno, estas comunidades por sua vez, não possuem os seus serviços básicos, se apresentam em áreas mais rurais, tendo que buscar esses serviços na comunidade de São Pedro, esta comunidade é uma área de referência para o IBGE, que caracteriza como principal centro de contagem do senso.

Ainda que não definido como distrito pela lei 129 do Plano diretor do município de Iranduba, Januari em muito se caracteriza como distrito dentro do que é definido pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística- IBGE, que esclarece o que são

distritos, são unidades administrativas definidas por lei municipal, esta unidade possui um centro administrativo urbano que atende as demandas da população local. Para o IBGE, esta organização territorial possibilita uma melhor compreensão da realidade de um município. A lei 129/2006 evidencia as comunidades de Fast Vila Brasil, vila São Pedro, Peruano, Nacional, Janauarilândia, como sendo comunidades de Januari, mas não explica se este é ou não um distrito, o que encaminha para uma difícil compreensão da organização territorial de Iranduba.

Ao buscarmos conhecer a história de Januari a partir dos relatos de seus moradores, notamos que vila de pescadores e ribeirinhos como bem caracteriza os moradores, assumiu outras características ocasionadas pelo turismo. A pesca, agricultura tornaram-se atividades secundárias, o artesanato, o trabalho nos restaurante, conduzir os turistas pelas trilhas passam a ser atividades principais desses moradores, que encontram no turismo um nova atividade econômica a ser desenvolvida por eles. O conhecimento adquirido ao longo da vida permite aos moradores ressignificar o aspecto físico do lugar proporcionando uma nova dinamicidade.

2.2- A Paisagem na Dinâmica do Lugar.

Ao pensarmos a paisagem, enquanto categoria geográfica e mais especificamente a Paisagem de Januari, queremos compreendê-la no que enfatiza o geógrafo Frances Eric Dardel (2011), que explana ser esta: “Muito mais que uma justaposição de detalhes pitorescos, a paisagem é um conjunto de convergências, um momento vivido, uma ligação interna, uma impressão, que une todos os elementos” (Dardel 2011 p.30).

A partir desta elucidação podemos pensar que a paisagem de Januari está para além de seu relevo, mata de Várzea, Terra Firme, mata de Igapó, da sua fauna e flora, que podemos de imediato alcançar com um rápido olhar, torna-se pertinente para nós alcançá-la em sua complexidade que se dá a partir desse mundo vivido e experienciado dos que ali habitam, para isso é necessário compreendermos o significado desses elementos físicos na vida desses moradores.

Podemos pensar, por exemplo, que ao olhar a Palmeira do Jauari, dona Georgina (moradora-artesã de Janauari) não a enxerga como mais uma árvore, a qual seus frutos servem de alimentos para os peixes, mas traz consigo a origem do nome de Janauari, para ela é uma forma de identidade, conhecimento este que ela aprendeu com seu pai.

Enquanto que para dona Jorgina (moradora-artesã de Janauari) e os demais participantes da pesquisa, o nome do lugar está ligado à palmeira, para seu Nelson (morador-pescador de Janauari) o nome do lugar está ligado a nome de um animal, que influencia os hábitos alimentares dos moradores, são estes elementos simbólicos e representativos que constroem a paisagem de Janauari.

E isso nos remete ao que Bailly citado por Holzer (1999) identifica como de fundamental importância a cerca da paisagem, para o autor esta é: “um depósito de história, um produto da prática entre o indivíduo e da realidade material com a qual nos confrontamos”. (Bailly apud Holzer 1999 p.161).

Ao conversamos com os moradores percebemos que aquela paisagem alcançada de imediato tem um significado uma representatividade para eles, isso se tornou pertinente quando ao fazer uma trilha no Furo de Ipixuna o senhor Paulo nos relata:

“Esses furo foi a primeira trilha de turismo de Janauari, antes era um lugar onde se pescava, depois passamos a usá-la para prática do turismo, nós víamos vender os colares aqui nessa trilha foi aqui que começamos a perceber que podíamos viver do turismo do artesanato”. Seu Paulo, em 20.07.2012

Percebemos que para o seu Paulo Edson (morador-artesão de Janauari) a trilha do Ipixuna é muito mais que uma mata de igapó para ser contemplada, este tem o que podemos constatar o que afirma (Dardel 2011 p. 32) : “A paisagem não é feita para se olhar, mas a inserção do homem no mundo, lugar de um combate pela vida, manifestação de seu ser como os outros, base de seu ser social”.

A paisagem não é inerte, ela se move e nela estão impresso as mais diversas experiências humanas, ela assume novos significados a medida das necessidades humanas. Isso é perceptivo em Janauari a vila de pescadores e ribeirinhos, que ressignifica os elementos físicos do seu ambiente com o advento do turismo.

Os lagos, furos e igarapés, enquanto elementos físicos naturais antes utilizados para se tirar o sustento das famílias e para se locomover, continuam a ter essa função ainda que não sendo a principal, estão dotados da função de propiciar novas experiências para aqueles que visitam Janauari.

Todo o conhecimento que foi adquirido pelos moradores que antes eram pescadores tornasse fundamental para conduzir os turistas nos igapós, nas atividades de pescaria, nas caminhadas em terra firme.

O que inúmeras vezes passa despercebidos para o visitante é todo o valor simbólicos que esses aspectos físicos que compõem a paisagem de Janauari, têm para os seus moradores. Para seu Nelson (morador- pescador de Janauari), seu Raul (morador proprietário de restaurante Rainha da Selva), seu Luiz (morador- primeiro artesão de Janauari), o lago, a água em si, os reportam a todo o conhecimento aprendido ao longo da vida transcendendo assim a perspectiva do “ver” e alcançando o existir.

Esta perspectiva é pertinente quando Eric Dardel (2001) esclarece que:

A paisagem se unifica em torno de uma totalidade afetiva e dominante, perfeitamente válida ainda que refratária a toda a redução puramente científica. Ela coloca em questão a totalidade do ser humano, suas ligações existenciais com a Terra, ou se preferirmos, sua geograficidade original: a Terra como lugar, base e meio da sua realização. (Dardel 2001 p.31).

Esta relação existencial do homem com a terra, com seu ambiente encontramos também quando o seu Paulo Edson (morador-artesão de Janauari) fala sobre o prédio antigo da primeira escola, e esclarece que aquele lugar era o lugar que ele sempre queria estar, para além de uma construção em ruína, este possui todo um significado para este morador, que está presente em sua condição humana.

Nos estudos acadêmicos bem como para o senso comum, a paisagem amazônica está sempre muito direcionada na perspectiva dos aspectos físicos, buscando pensá-los na perspectiva condição física que ganha a maior protuberância dada às condições terrestres e fluviais (florestas, e rios), o que assume maiores dimensões dados aos discursos preservacionista presente no momento atual.

Pensar na paisagem e mais especificamente na Amazônica é inevitável, não nos referirmos a essas discussões da preservação ambiental e evidenciarmos que esta alicerçasse ainda em uma perspectiva ecologista, não compreendendo o ambiente como para além do físico, onde os homens que habitam deixam suas marca de suas experiências e de seu modo de vida.

É evidente que os elementos que constituem nossas paisagens, são de grandes proporções; floresta, rios, que atraem olhares, que encantam, mas este não é um lugar despovoado, nele estão presentes pessoas, homens e mulheres que conhecem, que convivem e sabem usar esses conhecimentos na vida diária, e este conhecimento deve ser valorizado e reconhecido.

Não se nega a importância de manter e conservar os elementos físicos da paisagem, mas precisamos também pensar em conservar o modo de vida dos que aqui habitam. Compreendermos que ao ressignificar os aspectos físicos da paisagem, o homem não abandona, certos costumes e aprendizagem adquiridos ao longo da vida.

E isso é visível em Janauari, seu Jorge mantém vivo o prazer que sente em colocar sua rede de pesca, depois ir recolhê-la e ver quanto de peixe conseguiu pescar. Ao navegarmos pelo lago conseguimos avistar um ou outro morador em suas canoas, colocando ou retirando suas redes de pesca. A pesca pode não ser mais a principal atividade econômica de Janauari, mas ainda constitui a paisagem desse lugar.

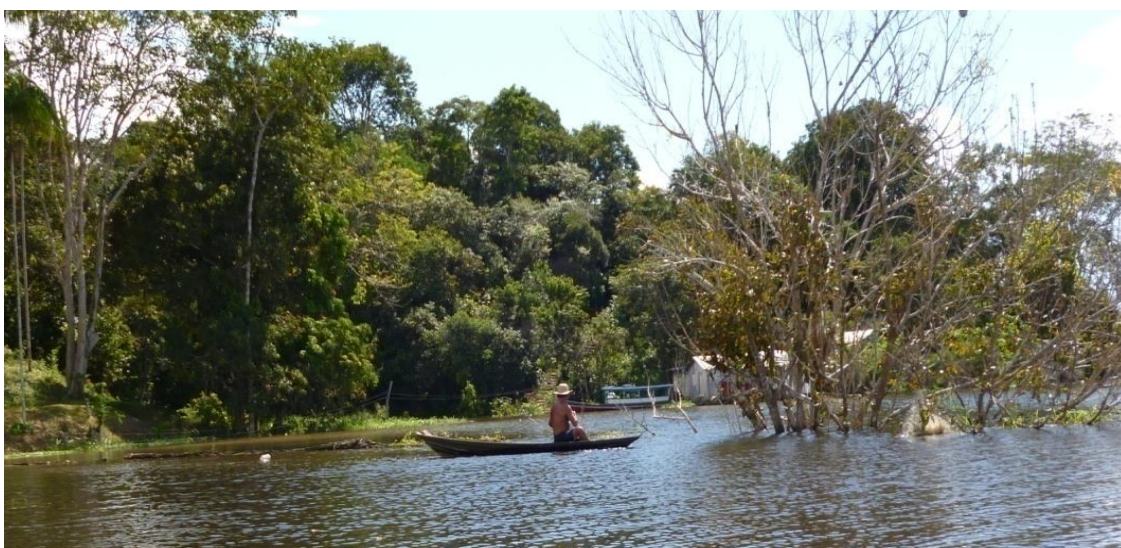


Figura: Imagem de seu Jorge colocando a rede de pesca- Com. São Pedro- Janauari

Fonte: Ana Lúcia Ferreira

Organização: Ana Lúcia Ferreira

Os moradores de Janauari não abandonaram essa herança cultural, o conhecimento que aprenderam. Pescar para eles está inserido em sua cultura, funciona como condição de existência, e ao acompanhar o dia-dia desses moradores é possível percebermos algumas práticas que ainda prevalecem como, assar peixe e comer debaixo da árvore, aqueles que chegam vão se servindo e partilhando o alimento como algo comum.



Figura: moradores comendo peixe sob a sombra da mangueira- Com. São Pedro-
Fonte: Ana Lúcia Ferreira
Organização: Ana Lúcia Ferreira

Outra prática muito comum que constitui a paisagem de Janauari é o ato de cultivar a mandioca para fazer a farinha, alimento essencial nas refeições amazônicas. No entanto, percebemos, no relato de alguns moradores, que hoje eles têm dificuldades, pois há um controle por parte dos órgãos ambientais, essa situação relatada por dona Julia (moradora-artesã de Janauari):

“hoje não com é primeiro, antes podíamos plantar nossas roças mandioca para fazermos nossa farinha, agora para fazer nossa roça de mandioca, pequena mesmo só para nosso consumo mesmo, tem que fazer escondido”. Dona Julia, em 24.08.2012

Percebemos dessa forma que, esses discursos de preservação ambiental, ainda não conseguem compreender a paisagem como de fato esta se apresenta, vê-la como de fato está tecida; de elementos naturais e humanos que estão juntos e esta junção é que constitui a paisagem amazônica e aqui em evidência, a paisagem de Janauari.

Ao fragmentar a paisagem na perspectiva dos recursos naturais acaba por nos direcionar para alguns questionamentos: Como, e para quem estamos preservando? Quem tem direito de usufruir das condições físicas dessa paisagem? Não esqueçamos que preservar implica em deixar intocável, e enquanto que conservar é usufruir de forma responsável, fazer uso dos recursos para atender as necessidades humanas.

Ao elencar tais questionamentos não temos a pretensão de dar as resposta, mas de promover algumas reflexões de como estamos compreendendo a realidade da paisagem amazônica e mais nomeadamente a paisagem de Januari. Percebemos desta forma a necessidade de se compreender a paisagem em sua complexidade, do contrário, preservaremos os aspectos físicos da mesma e sucumbiremos um modo de vida cultural de um determinado lugar.

Os elementos naturais da paisagem de Januari fazem com este seja visto pelas agências de viagens, hotelarias, órgãos oficiais como um grande potencial turístico, no entanto, a paisagem de Januari constitui-se não só de atrativos naturais, mas principalmente da capacidade dos moradores que nessas condições naturais, que sabe como ressignificá-la, sem esquecer o que aprendeu por meio de suas experiências.

É esse morador de Januari que tem plena consciência de estar na terra e de estar intimamente ligado a ela a partir do que viveram e experienciaram. A oralidade dos moradores nos possibilitou conhecer a história de Januari e como a mesma se constitui.

Notamos que a paisagem de Januari não é estática, mas dinâmica. Suas mudanças deram a partir de ressignificação dos aspectos físicos e do modo de vida que hoje caracteriza como lugar turístico. Ao ressignificarem esses aspectos, os moradores não abandonaram o que lhes era de costumes, pois mantêm os hábitos e continuam a usufruir o que aprenderam no decorrer de suas vivências.

A partir dos elementos discutidos por nós nesta etapa do trabalho, procuraremos compreender a relação que os moradores do Januari possuem com o lugar, e como esses homens e mulheres o ressignificaram a partir da prática turística e do artesanato existente nesse lugar, onde os mesmo estabeleceram a base de sua existência.

3. O RESSIGNIFICADO DO LUGAR: O TURISMO EM JANAUARI NA PERCEPÇÃO DOS MORADORES.

Janauari é compreendido por nós como lugar onde os moradores estabeleceram a base de sua existência, a partir da relação de afetividade, do conhecimento adquirido acerca do mesmo, que fizeram com que esses moradores transformassem esse espaço geográfico em um lugar vivido. Buscamos conhecer como o lugar teve seus símbolos e signos ressignificados com a presença do turismo e com a prática do artesanato.

O lugar Janauari, é um espaço geográfico que o homem atribui valores e significados e que este o ressignificou a partir das suas necessidades, o que possibilitou uma interrelação entre eles. Esta interrelação é presente na forma como os esses homens e mulheres representam o lugar onde vivem.

Para atender aos anseios de compreendemos o espaço Amazônico e aqui de forma mais específica o lugar Janauari, percebemos que este precisa ser pensado em sua complexidade sem fragmentações do saberes, onde buscamos conhecer essa relação cultural do homem com a natureza de forma mais humanizada.

Desejamos conhecer Janauari a partir do que constrói de sua totalidade, a partir da subjetividade, das experiências e do simbolismo de seus moradores. Por acreditarmos como Marandola (2012), ao afirmar que há muitos anos a Geografia alicerça-se nas experiências humanas.

A perspectiva da Geografia Humanista possibilita pensarmos o mundo em sua complexidade, compreendendo essa relação que o homem estabelece com lugar a qual vive partir das suas experiências. Estas experiências permitem ao homem um conhecimento geográfico, podendo ser expresso por outras línguas, como por exemplo, a letra de uma música, podemos exemplificar a partir do samba de Alindo Cruz, intitulado “o meu lugar”. A letra da música demonstra toda a relação de identidade pertencimento que o sambista possui com o bairro carioca de Madureira a qual ele identifica como seu. Vejamos a letra do samba que fala sobre o lugar Madureira:

“O meu lugar
 é caminho de Ogum e Iansã,
 lá tem samba até de manhã,
 uma ginga em cada andar.
 O meu lugar,
 é cercado de luta e suor,
 esperança num mundo melhor...,
 O meu lugar,
 tem seus mitos e seres de luz,
 é bem perto de Oswaldo Cruz,
 Cascadura, Vaz Lobo, Irajá.
 O meu lugar,
 é sorriso é paz e prazer,
 o seu nome é doce dizer,
 Madureira, lá, laiá. (Arlindo Cruz)

Percebemos que o bairro Madureira é reconhecido pelo sambista, a partir da religiosidade, da esperança, como lugar de sonhos e lutas, do modo de andar das pessoas, e por fim a localização a partir da proximidade com outros lugares. Esta relação dar-se a partir das experiências vividas neste lugar.

Podemos encontrar esta realidade deste conhecimento geográfico também muito presente na poesia do escritor amazonense Thiago de Mello. Este poeta transformou suas experiências vividas em poesia, esta vem carregada da afetividade da geograficidade que o mesmo tem com o lugar de sua existência. Poesia carregada de um conhecimento acerca do Lugar, o Município de Barreirinha- Am, alicerça-se nas suas experiências vividas. Entre os muitos poemas do autor podemos destacar : “A vida verdadeira”.

Canto molhado barrento
 de menino do Amazonas
 que via a vida crescer
 nos centros da terra firme.
 Que sabe a vinda da chuva
 pelo estremecer dos verdes
 e sabe ler os recados
 que chegam na asas do vento.
 Mas sabe também o tempo
 da febre e o gosto da fome.

Nas águas da minha infância
perdi o medo o medo entre os rebojos
Por isso avanço cantando.
Estou no centro do rio,
estou no meio da praça.
Piso firme no chão,
sei que estou no meu lugar
como a panela no fogo
e a estrela na escuridão. (MELLO, 1987, p.214).

Thiago de Mello, fala da realidade a qual vivi, enfatizando o conhecimento que os homens que habitam o Amazonas possuem a floresta, fala da sua realidade e das mazelas de seu povo, deixa explícita toda a percepção que possui do seu mundo que dar-se, a partir do experienciado por ele. E isso nos remete a Dardel (2012 p.), quando profere que: “o geógrafo quando transcende em seus estudos a geografia de laboratório chega a ser poeta”. Logo, podemos pensar que este poeta é também um grande geógrafo, a partir do conhecimento experienciado ao longo de sua vida.

Parte das poesias deste escritor reconhecido internacionalmente e pouco valorizado em nível nacional, tornou-se trabalho do Geógrafo Marcos Aurelio Marques, em um livro intitulado: “Thiago de Mello uma poética do Lugar”. O autor faz uma reflexão acerca da Geograficidade presente na poesia de Mello.

Outro trabalho de suma importância que busca a geograficidade dos homens que habitam o espaço amazônico é o de Nogueira (2001). Ao refletir sobre a geograficidade dos comandantes de embarcação do Município de Careiro da Várzea-AM, a autora evidencia o conhecimento que estes comandantes construíram ao longo da vida e do exercício da atividade e, como estes o representam, bem como sua relação de afetividade para com o lugar.

Trabalho detentor de uma rica base teórica e metodológica que lhe confere um caráter científico, mas que para além deste caráter científico, tem em sua essência o pensar o mundo amazônico por meio daqueles que o vivem e o experienciam. Possibilita assim o reconhecimento dos saberes, do seu modo de vida, que inúmeras vezes é negado e deixado a margem.

E enquanto pessoa que vivem a realidade amazônica, digo: “é o reconhecimento e a valorização de uma cultura, de um modo de vida, mantendo a razão sem perder a sensibilidade. Leitura viva e presente, que nos leva as lágrimas da emoção”.

É nesta perspectiva humana, das relações que homem estabelece com o mundo por meio das experiências, que almejamos conhecer Januari. Interessa-nos a Geograficidade dos moradores de Januari. Esta geograficidade presente nas obras de Thiago de Mello, na representação dos comandantes de embarcação de Careiro da Várzea. Onde as experiências vividas pelas pessoas, transformam os espaços em lugares de existência.

3.1- Januari um Lugar de Existência: A Percepção de Seus Moradores.

Este é o momento que evidenciaremos como os moradores percebem Januari, para então compreendermos como os mesmo o ressignificaram. Ao pensarmos Januari como um lugar de existência é preciso buscar conhecê-lo como propõe Nogueira (2001), um lugar da vida diária, das relações afetivas, de rejeição, de circulação de idéias, das relações que os moradores de Januari vivenciam em seu dia-dia. Ao buscarmos conhecer Januari como lugar de existência, retomamos a discussão presente no primeiro capítulo desse trabalho, quando falamos do mundo vivido em Januari.

Pois comungamos do mesmo pensamento de Nogueira (2001), a autora considera o lugar como o mundo vivido. São os lugares existenciais e onde se encontra a experiência que cada ser tem com o mundo.

Esta experiência que permite ao homem um conhecimento geográfico possibilita a ele não apenas se reconhecer, se orientar, mas ser a base de sua existência. O reconhecimento do experienciado se pauta no que o filósofo, francês Merleau-Ponty citado por Nogueira (2001), argumenta da importância das experiências humana como forma de conhecimento: “Será preciso desperta a experiência do mundo tal qual ele nos aparece enquanto estamos no mundo com nosso corpo, enquanto com o corpo e com o

mundo é também a nós mesmo que iremos reencontrar.” (Merleau-Ponty apud Nogueira 2001 p. 28).

Percebemos que o conhecimento dar-se a partir das experiências que temos com o mundo. Esta experiência é também aclarada por Tuan (1983), quando afirma que esta é a forma pela qual o homem conhece e constrói sua realidade.

A partir destes princípios, podemos compreender Janauari por meio de seus moradores haja vista estes, deterem um conhecimento geográfico, uma relação afetiva dada a partir das suas práticas diária.

Este conhecimento dado a partir das experiências é pertinente na fala do seu Luiz (morador - primeiro artesão de Janauari), quando o mesmo nos relata: “sabe moça eu conheço tudo isso aqui, quando chegava gente nova aqui eu ia ensinar como eles tinha que fazer para sobreviver, onde era o melhor lugar pra pescar, onde era lugar de fazer a roça...”.

Percebemos que seu Luiz (morador primeiro artesão de Janauari), possui uma intimidade com este lugar, sendo este a sua casa, reportamo-nos ao do que diz Tuan (1983 p. 161), ao afirma que: “A vida é vivida, e não um desfile a qual nos mantemos simplesmente observamos. O real são afazeres diários, é como respirar”.

Seu Luiz (morador - primeiro artesão de Janauari) com decorrer do tempo e com as experiências vividas adquiriu um conhecimento geográfico acerca de Janauari. E é este conhecimento que antecede o conhecimento cientificista da geografia. Dardel (2012) ver conhecimento geográfico como sendo uma ligação direta do homem com a Terra revelando a este sua condição de existência. Outra realidade presente na narrativa de seu Luiz é que este conhecimento adquirido por ele assume um novo significado, o de partilha com quem chegava a Janauari como fazer para trabalhar e se orientar no lugar.

O lugar Janauari será entendido por nós para além de um espaço mensurável, mas a partir do homem que está no mundo e se reconhece enquanto ser-no-mundo.

Dentre as categorias geográficas o lugar durante muito tempo foi pouco explorado pelos estudos geográficos. Justifica-se segundo Relph (2012), dado o fato de que muitos que estudavam ou o viam como algo muito óbvio, sendo compreendido apenas como a descrição de diferentes assentamentos e Regiões da Terra, sem levar em consideração a relação de afetividade, das experiências vividas que os homens estabelecem com os lugares.

No entanto, essa visão reducionista de conceber lugar apenas como descrição tem sido superada, é o que aponta Relph (2012), ao afirmar que com decorrer do tempo aparecem inúmeros estudos sobre o lugar principalmente a partir de 1990, quando esta categoria geográfica passa a ser discutida em outras áreas do conhecimento, como a Antropologia, Sociologia, Arquitetura, Literatura (como já evidenciamos com a o poema de Thiago de Mello), em outras áreas do conhecimento.

O estudo acerca do lugar durante muito tempo esteve direcionada a descrever a diversidade dos lugares, além dessa condição, outra possibilidade que levou o lugar a ficar de lado dos estudos da Geografia foi a dimensão cartesiana salientada pelas bases positivistas que, segundo Relph (2012), estas perspectivas dilaceram as experiências, as emoções, deixando de lado a poesia, as relações que o homem estabelece como o ambiente a qual vive.

E preciso compreender o lugar a partir das nossas experiências, de como percebemos o mundo, e de como construímos os lugares, superando perspectivas geométricas. Esta abordagem foi muito criticada por Buttimer, para a autora, “descrever o espaço meramente em termos de sua geometria é uma abordagem inadequada ao entendimento da experiência humana” (BUTTIMER apud NOGUEIRA 2001 p.31).

O Geógrafo humanista Yi-Fu-Tuan, compreende o lugar a partir das experiências do corpo. Os sentidos humanos atribuem cheiro, barulho, para um determinado lugar. A partir desse conhecimento permite a ser humano sentir-se seguro

Ao evidenciarmos a fala do autor, reportamos a fala de Seu Luiz (morador-primeiro artesão de Janauari) que além de ter sido o primeiro artesão era também pescador, ele nos relata que: “de primeiro tinha muito peixe, quando chegava a tarde

escutávamos aquele barulho no rio... chega vinha estalando... era hora da gente colocar as malhadeiras (artefato de pesca)”.

Percebemos que por meio da audição ao ouvir o “barulho”, seu Luiz (morador-primeiro artesão de Januari) sabia que era a hora de colocar a malhadeiras, aprendizado que adquiriu ao longo do exercício da atividade de pesca. Este mesmo barulho poderia, para uma outra pessoa que não vive a experiência de pesca, ser algo assustador ou simplesmente não conseguir entender. A partir das suas experiências como pescador seu Luiz deu um significado àquele “barulho” aproximação dos cardumes de peixes. Este conhecimento adquirido por seu Luiz, também passou a ser ressignificado, quando nos fala que trabalhou também durante muito tempo no restaurante da empresa Selvatur, limpando e preparando os peixes que seria servido pelo restaurante.

Januari , para além de uma diversidade, a ser descrita de forma medida e mensurada é um lugar onde seus moradores vivem, apreendem, ensinam partilham suas experiências. Lugar a ser compreendido por meio daqueles que vivem sua realidade, que lhe significa e ressignifica, com este propósito buscou-se, por meio da oralidade desses moradores, compreender a realidade onde vivem. Alicerçamo-nos ainda no que enfatiza Claval (1999), quando este nos fala que: as palavras traduzem o real.

A vida diária onde acontecem os processos de aprendizagens que, também é um momento de lazer; quando observamos, por exemplo, os “curumins” (termo usado para designar crianças) nadando no lago. Momento que alguns aprendem a nadar, um ato tão necessário para quem vive não apenas a margem, mas no próprio lago e, que além de uma necessidade e um momento de prazer, nos faz lembrar o que Swinburnes apud Dardel (2012 p.21) que: “Eu jamais pude estar próximo à água, sem desejar estar nela”, e Dardel acrescenta sobre esta colocação “O espaço fluido se faz cúmplice dos desígnios humano” Dardel (2012 p. 21).



Figura: crianças nadando no lago de Janauari
 Fonte: Ana Lúcia Ferreira
 Organização: Ana Lúcia Ferreira

Para os curumins, Janauari é lugar de aprendizagem de prazer, assim como para dona Marta que tem como ofício principal ser a parteira do Janauari. Para ela este é lugar de aprendizagem e de segurança. A parteira nos relata:

“Quando tinha quinze anos fui morar em Manaus mais não me acostumava, queria voltar para o interior. Depois de um tempo fui morar no Careiro da Várzea, passei dois anos, mas não me acostumava, alagava muito, gosto da terra firme, foi ai que voltei para Janauari e continuei a trabalhar plantando roça, fazendo farinha, ai apareceu o turismo, eu também trabalhei durante muito tempo com turismo, ajudou a criar meus filhos. Com minha mãe aprendi a ajudar as mulheres na hora do parto e a fazer os remédios, quando eu saio de casa é tanta gente que me pede a benção. É que vi muita gente vindo ao mundo”. 24.08.2012

Dona Marta não conseguiu se estabelecer em Manaus, nem em Careiro da Várzea, estava em Manaus sentia falta da vida no interior, estava em Careiro da Várzea sentia falta da Terra firme.

Esta situação vivida por dona Marta nos remete ao Dardel (2012) quando afirma que:

“Antes de toda escolha existe um “lugar” que não podemos escolher, onde ocorre a “fundação” de nossa existência terrestre e de nossa condição humana. Podemos mudar de lugar, nos desalojarmos, mas ainda é a procura

de um lugar; nos é necessária uma base para assentar o Ser e realizar nossas possibilidades”. (Dardel 2012 p.41)

Percebemos que Dona Marta se buscou por algumas vezes esse “lugar”, onde ela pudesse estabelecer a base do seu Ser, até encontrar base e a possibilidade de descobrir um ofício tão nobre, o de ajudar as mulheres parturientes, o de cuidar com seus remédios caseiros. Um saber que como muitas vezes ela explicou: “vem de dentro de mim”.

Notamos que os moradores percebem-se enquanto ser no mundo, bem como a deixam explícito a relação de afetividade o conhecimento acerca do lugar que eles habitam. Esta discussão acerca da percepção tem sido interesse dentro da Geografia tem sendo abordada por alguns geógrafos. Nogueira (2001) ao citar Andrade evidencia que esta discussão feita desde a antiguidade pelos gregos que buscavam entre os dados psicológicos o entendimento com o meio ambiente. Destaca ainda, que no século XVIII Montesquieu procurava identificar as características humanas por meio do clima, buscando entender como o clima e a morfologia, influencia as características humanas. A autora por sua vez apresenta inúmeros trabalhos sobre o significado da percepção acerca das populações primitivas.

A partir das leituras acerca da pesquisa de Nogueira (2001) notou-se que a discussão sobre percepção sempre esteve presente permeando as diversas escolas geográficas. Ora refletida na perspectiva determinista, ora por meio possibilismo, ora negada pela geografia quantitativa.

A autora explica ainda que mesmo tendo sido os franceses a iniciarem essa reflexão, foram os anglo-saxões que mantiveram maior interesse pela mesma. Demonstra que a percepção geográfica muitas vezes assumia características economicista ou vinha sendo colocada pela própria psicologia que sempre ficava reduzida na reflexão de causa-ação, voltando suas preocupações para a organização do espaço, buscando relacionar sempre aos problemas das catástrofes naturais.

Torna-se necessário evidenciarmos que não iremos adentrar no mérito dessa discussão, não que esta não seja significativa, mas que a mesma já foi realizada, por meio de uma vasta pesquisa bibliográfica realizada de forma minuciosa por Nogueira (2001).

Buscaremos compreender a percepção geográfica a partir de geógrafo como Eric Dardel, Amélia Nogueira, na perspectiva do conhecimento enquanto experiência, como modera o filósofo Merleau-Ponty, buscando compreender essa interrelação do homem com o mundo, partindo dos pressupostos que um não existe sem outro.

Assim como fez Nogueira, pautamos nosso trabalho no mundo das experiências humanas, de forma mais veemente no mundo das experiências dos moradores de Janauari. Por acreditar como ela que: “não há um mundo objetivo independente da existência humana. Todo conhecimento é resultado do mundo da experiência” (Nogueira 2001, p. 74).

É possível percebemos na fala desses moradores de Janauari a relação de existência com o Lugar, explicitado de formas diferentes, dado a individualidade de cada um, mas encontramos na totalidade do coletivo, esta relação existencial.

Ao iniciarmos o diálogo com seu Belarmino (morador de Janauari- Restaurante Ipixuna) ele começa com a seguinte afirmação: “sou filho daqui, sou caboclo, todos somos”. Notamos com essa colocação de seu Belarmino a relação intrínseca de homem-mundo, que se identifica e se reconhece como homem do lugar. Este posicionamento remete ao que nos explica Dardel: “Essa relação vivida dos homens com os lugares determinados faz verdadeiramente deles no sentido rigoroso, “gente do lugar”, autóctones, como dizem os gregos” (Dardel 2012, p.50)

Esta relação se faz presente na fala da Alcineide (moradora de Janauari- restaurante Rainha da selva), nos relata: “Nasci lá no Iranduba (referindo-se a sede do município), mas sempre vivi aqui, temos nossa família aqui, eu adoro o Janauari, passo dois dias em Manaus, mas logo quero voltar”. Podemos perceber essa relação existencial também na narrativa de seu Demetrio (morador-artesão de Janauari), quando o mesmo nos profere: “meus pais nasceram aqui, eu gosto daqui, é calmo, é bom de viver, trabalho com a natureza, trago o sustento pra minha família”. Seu Demetrio evidencia no primeiro momento de sua fala que sua origem pertence a esse lugar, a segurança, e que neste lugar ele pode trabalhar com a natureza.

Além de se reconhecerem como gente do lugar, percebem o lugar como seguro. Seu Givaldo (morador- artesão de Janauari) afirma que este é: “um lugar bom de viver, porque ninguém vive perseguido por nada, nem por ninguém”.

Esta é também a percepção de seu Luiz (morador- primeiro artesão de Janauari) que explica: “aqui você pode dormir com a porta aberta se você quiser, o perigo é só os carapanãs (pernilongo). Onde hoje você pode fazer isso por aí?”

Outro morador que nos demonstra perceber Janauari como um lugar de segurança que, seguro também no sentido de reconhecer de se identificar é seu Paulo (morador- artesão de Janauari) que enuncia: “Janauari é meu local, meu canto, meu porto seguro”. Notamos por meio das narrações dos moradores aquilo que Tuan (1983), salienta acerca do lugar, como sendo este onde nos sentimos seguros, esclarece ser este a nossa casa onde sabemos onde as coisas estão e onde podemos nos orientar. Os moradores participantes deste trabalho demonstraram em suas falas as percepções que tem das mudanças ocorridas no lugar, o que levou a ocasionar tais mudanças, e o que eles pensam acerca dessas mudanças.

Percebem por exemplo as mudanças ocorridas na maneira de se relacionar. Dona Georgina (moradora-artesã de Janauari) diz que: “Antes as amizades entre nós era mais verdadeiras”. Seu Belarmino (morador de Janauari- Restaurante Ipixuna) percebe a mudança nas relações entre eles, nos afirma que:

“Sinto falta das palavras das pessoas... antes a gente ia fazer uma roça, mandava avisar com antecedência que ia ter o Ajuri, o dono do Ajuri só se preocupava em dar a comida... hoje até pra limpar o furo é difícil... hoje não existe mais união”. Seu Belarmino, em 20.07.2012

Esta falta de unidade nas relações sociais é percebida por dona Marta (moradora-parteira de Janauari) quando ela coloca que: “falta mais união entre a gente... precisamos dar mais valor a nossa comunidade, esse é o nosso lugar”. Alcineide também nos diz que: “nós devíamos ser mais unidos”.

Janauari é percebido por seus moradores como um lugar próspero, onde eles tiveram a oportunidade de melhorias nas suas condições financeiras oportunizada pelo turismo e pelo artesanato. Isto fica bem explícito quando seu Gilvaldo (morador- artesão de Janauari) nos fala: “aqui no Janauari tudo que você coloca de artesanato você vende,

é muito bom para nossa atividade”. Notamos na fala de seu Givaldo que este lugar assumiu um novo significado, sendo um lugar que possibilita a ele e aos demais artesãos o desenvolvimento da prática artesã.

Por meio da fala dos moradores encontramos o que nos diz Merleau-Ponty citado por Nogueira (2001, p.77), “o homem está no mundo e é no mundo que ele se conhece...”. A autora acrescenta ainda que: “Essa percepção está carregada de manifestações culturais, memórias, sensações, imagens e linguagem.” (Nogueira 2001, p.77).

Com o intuito de compreender Janauari como Lugar de existência humana, construído a partir das experiências vividas, recorreremos às histórias de vidas dos moradores Janauari. Além das narrativas dos moradores aos Mapas Mentais que para compreendermos como os mesmo representam lugar por eles vivido, os Mapas Mentais foram adotados por nós como procedimentos metodológicos, estes compreendidos como: “é a representa da forma de como o homem percebe, representa, descreve e vive o lugar” (NOGUEIRA 2001, p.82).

3.2 Resignificação do Lugar Através dos Mapas Mentais dos Moradores de Janauari

Propormos a pensar Janauari a partir da representação dos moradores de Janauari através dos mapas mentais por acreditarmos que a cartografia está presente na condição de existência do homem, que a cartografia não se limita as condições mensuráveis e geométricas. A condição cartográfica do homem está presente desde o momento que o homem está no mundo e se percebe enquanto ser no mundo.

Esta cartografia presente nos momentos mais remotos da história humana como bem elucidada Nogueira (2001, p.83), “nossos ancestrais documentaram sua passagem na terra a partir de gráficos, desenhos de animais de figuras humanas e de pequenos percursos”. No entanto, esta forma de representarmos os lugares, passou de nós para os outros, como bem ressalta (Nogueira 2001), os mapas passam a ter como objetivo a localização precisa dos espaços, com o objetivo de dominá-los. Conferindo a

cartografia um caráter cientificista, e passa a ser incorporado pelo meio acadêmico como um instrumento de grande importância.

Nogueira (2001), diz que a discussão sobre os, Mapas Mentais é retomada na Geografia pelos geógrafos que discutem a percepção do meio, da psicologia comportamental. Esta estava direcionada com a preocupação de um planejamento, tendo como principais pronunciadores Peter Gould e Whith. Explica que esta discussão ganhou maior aporte teórico com o crescimento dos debates que buscam a valorização dos saberes no cotidiano dos lugares.

Notamos que mesmo dentre os geógrafos humanistas alguns tecem críticas aos Mapas Mentais, dentre eles o geógrafo Yi-Fu-Tuan, em seu livro Espaço e lugar o autor diz que os Mapas Mentais, são construções imaginárias. Contrapondo o autor, outros geógrafos como André, Bailly e Nogueira, por meio de suas pesquisas, demonstram com clareza que estes representam o real e não apenas o imaginário. Assim como eles, nós também procuraremos demonstrar que estes mapas representam, sim, a realidade, que se dá por meio de conhecimento adquirido por aqueles que vivem os lugares.

Outro autor que evidencia a capacidade cartográfica do homem a partir da realidade vivida, e Eric Dardel (2012), o autor legitima que:

“Desde a sua infância, nas primeiras civilizações o homem se municia de marcadores para se orientar: a casa da família, a torre da vila natal, uma colina, as árvores. *À frente, atrás, à direita, à esquerda, dentro, fora*, têm um sentido concreto.” (Dardel 2012, p.11)

Mesmo tendo o homem essa capacidade cartográfica que precede esta cartografia cientificista, que coloca pontos e linhas como forma de definir os lugares, esta capacidade é pouco reconhecida e valorizada, tendo em vista que hoje se faz necessário a exatidão como forma de veracidade.

Desta forma percebemos que a cartografia cientificista não considera o que de fato o mesmo representa. Podemos pensar os mapas mentais a partir do que esclarece Seemann (2012 p.69), ao afirmar que: “ser estes antes de tudo textos culturais, que por

trás dos polígonos impressos nos papéis existem homens e mulheres suas ações e razões”.

Esta preocupação em que o mapa tem como seu objetivo apresentar os lugares para além de uma geometrização, é presente no livro **O Sonho do Cartógrafo**, do autor James Cowan. Este autor encontrou o diário de um Frei Veneziano, chamado de Frei Mauro, conhecido por sua habilidade cartográfica na construção de Mapas. Este recebeu a incumbência de construir o Mapa Mundi a partir dos relatos dos viajantes e mercadores.

De seu mosteiro ele sentava com os viajantes e mercadores que relatavam suas experiências ao longo das viagens, Frei Mauro inicia seus trabalhos, no entanto, logo o mesmo entra em crise, pois o mesmo não sabia como iria colocar em formas geométricas os relatos desses viajantes e mercadores, pois estes ficavam sempre muito impressionado com formas de vida diferentes, o Frei entra também em uma profunda crise existencial, pois o mesmo passou a fazer reflexões sobre os posicionamentos da Igreja que se coloca como verdades absolutas.

Frei Mauro busca dá um novo direcionamento ao seu trabalho, sente em si o desejo e a necessidade de retratar os lugares observados pelos viajantes e mercadores tal como eles o relatavam, e ele afirma “abandonei a Matemática e a Física para estudar o mundo que eles tinham encontrado” (Cowan 1942, p.25).

O frei se afligia por ele mesmo não poder viajar e conhecer o mundo tal qual ele se apresenta, no entanto, o mesmo reconhecia estes homens como grandes observadores, e sabia que cabia a ele retratar estas percepções. Percebemos esse questionamento acerca da geometrização espacial já se fazia presente no século XIV.

Ao buscarmos conhecer a representação dos Mapas Mentais dos Moradores de Januári, partimos do que propõe Nogueira (2001), não estaremos preocupados com a exatidão, pois não é este o propósito dos Mapas Mentais, e sim compreender o lugar, por meio dos que o percebem e sentem seus moradores. Portanto é preciso pensar como a autora, estes são:

“As representações do vivido, são os primeiros mapas traçados por nós ao longo de nossa história com os lugares experienciado. Todos nós

construímos verdadeiros mapas dos lugares a partir da nossa relação existencial com eles” (Nogueira 2001 p. 93)

Pensar os Mapas Mentas dos moradores de Januari nos remete ao Geógrafo Seemann (2012), quando este nos diz que estes são uma fonte rica de história pessoal, sendo a transcrição de nós mesmos, trazem consigo o tempo, o espaço, a biografia da vida dos seus construtores. Trazem consigo vida, as práticas sociais das pessoas que estimulam suas memórias.

Estas colocações dos nossos aportes teóricos aparecem no momento em que acompanhamos os moradores de Januari no processo de construção dos mapas Mentais.

3.3. Mapa Mental de Januari

Olhar os Mapas Mentais de Januari nos remete para Cowan (1942 p.), quando chama a atenção ao dizer: “olharemos os mapas que os olhos gravaram no coração de cada um”. Quando nos propomos a fazer este trabalho, sabíamos que a participação e entrega por parte desses moradores, seria de suma importância para atingirmos os objetivos da pesquisa. Era preciso uma longa pesquisa de campo de muita conversa. Em primeiro momento ganhar a credibilidade que nos permitisse alcançar este mundo vivido dos participantes. E no segundo momento de muita escuta. Alguns indagavam o porquê deles fazerem esses mapas, afinal esses “mapas já são feitos por muitos profissionais” falavam referindo-se aos mapas cartográficos geométricos.

Esta situação exigiu um tempo para fazer entendê-los que queria um Mapa Mental feito por eles, queria conhecer Januari a partir do “olhar” deles, pois estes mapas de laboratório, qualquer profissional com conhecimento em geoprocessamento poderia fazer, como assim o fizemos, e apresentamos no segundo capítulo deste trabalho, mas que não era este o mapa de maior interesse para nossa pesquisa. Depois de gravarmos nossas entrevistas íamos para construção dos Mapas, momento este de conversa onde aflorava as memórias desse morador. Etapa está superada, coube-nos perguntarmos como faríamos apresentação desses Mapas, como estes foram construídos

a partir de momentos de diálogos, achamos por bem apresentá-lo com os diálogos de seus construtores.

Dadas tal explicação, retomemos a discussão acerca da representação dos Mapas Mentais. Quando citamos o geógrafo Seemann, que fala que as construções desses mapas remetem aos construtores as suas memórias, nos remetes a Dona Georgina (moradora-artesã de Januari), quando esta construía seu mapa, era perceptivo que ela retornava as suas experiências com o lugar de existência.

Identificaremos o mapa de dona Georgina como Mapa Mental de número-01. Como construção do mapa com a seguinte narrativa:

“Olha eu fazendo e falando para a senhora. Olha começa assim, a entrada lá pelo Rio Negro, ai gente passa pelo furo do Paracuúba que é um acesso também ao Xiborena, ali pelo lado do Solimões... mais para frente, ai de um lado fica a Terra Preta onde tem uma igreja, do outro lado é onde a gente diz que é a Vila do Peruano... Onde tem umas casas... chama vila dos Peruanos porque os primeiros a morar lá, diziam que tinha vindo do Peru, só tinha umas duas casas... construíram um flutuante grande, onde tinha as festa... até que um dia de festa morreu o dono da Selvatur, ele morreu afogado, e nós ficamos lá velando ele na água até chega quem viesse pega pra levar, hoje já tem muitas casas lá... bom depois mais pra frente vem o Furo Grande que dá acesso a Manaus, outro lado e Ipixuna é onde viviam os índios, por isso que tem esse nome, bem na frente da entrada fica o flutuante do Belo... lá que vivia o homem que começou o artesanato.... depois vem o furo do Botelho, o campo de futebol, a terra alta, onde gente tá, o cemitério, do outro lado o Furo do Beré, que sai no Cacau, e ai a gente chega na cabiceira....” Em 04. 11. 2012.

Dona Georgina construiu o Mapa de Januari a partir dos seus momentos de experiência com esse lugar. Em alguns momentos e como se mergulha em seus pensamentos falava e traçava, sem precisão geométrica, cálculos, a moradora traçou o lugar tal qual o reflete em sua mente.

Mapa Mental -01

Fonte: Dona Georgina

Data: 04. 11.2012

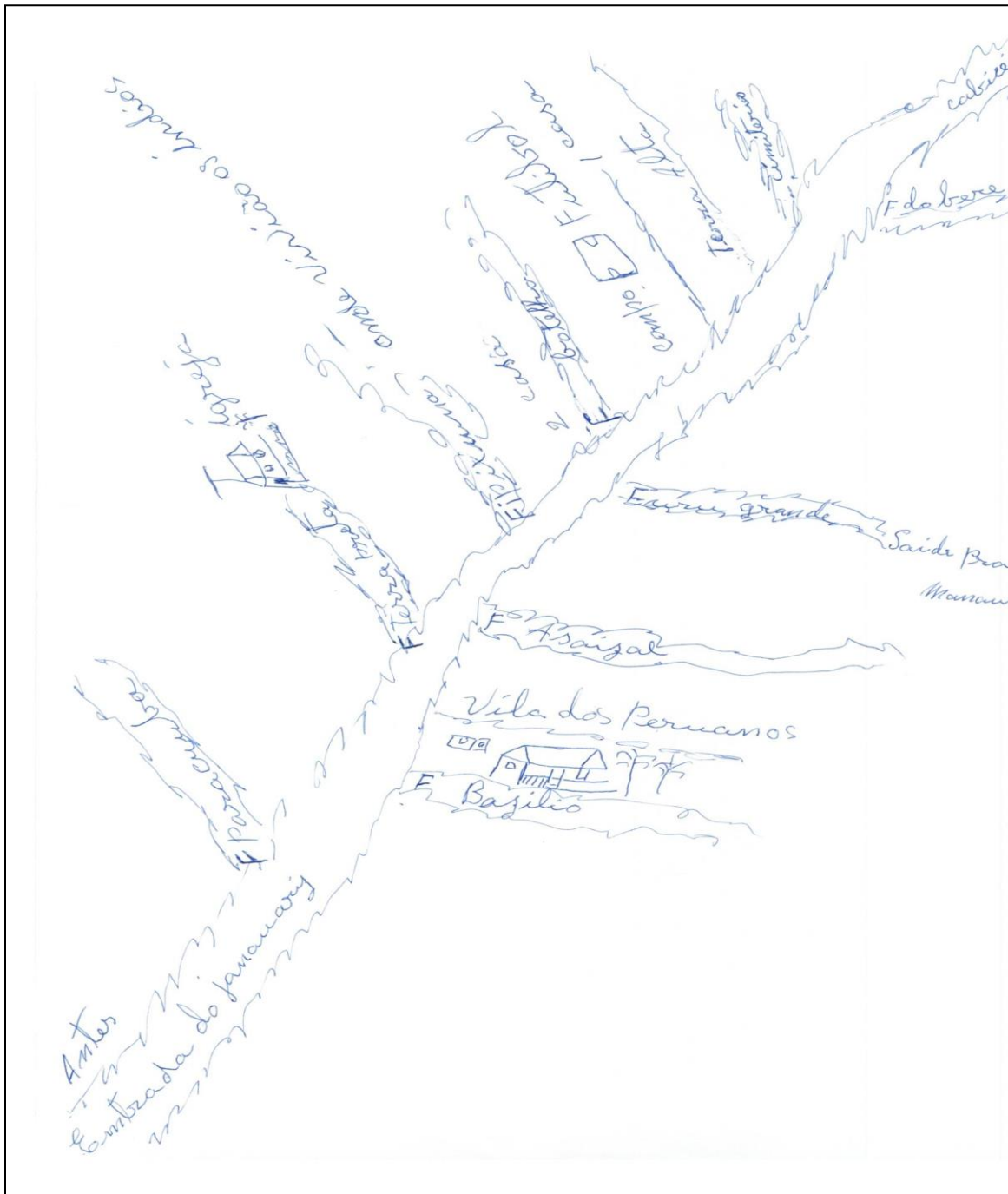




Foto: vila do Peruano
Fonte: Ana Lúcia Ferreira
Data: 04.02.2012.



Figura: Terra alta- Vila de São Pedro
Fonte: Ana Lúcia Ferreira
Data: 04.02.2012

Contrariamente o que alguns teóricos possam vir colocar a serem, os Mapas Mentais, imagens do imaginário, pode perceber que estes representam o real, a vida diária daqueles que vivem seus lugares. Foi o que nos mostrou dona Georgina

Conhecer esse lugar por meio dos que o vivem e as experiências, e compreendê-lo como o lugar onde a vida acontece para os que o habitam. Podemos por Meio do Mapa de seu Demetrio Coelho, que enumeramos como Mapa Mental 02.

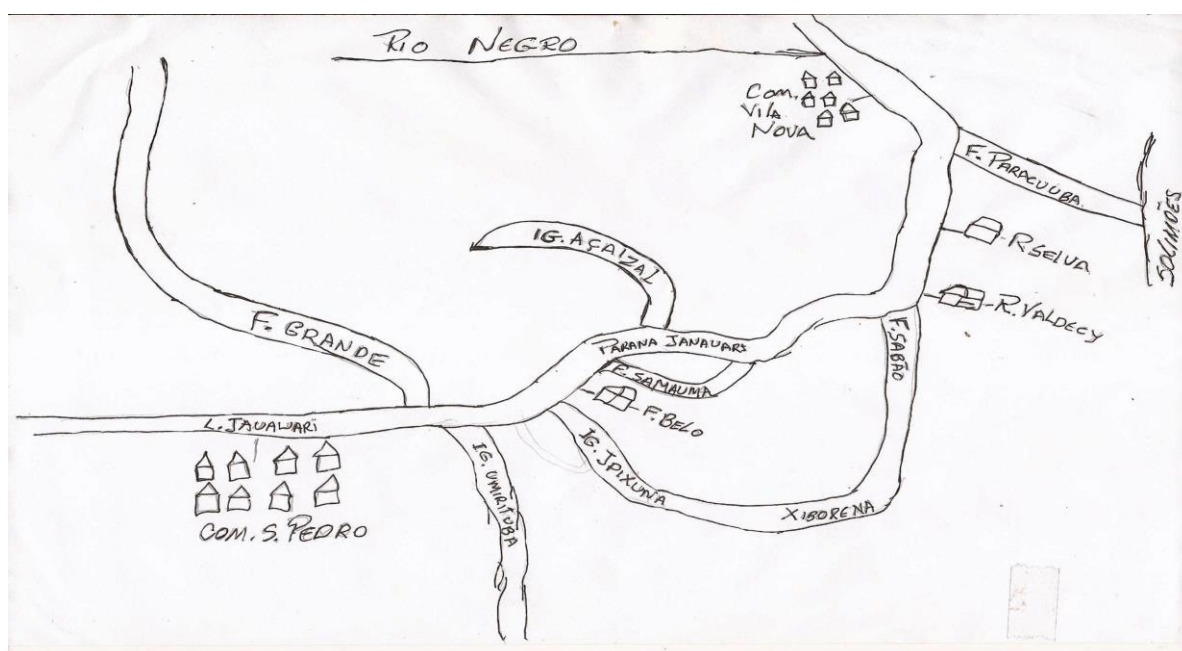
Ao pedirmos para que ele traçasse o Mapa do Lugar ele ficou apreensivo, preocupado com as formas e o traçado, então que disse que seria como ele o vê. E começa a desenhar e a explicar;

“Então começamos aqui pelo Rio Negro, ai vem a comunidade de Vila Nova, depois o Furo do Paracúba. A senhora sabia que aquele Furo não é natural foi feito pelo homem? Para diminuir o caminho é que eles tinha que da volta lá por fora, era pequeno ai com tempo e a força da água da correnteza foi ficando largo. Por isso que a gente tem um pouco da água do Solimões, e ai dá pra gente ter o Lago de Vitorias-Régias, elas são nascem nas águas barrentas. Depois do Furo do Paracúba vem o os Restaurantes o Rainha da Selva e do Valdecy, e onde a gente vende nosso artesanato. Depois vem flutuante do seu Belo a trilha da Samaúma, entra do Igarapé do Ipixuna, ai começa o Lago de Januari. Antes disso é o Paraná do Januari. Ai tem o Furo grande e comunidade de São Pedro, onde eu moro”. Seu Demetrio Coelho em 11.10. 2012

Mapa Mental -02

Fonte: Demétrio Coelho.

Data: 11. 10. 2012



Ao construir seu Mapa seu Demetrio, nos retrata o fato importante, que foi a construção do Furo do Paracuíba, fato este que, acaba por dar outra dinamicidade ao lugar, passa a ser parte do itinerário dos moradores de Solimões, que querem agilizar o tempo da viagem até Manaus.

Seu Demetrio Morador e artesão da comunidade, retrata em seu Mapa, os lugares que ele está mais presente em seus afazeres cotidiano. O espaço onde vende seu artesanato, o lugar de sua casa.

Esses afazeres possibilitam o homem não apenas reconhecer o lugar, como também atribui valores e significado aos rios, lagos, árvores, entre outros elementos, e que acaba por possibilitar a este morador formas de representação.

Perceber o lugar a partir de seus afazeres diário é pertinente na representação de seu Nelson (morador- pescador de Janauari) que tem como ofício a pesca. Este será enumerado como Mapa 04

“Olha moça o Janauari é assim... eu vou te explicar um pouco...”

Mapa Mental -04

Fonte: Nelson .

Data: 08.09. 2012



“A entrada do Janauari é ali na vila Nova, ai vem todo esse Paraná aqui até chegar no Lago... Todo esses aqui é furo e igarapé, esses aqui depois do Umirituba, vai da lá no Iranduba na sede e sai no Solimões, tá tudo ligado quando é período de cheia... eu conheço tudo isso aqui, eu sempre leva os turista para pescar, de primeiro”. Seu Nelson, em 24.09.2012

Pela sua exposição e pelo mapa de seu Nelson (Morado- pescador de Janauari) de imediato o percebemos como sendo pescador, o conhecimento com riqueza dos inúmeros igarapés seus percursos, nos leva a crer que por meio da prática da pesca possibilitou a ele essa riqueza de detalhes acerca das águas que constrói para ele o lugar de sua existência, este conhecimento que se Seu Nelson ressignificou para prática da atividade turística. Estas colocações de seu Nelson, a forma de representar o lugar, nos leva a refletir no que Nogueira (2001) nos fala: “conhecimento construído na relação intersubjetivo entre homem e lugares” (106).

Este conhecimento vivido, experienciado e presente no Mapa de seu Paulo Edson (morador-artesão de Janauari), que será apresentado como Mapa Menta de número 05.

Paulo é o presidente da Associação dos Produtores de Artesanato de Janauari- ASPROARTS-JAN, é um dos líderes comunitários de Janauari, quando pedi a ele que construísse o mapa de Janauari, ele me disse o seguinte:

“Antes de fazer o mapa vou te levar para ver como é que Janauari. Vou te levar na primeira trilha turística da comunidade, vamos passar pelos furos e vamos vendo e vou te contando, como as coisas aconteceram e acontece por aqui. Vou fazer o Mapa e tu vai entender melhor.” Seu Paulo Edson, em 11.12.2012

Assim como Paulo sugeriu, nós fizemos: Em uma das minhas várias manhã em Janauari, entramos em uma canoa e remando fomos fazer o percurso que Paulo acreditava ser necessário.

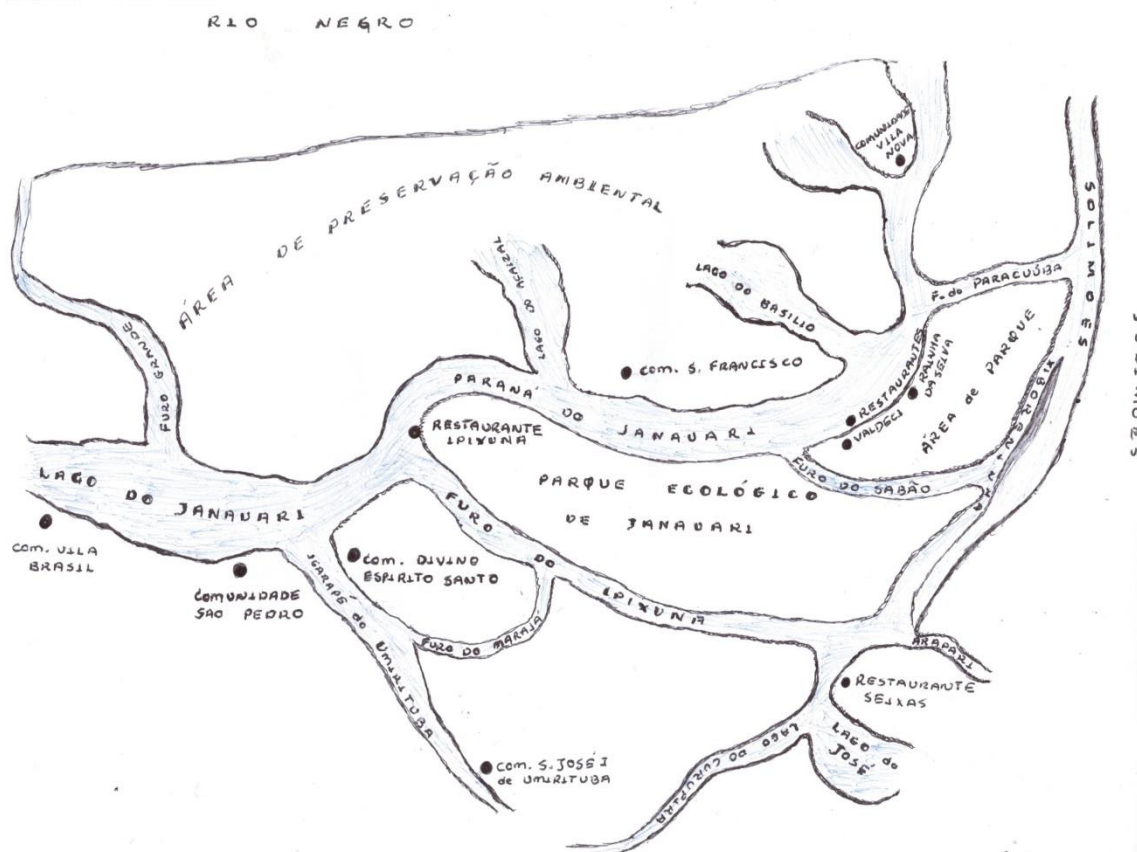
“Olha agora nós estamos no lago, ali onde tá o Flutuante Ipixuna que é do seu Belo, já é o Paraná do Janauari, nós vamos virar para a direita e entrar no Furo do Ipixuna, nesse furo morava seu Raimundo “Orelhinha” ele dizia que era índio andava todo paramentado, foi ele que começou a fazer o artesanato. Aqui quando era menino a gente vinha vender os colares, a meninada com os braços cheios se colar vendia nas lanchas que vinha cheia de turista. Olha agora vamos entrar no furo do Marajá, e vamos sair lá perto do Divino Espírito Santo”. 11.12.2012

Este é Janauari, lugar da infância de Paulo (morador artesão de Janauari), das suas experiências, onde presenciou a vida que acontece diariamente.

Mapa Mental -05

Fonte: Edson Paulo.

Data: 11. 12. 2012



Esta vida diária, que se manifesta nas cores, nos símbolos, que constitui esse o texto que é a Terra e esta por sua vez, mostra ao homem a sua condição de existência, aparece para nós no Mapa Mental de número 06- de Seu Mario Jorge. Ao olharmos para ele somos remetidos ao que Eric Dardel (2012, p.03), salienta: “O rigor da ciência não perde nada ao confiar sua mensagem ao observador que sabe admirar, selecionar a imagem justa, luminosa, cambiante”.

Este Mapa, eu não acompanhei o processo de elaboração, e foi uma surpresa, quando encontrei, seu Jorge relatou-me: “Tá aqui o mapa, eu fiz em uma cartolina, não dava para colocar naquela folha que a senhora me deu”.

Mapa Mental -06

Fonte. Mario Jorge



Para seu Jorge, Janauari é grande e tem muitas “coisas”, que uma folha de papel A4 não é suficiente para desenhar. Os Mapas diferenciam, dado a percepção individual de cada um, mas no processo de construção os moradores sempre começavam pelo que eles definem como entrada do Janauari, o Paraná e o Lago sempre o centro de onde as coisas se encaminham.

Ao vermos os Mapas e os relatos dos moradores de Janauari, reportamos-nos a Merleau-Ponty (2011, p.14) nos esclarece: “O mundo não é aquilo que penso, mas aquilo que vivo”, para além das formas geometrizadas, Janauari, é o lugar onde seu Jorge, Paulo, Givaldo, dona Marta, Dona Georgina, constituíram suas vidas, que

fizeram deles gente do lugar, e que lhes confere um conhecimento e saber a cerca do mesmo.

Ao falarmos de Januari como um lugar de existência humana e buscarmos conhecer como os moradores o representam, queríamos compreender esta interrelação dos moradores com o lugar por eles vivido. O que possibilita compreendermos como esses homens e mulheres ressignificaram seus símbolos, seu conhecimento a partir da prática turística e artesã existente em Januari. Esta ressignificação aparece para nós quando seus moradores nos explicam como surgiu a prática do turismo e do artesanato em Januari.

3.4- O Lugar na Dinâmica Turística.

Ao propormo-nos falar do turismo em Januari, buscamos entender como se deu a prática dessa atividade no lugar, a partir da compreensão dos moradores. Esta interrelação dos moradores com o lugar a qual vivem, nos possibilitou compreender como esses moradores ressignificaram o conhecimento adquirido ao longo de sua existência para prática do turismo e do artesanato, e como este processo de ressignificação foi importante para o desenvolvimento das respectivas atividades e para os próprios moradores. Os moradores nos relataram como aconteceu e como tem acontecido o turismo e, por conseguinte expõe sua opinião e suas necessidades acerca do turismo em Januari.

Em conjunto com a fala moradores reportaremos a alguns conceitos discutidos no primeiro capítulo deste trabalho. Cabe fazer uma ressalva, de que não iremos falar do turismo por meio dos dados estatístico de órgãos oficiais, mas sim por meio daqueles que vivenciam o exercício dessa atividade, com isso não estamos dizendo que estes dados ou informações oficiais não aparecerão sim eles estarão presente, sempre que necessário, para contrapor com aquilo que não condiz com realidade vivida pelos moradores no exercício da atividade.

Dona Georgina (moradora-artesã de Januari) nos diz que: “Quando era menina já existiam umas lanchas que traziam turistas, era a lancha Tucunaré do o senhor Boreu,

depois veio a lancha Acariú, era do dono da Amazon Explorer, só depois veio a Selvatur e Fontur”. Percebemos que neste momento os moradores não estão inseridos na atividade turística, de início os moradores são apenas observadores de uma atividade que aos pouco transformou a realidade deste lugar

Edson Paulo (morador-artesão de Janauari) nos relata que a “vila de pescadores e ribeirinho”, definições próprias, começa a desenvolver o turismo no final de 1960 com alguns pernoites. O morador relata ainda:

“Teve esse início no final dos anos 60, mas é na segunda metade da década de 70, com o apogeu da zona franca, era naquela época de turismo de compra, onde todo mundo queria comprar os eletrônicos, mas também queria conhecer a floresta o encontro das águas, e dessa forma que o Janauari passa a fazer parte do roteiro turístico do Amazonas”. Edson Paulo em 11.12.2012

Por meio da narrativa de Paulo (morador-artesão de Janauari), percebe-se o momento que os moradores são inseridos na atividade turística, a vila de pescadores e agricultores encontra no turismo no artesanato outra oportunidade econômica. Percebemos que o turismo em Janauari advém do turismo de compra, existente em Manaus, que encaminha para a segmentação do turismo de natureza presente em Janauari

As empresas Selvatur e Fontur são apontadas por todos os participantes da pesquisa como “pioneiras” na prática do turismo em Janauari, relatam traziam os turistas para a comunidade, Seu Luiz (morador- primeiro artesão de Janauari) nos relata que: “a Selvatur construiu um flutuante grande, um hotel, só que a gente não podia entrar tinha que ter um carimbo, crachás, essas coisas”. Explica-nos que depois de um tempo, vendendo o artesanato para os turistas, é que eles passaram a trabalhar nas empresas.

Seu Belarmino (morador- restaurante Ipixuna), nos relata que foram os donos da Selvatur que colocaram o nome da comunidade Janauarilândia, onde está localizado os dois restaurantes, a feira do artesanato, o lago da Vitória-Régia. Explicam que a Selvatur faliu depois de um acidente onde ocorreu a morte de oito turistas, e a mesma teve que indenizar as famílias destes.

Este fato também é relatado por todos os participantes da pesquisa, sendo o que corroborou para a venda de um dos flutuantes da empresa, a um dos moradores que trabalhava na empresa e que já tinha uma “certa experiência” com turismo comprou o flutuante, o seu Dioclecio Coelho (morador proprietário restaurante Valdecy- Janauari) comprou o flutuante e estruturou o restaurante do Valdecy. Além desse restaurante, está instalado em Janauari o Restaurante Rainha da Selva (homenagem a Samauma), do seu Raul, que nos conta “trabalhei vinte e dois anos de canoeiro, depois fui vender jaraqui frito num barco que eu tinha, eu e minha mulher... foi assim que estruturei meu restaurante. Hoje trabalha eu e toda minha família”.

Percebemos na narrativa de seu Raul que inicia suas atividades no turismo como canoeiro conduzindo os turistas pelas trilhas nos igapós. Seu Raul antes de trabalhar com o turismo era pescador, esta atividade conferiu-lhe um conhecimento acerca dos lagos, igapós que permitiu a este morador exercer a atividade de canoeiro.

Próximo à comunidade São Pedro, mas precisamente no Paraná do Janauari, encontra-se o Flutuante Ipixuna, propriedade do seu Belarmino Coelho, onde funciona uma lanchonete e a venda de artesanatos que compra dos artesãos.

Em Janauari existe a feira do artesanato, onde os artesãos expõem seu material para venda. Vendem na feira os artesãos que fazem parte da Associação dos feirantes de artesanato- ASFAST, esta é uma associação limitada com um total de 29 associados, “temos também a Associação dos Produtores de Artesanato de Janauari- ASPROART-JAN. Foi construída há três anos e tem um total de 80 associados, e eu sou o presidente” como nos explica o Paulo (morador-artesão de Janauari), também acrescenta a essa estrutura a construção da Central de artesanato de Janauari na comunidade de São Pedro, obra que se encaminha para três anos de construção. Percebemos na narrativa dos moradores que o turismo possui, ainda que pequena, uma infraestrutura turística e uma organização social.

Os moradores percebem o turismo como algo bom, que possibilitou a eles melhores condições econômicas e a permanência no seu lugar de origem, a aprender outro ofício com a prática do artesanato. Seu Givaldo (morador- artesão de Janauari) nos esclarece: “olha moça, o turismo para nós, foi uma benção, um socorro” esta

percepção é presente na fala de seu Raul: “O turismo foi muito bom, não só pra cá pro Janauari, mas para o Amazonas como um todo, ajudou muita gente”.

Os moradores o percebem como algo bom, ao perguntamos se eles viam algo de ruim, estes são categóricos em afirmar que não são eles os maiores beneficiados com o turismo. Afirma que são as agências de receptivo as maiores beneficiados. E esta é uma percepção dos artesãos e dos donos de restaurante, seu Demetrio relata:

“As agências que ficam com a maior fatia do bolo... por uma parte a gente é meio explorado pelas agências, acontece às vezes os barcos fretados pelas agências vender artesanato mais barato que o nosso. Outra coisa e a gente construiu a trilha para o lago da Vitória-Régia e as agências não nos ajuda com a manutenção da trilha, e quando falamos em cobrar uma quantia simbólica, eles não aceitam, dizem que não vão mais trazer grupo pra cá”.
Seu Demetrio em: 29.09.2012

Além dessas situações atribuídas às agências, Dona Georgina nos fala: “mesmo sem a gente ter vendido nada tem que dá o “agrado” (remuneração) do guia, se não ele não traz o turista outra vez na nossa banca”. Estas são as observações feitas pelos artesãos. Mas essa percepção de exploração também é pertinente na fala de Alcineide (moradora- proprietárias do Restaurante Rainha da Selva), que relata: “o pessoal das agências nunca pagam tudo de uma vez, passa de quinze a vinte dias para efetuar o pagamento, estão sempre tentando passar a perna na gente” este relato e confirmado por outros moradores.

Outra realidade vivenciada pelos artesãos e pelos proprietários de restaurante e a sazonalidade, no período de vazante os mesmo necessitam retirar os flutuantes do lago e passam em torno de três a quatro meses na comunidade Terra Nova, no município de Careiro da Várzea-AM, o que para eles gera mais custo e alguns transtornos. Alcineide (moradora- proprietárias do Restaurante Rainha da Selva) nos relata: “é muito difícil, a gente se sente muito inseguro com isso, fico torcendo para o rio encher logo e a gente poder voltar para casa”.

Além dessa percepção que eles têm do que não está a contento, acrescenta a ausência de políticas públicas voltada para o turismo que se efetue de fato, para atender suas necessidades. Podemos constatar na fala de seu Raul “a gente nunca teve um

governo que olhasse por nós, um prefeito que se preocupa com o turismo aqui”. Assim como na fala dos demais moradores, seu Demétrio é enfático em nos dizer:

“Há mais ou menos uns seis anos a AMAZONASTUR ficou de trazer um terminal flutuante turístico- TFT, só sei que nunca apareceu, a Central de Artesanato já tá com mais de três anos em construção... Eles aparecem fazem uns cursos e ai vão embora... não tem uma continuidade.” Seu Demétrio em: 29.09.2012

Ainda que Januari seja divulgado enquanto um Polo de Ecoturismo pelo órgão oficial do Estado a Empresa Estadual de Turismo- AMAZONASTUR, este, em nada se aproxima aos critérios que define essa segmentação do turismo, ainda que seja difícil a conceituação, o ecoturismo de base comunitária a partir do que nos esclarece o Manual de Ecoturismo de base comunitária (2003), a sustentabilidade do ecoturismo não é a finalidade a ser alcançada, mas ser esta a condição de existência deste segmento, outro importante é que este não pode ser a única alternativa econômica. O que exige um planejamento criterioso e ainda, serem os comunitários dos lugares a protagonizar a atividade.

Os moradores percebem essas situações, e evidenciam o desejo de mudanças e transformações é bem perceptivo no que defende seu Paulo (morador-artesão de Januari): “O turismo é o grande foco da nossa comunidade... O processo foi meio conturbado, precisa ser repensado, melhorado”.

A partir da percepção dos moradores notamos que o turismo, surge para atender aos grandes empresários, que diante de suas necessidades, acabam por envolver os moradores do lugar. Diante dessa nova alternativa econômica, os moradores de Januari resignificaram seu conhecimento adquirido com o decorrer da vida que passam a ser direcionada para a atividade turística e o artesanato.

Os pescadores, por possuírem um conhecimento dos lagos, dos igapós, passam a usar desse conhecimento na condução dos turistas por essas trilhas aquáticas, como percebemos pela narrativa de seu Raul (morador- proprietário do restaurante Rainha da Selva). Seu Luiz (morador-artesão de Januari) dizendo que além de confeccionar artesanato, trabalham durante muito tempo no restaurante, manuseando o peixe que era servido aos turistas. Esta habilidade de seu Luiz dar-se pela sua experiência como pescador.

Esta ressignificação das experiência e do conhecimento também é presente nas narrativas de seu Nelson (morador-pescador de Janauari), evidenciaremos uma fala presente no primeiro capítulo deste trabalho, quando nos contou que trabalhou muito tempo com turismo e com o artesanato, mas que o que ele mais gostava de fazer era de levar os turistas para pescar, proporcionar a eles esta experiência.

A atividade turística propicia uma nova dinamicidade ao lugar, os moradores deixam a agricultura, a pesca e passam a ser artesãos ou estão envolvidos em alguma forma com a atividade turística, no entanto, eles ainda mantêm o hábito de se relacionar com a natureza. Esta relação é pertinente na forma como seu Nelson (morador-pescador de Janauari), representa Janauari, quando ele evidencia, os igapós, igarapés. Assim como seu Nelson, os demais moradores evidenciam em suas representações, a dinamicidade do turismo neste lugar, os restaurantes, a feira, os furos e igarapés onde se faz as trilhas aquáticas. Ao falarmos da dinâmica do turismo, de imediato somos direcionados ao artesanato existente em Janauari.

3.5 Artesanato e sua Prática Local.

Nossa compreensão acerca do artesanato local dar-se a partir das memórias dos moradores de Janauari. A prática dessa atividade é percebida por todos moradores como resultado do turismo que passou existe em Janauari.

Seu Edson Paulo (morador-artesão de Janauari) percebe o artesanato como sendo: “um braço do turismo dentro da comunidade”. Os moradores de modo geral explicam que o artesanato começa com o senhor Raimundo Trindade, conhecido por eles como seu “Orelhinha”, ele residia no Furo do Ipixuna, começou fazer uns colares com tento, lágrimas, seringa (sementes do lugar), passou a ensinar os outros moradores a fazer os colares, e ele mesmo vendia para os turistas. “Era um artesanato muito rústico” afirma seu Edson Paulo (morador-artesão de Janauari)

Aos poucos foram ensinando uns aos outros. Seu Givaldo (morador artesão de Janauari) nos explica que, passaram a fazer esses colares com tudo que eles achavam na

floresta, sementes, penas, escamas de pirarucu, faziam e vendiam. Diz-nos que: “com tempo tiveram que mudar, o IBAMA passou a controlar, e também era preciso melhorar as peças, as pessoas que compra o artesanato ficaram mais exigentes”.

“Foi assim que criamos outros artesanatos, as bonecas de cuia, as zarabatanas, e as carrancas” e que nos explica seu Givaldo (morador artesão de Janauari). Percebemos que o artesanato sofre alterações, as penas de aves são substituídas pelas de galinha, que eles pintam colorido-as, escamas de pirarucu são legalizadas, as sementes como o tento, lágrimas, seringa, aparecem em menor quantidade dando espaço para as sementes de açai.



Foto: cabaça “bordadas”

Fonte: Ana Lídia Ferreira.

Organização: Ana Lídia Ferreira



Data: 20.01.2013

Foto: semente do Tento

Fonte: Ana Lúcia Ferreira

Data: 15.02.2012

Os artesãos compram as cabaças da comunidade de Catalão no município de Iranduba- Am, assim como as cabaças, grande parte do material usado para fazer as carrancas e as flechas vêm das comunidades limítrofes de Janauari.

Seu Demetrio (morador artesão de Janauari) nos conta: “No começo foi difícil bordar as cabaças, ficava com os dedos cortados. Depois peguei a prática”. Explicamos que começou a confeccionar artesanato com 12 anos de idade, minha mãe fazia e ensinava a gente a fazer também. A confecção do artesanato acontece na própria casa dos artesãos e em sua maioria envolve os membros da família. Muitos moradores manifestam o desejo da prática artesã permaneça em suas famílias.



Foto: Seu Jorge e o filho confeccionando arco e flechas
Fonte: Ana Lúcia Ferreira.
Data: 20.01.2013



Foto: Seu Demetrio, confecção das carrancas
Fonte: Ana Lúcia Ferreira
Data: 20.09.2012

Os artesanatos confeccionados em Januari não são mais vendidos apenas para os turistas que visitam este lugar, a maioria dos artesãos entrega suas peças na Praça Tenreiros Aranha, Mercado Adolfo Lisboa, Aeroporto Eduardo Gomes. Da mesma forma que nem todo artesanato vendido em Januari é proveniente dos artesãos do lugar.

Percebemos que os moradores de Januari não identificam suas peças como sendo peças confeccionadas por eles, ao perguntamos alegam que se identificam como sendo peça artesanais de Januari e não conseguem aceitação no mercado, impossibilitando assim dar uma identidade ao artesanato elaborado por estes artesãos.

A prática do artesanato foi uma atividade que passou a fazer parte da realidade deste lugar a partir do advento do turismo. Esta atividade também encaminha os moradores a ressignificar a sua relação com o lugar a qual vivem. Os moradores descobrem em algumas sementes e frutos existentes no Januari, a possibilidade de desenvolver outra atividade econômica, que os desgastes menos, e que possibilite que os mesmos continuem a morar em seu lugar. O artesanato influencia as relações entre os moradores, em um primeiro momento estes partilham o que sabem fazer com aqueles que estão iniciando na atividade, após a consolidação desta atividade, os artesãos passam a possuir outras formas de organização, como já evidenciamos as associações existentes em Januari.

Torna-se evidente que a prática artesã existente em Januari é resultado do turismo que acontece nesse lugar, no entanto, com o decorrer do tempo esta atividade passou a ter uma relação cultural com Januari, atividade alicerçada na habilidade manual desses homens e mulheres que tem no artesanato seu ofício de vida.

Os moradores de Januari possuem uma relação existencial para com o lugar, onde tem suas vidas alicerçadas. Estes moradores identificam-se, reconhecem-se, sentem-se seguros, significam e ressignificam seus símbolos e signos, uma interrelação que dar-se a partir de suas experiências com o lugar.

Estas experiências possibilitam aos moradores um conhecimento acerca de Januari. As experiências e o conhecimento obtido a cerca do lugar são ressignificadas

por esses moradores com a presença do turismo e a prática artesã existentes em Janauari.

Percebemos que o turismo e artesanato dinamizam o lugar, e ambas as atividades são percebidas pelos moradores como algo significativo e importante que permite a eles fazer e continuar a se relacionar com a natureza, assim como viabilizou as suas permanências em seu lugar de origem, percebem as mudanças que aconteceram no lugar, refletem sobre elas, e a partir dessas reflexões acreditam e anseiam por melhorias, assim como turismo e artesanato existente em Janauari

CONSIDERAÇÕES E PROPOSIÇÕES

Percebemos que a geografia, enquanto conhecimento, sempre acompanhou o homem, sendo parte de sua condição existencial. Com a consolidação da Geografia enquanto ciência, este conhecimento é posto a margem das reflexões.

Ao fazermos este trabalho, interessou-nos este conhecimento presente na condição de existência de cada ser. E aqui, na condição de existência dos moradores de Januari, a maneira pela qual estes homens e mulheres se relacionam com seu mundo, a partir das suas práticas cotidianas, seja pescando, plantado, produzindo ou vendendo artesanato, confere a estes um conhecimento sobre o mundo a partir das experiências, possibilitando os estabelecerem em Januari a base de sua existência.

Por meio das bases teóricas da Geografia Humanista, buscamos conhecer essa relação intrínseca de homens e mulheres com seu mundo, o que encaminha para compreensão e valorização, de um modo de vida, por conseguinte, da cultura local. Ao pautarmos nossa reflexão na Geografia humanista bases fenomenológica existencial, tornou-se possível conhecer um lugar chamado Januari que, além de ricas belezas naturais que alcançamos de imediato com olhar, constituísse de homens e mulheres que se alicerçam neste espaço geográfico tornou-se em um lugar vivido de cada morador, o que nos remetes a Dardel (2012), este explica que: “todo homem procura um lugar para alicerçasse enquanto ser no mundo”.

Os elementos naturais que constitui os atrativos turísticos são apenas parte da paisagem Januari. Neste lugar está impressa a marcas dos moradores, que criaram, aprenderam e ensinaram e ressignificaram seus símbolos, a paisagem de Januari constituísse da subjetividade humana.

Os moradores de Januari percebem-se enquanto seres no mundo, refletem, compreende e contextualizam os processos de transformações vividos por eles. Sentem-se seguros, orientam-se, reconhecem enquanto “gente do lugar”, interpreta seus símbolos e signos que constitui para eles este lugar denominado de Januari.

Por meio dos Mapas Mentais dos moradores de Janauari percebemos o que era bem presente na narrativa dos mesmos; Janauari é lugar onde eles alicerçaram a base do seu ser. Conseguimos vislumbrar um lugar que não está apenas no imaginário de dona Georgina (moradora artesão), e demais moradores, mas que traz consigo o lugar por eles experienciado. Estes Mapas Mentais trazem a representação a ressignificação do seu lugar, da realidade, do seu dia-dia, e de suas experiências, expuseram todo o conhecimento geográfico que estes possuem acerca lugar. Remeteu-nos aquilo que Cowa (1942 p. 88), diz que “a sabedoria que é adquirida durante o curso da vida é o resultado da ternura da mente para com o coração”.

Janauari, a partir do olhar dos comunitários, passou por um grande processo de transformação, que alterou o modo de vida. Os moradores tiveram que dar aos elementos físicos da paisagem, uma nova conotação. Este processo de transformação dar-se a partir da atividade turística e da prática artesã. Mesmo com esses processos de transformações, percebemos que os moradores mantêm o que era de costume, a pesca, a forma de se relacionarem com a natureza, suas crenças.

Por meio da narrativa dos moradores de Janauari percebemos que o turismo passou a ser à base da economia local, no entanto, o mesmo ocorreu de forma desordenada, sem um planejamento, onde prevalecia apenas o interesse econômico das empresas que ali se instalaram Selvatur e Fontur.

Com o colapso das empresas que dominavam o turismo em Janauari, os moradores dado a sua experiência com atividade turística, passam a ter uma maior autonomia no desenvolvimento da atividade, o que corroborou para um maior nível de organização social, no entanto, na perspectiva dos moradores de Janauari, é necessário dar uma nova dinamicidade e melhor organizar a atividade turística no lugar.

Esta colocação é pertinente na fala de seu Paulo (morador e artesão de Janauari) ao expressar que: “o turismo aconteceu de forma desordenada, precisa ser melhorada, inovada”. Ao apontar os problemas existentes, indicam a ausência e ineficácia de políticas pública para a prática da atividade, seja âmbito municipal, estadual e federal.

Podemos perceber esta situação presente na fala de seu Demetrio (morador e artesão de Janauari), “a gente tem pouco apoio, tudo que a gente faz é assim da nossa

cabeça mesmo, não temos assim quem nos ajude. O terminal fluvial turístico- TFT, era pra ter chegado aqui há uns seis anos. A central de artesanato está sendo construído há três anos, a Amazonastur- (Empresa Estadual de Turismo), dá uns cursos, aí some, sentimos falta de uma continuidade”. Podemos acrescentar a isso a fala de seu Raul (morador, proprietário de restaurante Rainha da Selva), “nunca tivemos um governo que olhasse por nós, que dê o apoio que nós precisamos”.

Januari como demonstramos, é apresentado pelo órgão oficial do Estado do Amazonas a Empresa Estadual de Turismo- Amazonastur, como sendo, parte integrante dos polos de ecoturismo do Estado do Amazonas. Há nível municipal, a Lei 129- Plano Diretor de Iranduba em seu 15 art. Inciso III indica a implantação de um Polo turístico no município de Iranduba, atribuiu ainda, a este inciso um parágrafo único que determina um prazo de 180 dias, para a implantação do Polo de Turismo, e este deverá incluir o turismo de base comunitária, e ainda, firma parceria com o programa de ecoturismo do Ministério do Meio Ambiente.

Ao olharmos a literatura acerca do ecoturismo, notamos que divulgar um produto enquanto ecoturismo tornou-se uma prática comum no Brasil, como explica Nelson (2004), autora nos diz que: muitos produtos são divulgados como ecoturismo ocorrendo de forma oportunista, sem um real compromisso ético com a prática dessa segmentação e, que tem sido usado apenas para divulgar produto.

Ainda que o turismo de Januari seja apontado enquanto segmento de ecoturismo pelos órgãos oficiais, o mesmo não condiz realidade local, haja vista, não atender o tripé que alicerça a sustentabilidade: o equilíbrio ambiental, social econômico, esta situação se torna evidente a partir da exposição daqueles que vivem a realidade do turismo em Januari, os moradores do local.

Podemos afirmar que o turismo que ocorre em Januari é de contemplação de natureza. Aconteceu e continua a acontecer de forma desordenada, sem um planejamento, como bem aponta os participantes da pesquisa. Onde os maiores beneficiados são os grandes empresários que detém maior o poder econômico, agenciadores, e demais componentes do *trad* turístico, que levam os turistas para os atrativos de Januari, que decidem como e quando vão pagar, não contribuem para com o cuidado dos atrativos turísticos usufruído por ele.

O poder público é negligente em suas responsabilidades, seja com ausência ou com ineficiências de políticas públicas para o Turismo em Janauari. Não ajuda os moradores com condições e possibilidades a fim de que estes organizem atividades e desenvolvam atrativos para o local, como bem propõe Brasil (2010), ainda que estejam envolvidos e alicersem a base desta atividade, cabe a estes comunitários o papel de coadjuvante na prática da atividade turística.

Notamos também que estes moradores por sua vez, não percebem a força que lhes é conferida, ainda que os mesmos possuam um certo nível de organização, estes ainda não conseguiram constituir uma unidade em prol de melhorias para a coletividade, no entanto, os mesmos demonstram ter consciência dessa situação, o que já é de grande avanço para caminharem em busca desse desenvolvimento coletivo.

A partir das minhas observações, percebo que não é suficiente apenas apontar um produto enquanto ecoturismo, é preciso buscarmos na teoria elementos que permitam fazê-lo acontecer na prática. Apontar Janauari como segmento de ecoturismo, é demonstrar o total desconhecimento acerca do que caracteriza o Ecoturismo de base comunitária, assim como, é prova do desconhecimento ou negligenciamento a cerca de como tem ocorrido o turismo em Janauari.

Torna-se claro e evidente que Janauari, enquanto parte integrante do Polo de Ecoturismo do Estado do Amazonas, está à margem da sustentabilidade, atende à necessidade dos grandes empresários onde os moradores que vivem a realidade do lugar são subjugados em prol do interesse econômico daqueles que detêm maior poder econômico.

Outra situação observada é que o artesanato, enquanto prática local que advém do turismo, assume novas proporções, nas exposições de alguns moradores notamos que parte do que confeccionado por eles são direcionados para outros espaços onde ocorre a atividade turística, aeroporto, feiras e mercados de Manaus.

Notamos ainda, que são essas encomendas de artesanato que os moradores entregam nestes lugares sendo está a maior renda desses artesãos. O que acaba por desvinculá-los mais que diretamente do turismo que ocorre em Janauari. Notamos que a prática artesão em Janauari surgiu com o advento do turismo, no entanto, os artesãos

não estão tão vinculados a atividade turística existente dentro de Janauari, os mesmo demonstram que gostariam de poder estar mais envolvidos com a prática da atividade. Os artesãos sofrem imposições na hora da confecção suas peças, os mesmo não conseguem identificá-las enquanto artesanatos confeccionados em Janauari, afirma que se colocarem o nome de Janauari não conseguem vender.

Ao fazermos tais esclarecimentos, não estamos afirmando que atividade turística não traz benefício para Janauari, ou que a mesma seja inapropriada para o lugar, queremos sim promover uma reflexão para compreendermos a relação dos moradores possuem com o lugar ao qual vivem, e partindo dessas percepções pensarmos, como promover de fato e direito o Ecoturismo de base comunitária em Janauari, onde os moradores deste lugar sejam beneficiados de forma igualitária aos demais integrantes do *trad* turístico.

Queremos também chamar a atenção para que o Poder Público, seja no âmbito municipal, estadual, para que assuma seu papel, na criação, efetuação e consolidação de políticas públicas para o turismo, e que sejam pensada a partir da realidade (necessidades, anseios, saberes) de quem vive os lugares onde ocorre a prática da atividade turística. Que sejam construídas e efetuadas para eles, e com eles.

Ao refletirmos o lugar Janauari, na perspectiva da geografia humanista, pautamo-nos no anseio de compreender este lugar e a prática atividade turística por meio daqueles tive a experiência, os habitantes de Janauari. Por entendermos que o lugar constituísse para além de suas dimensões geométricas, mas onde o ser humano se estabelece enquanto ser no mundo e que se percebe como tal, por acreditamos que o turismo é antes de tudo fenômeno das experiências humanas.

Assim como Nogueira (2001 p.), acreditamos que é preciso reaprender a ver os lugares, creio também que: precisamos reaprender a ver o turismo. É preciso vê-lo antes de tudo como uma atividade que tem como base as relações humanas, onde envolve inúmeras outras faces que são tecidas juntas, que se faz necessário colocar o homem no centro da discussão deste fenômeno.

Chamo atenção para algo que, a meu ver, é de suma relevância e de grande urgência: vencer a perspectiva economicista que é atribuída ao turismo. Que antes de se

rotular um produto como ecoturismo, este seja pensado e planejado, para que não seja apenas uma rotulação, mas que este se torne na prática aquilo que ele se propõe ser: sustentável.

Para que Ecoturismo de Base comunitária aconteça é preciso seguir o que manual de Turismo de base comunitária (2003), propõe que é preciso realizar um planejamento para a que ocorra a consolidação do segmento do ecoturismo de base comunitária em certos lugares de destinação turística. Indica que para fazer este planejamento é preciso que seja pensado os seguintes elementos: temporal, político, social, geográfico, este último é limitado apenas pelas condições dos elementos físicos. Eu proponho que o elemento geográfico transcenda a perspectiva do físico, e que avance para a relação de como esses, os signos geográficos, são compreendido e como é a relação do homem para com o mesmo, que dar-se partir da percepção e da representação desse espaço geográfico.

Os aportes teóricos adotado na estruturação deste trabalho corroboraram para alcançarmos elementos que nos possibilite pensarmos em um ecoturismo de base comunitária em Januari. E a partir desses elementos refletirmos como podemos efetuar de fato e direito este segmento de Januari. Que se estruture antes de tudo a partir dos moradores de Januari, a partir de sua vivencia diária, e pensarmos a prática da atividade a partir do modo de vida desses moradores, a partir de seus saberes, que este não seja apenas garantia de status para se vender enquanto “produto sustentável”, mas que aconteça em prol dos moradores que habitam esse Lugar chamado JANAUARI.

REFERENCIAL.

BARRETO, Margarita. **Manual de iniciação ao estudo do turismo**. 9^o.ed. editora Papyrus. Campinas- SP, 2000

_____. **Turismo e Legado Cultural**. 2^a. Ed. Campinas, SP: Papyrus, 2000

BRASIL. Ministério do Turismo. Programa de Regionalização do Turismo: Roteiros do Brasil – **Roteirização Turística** (Módulo Operacional 7). Brasília, 2005.

BRANCO, Samuel Murgel. **O desafio Amazônico**. Ed. Moderna, São Paulo 1995

BUTTNER, Anne. **Apreendendo o Dinamismo do mundo vivido**. IN: CHRISTOFOLLETTI, Antonio. (orgs.). **Perspectivas Geográficas**. São Paulo: Difel 1985.

BENI, Mario Carlos, **Análise Estrutural do Turismo**, 12 ed. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2007.

BIESEK, Ana Solange. **Turismo e Interpretação Cultural**, 1^o ed. Papyrus, São Paulo 2004.

Boff, Leonardo. **Saber: ética do humano- compaixão pela Terra**. Ed. Vozes Petropolis – Rj, 1999.

CASTRO, Nair A. Ribeiro de. **O Lugar do Turismo na ciência geográfica: contribuição teórica metodológica ação educativa**. 2006 300p. (TESE) doutorado FFLCH. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

CHRISTOFOLLETTI, Antonio. **Perspectivas Geográficas**. Ed. Difel São Paulo 1985.

COWAN, James. **O sonho do cartógrafo: meditações de Fra Mauro na corte de Veneza do século XVI**. Tradução de Maria de Lourdes Reis Menegale.- Ed. Rocco, Rio de Janeiro 1999.

CLAVAL, Paul. **A geografia Cultural:** tradução Luiz Fugazzola e Margareth de Castro Afêche Pimenta. 3^o. Ed- Ed. a EFSC. Florianópolis 2007

_____. **A Nova Geografia:** tradução Felipe Machado Coimbra Portugal, 1978.

CONCEIÇÃO, R.S. **A percepção da degradação ambiental em Iranduba-Am: uma análise integrada.** Dissertação de mestrado. Departamento de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Amazonas- UFAM, Manaus-Am, 2009

DARDEL, Eric. **O homem e terra: natureza da realidade geográfica.** Tradução Werther Holzer- Ed. Perspectiva, São Paulo 2011.

DARTIGUES, André. **O que é Fenomenologia?** Tradução de Maria José J. G. de Almeida. 10^o ed. São Paulo: Centauro, 2008.

DIAS, Reinaldo. **Turismo e Meio Ambiente.** 1^o ed. Atlas São Paulo 2003

DINIZ Filho, Luiz Lopes. **Fundamentos Epistemológico da Geografia.** 20^o ed. Curitiba: IbpeX. 2009.

EMBRATUR/IBAMA. **Diretrizes para uma Política Nacional de Ecoturismo.** Brasília 1994.

EMPRESA ESTADUAL DE TURISMO-AMAZONASTUR. **Síntese dos indicadores do turismo- 2003-2009.**

HOLZER, Werther. **Paisagem, Imaginário Identidade: Alternativa para o Estudo geográfico.** IN: Rosendahl, Corrêa Roberto Lobato (orgs). Manifestações da Cultura no Espaço. Ed. UERJ, Rio de Janeiro, 1999.

_____. **A geografia humanista: trajetória de 1950 a 1990. Dissertação de mestrado.** Rio Janeiro: UFRJ, 1992.

GONÇALVES, Leandro Forgiarui de. **Geografia Humanística e Turismo: um enfoque humanístico para o estudo do turismo.** V Seminário de Pesquisa em Turismo do Mercosul (SemiTUR) Universidade de Caxias do Sul, Rio Grande do Sul Brasil, 2008.

IGNARRA; Luiz Renato, **Fundamentos do Turismo** 2º ed. Revista Ampliada, São Paulo 2003.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA-IBGE. **PIB Municipal.**Disponívelem:<[HTTP.www.ibge.gov.br/home/economia/pibmunicipio/20042010/default.shtm](http://www.ibge.gov.br/home/economia/pibmunicipio/20042010/default.shtm)>, acesso em: 20.04.2012.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA-IBGE. **Cadastro Central de empresas.** Disponível em: <<http://WWW.ibge.gov.br/home/estatística/economia/cadastroempresas2009/default.shtm>>, acesso em: 20.04.2012.

INSTITUTO NACIONAL DE PESQUISAS ESPACIAIS-INPE. **Projeto Prodes:** Monitoramento da Floresta Amazônica por Satélites. Disponível em: < <http://WWW.dpi.inpe.br/prodesdigital/prodesmunicipal.php>> acesso em 22.04.2012.

IRANDUBA, Lei nº 129, de 10 novembro de 2006. **Plano Diretor**, Iranduba.

KRIPPENDORF, Jost. **Sociologia do turismo.** Para uma nova compreensão do lazer e das viagens: Ed. Civilização brasileira, Rio Janeiro 1989.

MARQUES, marcos Aurelio. **Thiago de Mello- uma poética do Lugar:** Editora Valer, Manaus 2012.

NELSON, Sherre Prince. **Ecoturismo para práticas sustentáveis.** Org. Sherre Prince Nelson e Ester Maria Pereira: editora Valer/Uninorte, Manaus 2004.

NOGUEIRA, Amélia Regina Batista. **Percepção e representação gráfica: a geograficidade dos Mapas dos comandantes de embarcações no Amazonas.** 181.f.

Tese de (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Filosofia, Letras Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

_____. **Uma Interpretação Fenomenológica da Geografia.** IN: SILVA, Aldo A. Dantas da. GALENO, Alex. (orgs.) Geografia: Ciência do Complexus: Ensaios Transdisciplinares. Ed. Sulina. Porto Alegre, 2008.

MARANDOLA JR., Eduardo; Gratão, Lucia Helena Batista (orgs.) Geografia e Literatura: Ensaios sobre a geograficidade, poética e imaginação. Ed. Eduel. Londrina-PR, 2010

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção.** Tradução: Carlos Alberto de Moura. 4ª. ed- São Paulo. 2011.

MELLO, Thiago. **Num Campo de Margaridas.** Philobiblion, Rio de Janeiro, 1996

M294, **Manual de Ecoturismo de Base Comunitária: ferramenta para um planejamento responsável.** Org. Sylvia Mitraud. Brasília, 2003.

PANOSSO, Netto, Alexandre: **Filosofia do Turismo: Teoria e Epistemologia.** 1º Ed. Aleph. São Paulo, 2005.

_____: **O que é o Turismo.** Ed. Brasiliense- coleção primeiros passos: 341. São Paulo, 2010.

PETROCCHI, Mário, **Turismo Planejamento e Gestão,** Ed. Futura, São Paulo, 1998.

PLANO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTAVEL E INTEGRADO DA REGIAO METROPOLITANA DE MANAUS-PDRMM, Edição.2. Secretaria da Região Metropolitana de Manaus. René Levy Aguiar, Consórcio Vetec/Valente,2010.

PLANO DE INCENTIVO AO TURISMO NA AMAZÔNIA, BANCO DA AMAZONIA, 2009.

PRODES-INPE. Desmatamento dos Municípios. Disponível em: [http : // WWW.dpi.inpe.br/proedesdigital/prodesmunicipal.phd](http://WWW.dpi.inpe.br/proedesdigital/prodesmunicipal.phd). acesso em 20.04.2012.

PROGRAMA PARA O DESENVOLVIMENTO DO ECOTURISMO NA AMAZONIA LEGAL BRASILEIRA- PROECULTUR, 2003. Disponível: <http://WWW.mma.gov.br/pot/sca/proeco/tuverd.html>, acesso em: 28.04.2012

RELPH, Edward. **Reflexões sobre a emergência, aspecto e essência do lugar**. IN: Eduardo Marandola Jr., Werther Holzer, Livia de Oliveira. Ed. Perspectiva. São Paulo 2012.

RODRIGUES, Adyr Balastrieri. **Turismo e espaço: rumo a um conhecimento**. 3°.ed. São Paulo. São Paulo 2001.

SANDERS, Ewarde G. **Ecoturismo e aspecto econômico**, IN. Org. Sherre Prinece Nelson e Ester Maria Pereira. Ecoturismo prática para um Turismo Sustentável. Ed. Valer. Manaus- AM 2004.

SEEMANN, Jorn. **Tradição Humanista na cartografia e a poéticas dos mapas**. IN: Eduardo Marandola Jr., Werther Holzer, Livia de Oliveira. Ed. Perspectiva. São Paulo 2012.

SILVA da, Charlei Aparecido e FILHO, Archimedes Perez. **Geografia, turismo e analise sistêmica**. IN: Vitte, Carlos Antonio (orgs). Contribuições à historia e à epistemologia da geografia. Rio de Janeiro: Betrand Brasil, 2007

SUERTEGARAY, Dirce Maria Antunes. **Ambiciência e Pensamento Complexo**. IN: SILVA, Aldo A. Dantas da. GALENO, Alex. (orgs.) Geografia: Ciência do Complexus: Ensaio Transdisciplinares. Ed. Sulina. Porto Alegre, 2008.

TUAN, Yi-Fu. Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência. Tradução: Livia de Oliveira. Ed. Difel, São Paulo 1983

_____. **Topofilia, Um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambientes**. Tradução: Livia de Oliveira. Ed. Difel, São Paulo 1980.

_____. **Geografia humanista** IN: CHRISTOFOLLETTI, Antonio. (orgs.). Perspectivas Geográficas. Ed. Difel. São Paulo 1985.